

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**ARTHUR TORRES CASER**

**O MEDO DO SERTÃO. Doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas  
Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)**

**Rio de Janeiro**  
**2009**

**ARTHUR TORRES CASER**

**O MEDO DO SERTÃO. Doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas  
Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Dominichi Miranda de Sá.

Rio de Janeiro

2009

C338 Caser, Arthur Torres

O medo do Sertão: doenças e ocupação do território na comissão de linhas telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915) / Arthur Torres Caser - Rio de Janeiro : s.n. 2009.  
137 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2009.  
Bibliografia: p. 128-137.

1. História das Doenças. 2. Malária. 3. Ciência. 4. História. 5. Brasil.

CDD: 616.09

**ARTHUR TORRES CASER**

**O MEDO DO SERTÃO. Doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas  
Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Aprovado em Julho de 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Dominichi Miranda de Sá (COC/FIOCRUZ) - Orientadora

---

Prof. Dr. José Augusto Pádua (IFCS/UFRJ)

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Nísia Trindade Lima (COC/FIOCRUZ)

**Suplentes:**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Moema Vergara (Museu de Astronomia e Ciências Afins)

---

Prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Simone Kropf (COC/FIOCRUZ)

Rio de Janeiro

2009

Dedico este trabalho à minha querida avó Cleusa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Dominichi Miranda de Sá. Uma orientadora sempre presente, solícita, dedicada e, sobretudo, interessada em todas as atividades que desempenhei ao longo do mestrado. Seu entusiasmo foi uma grande motivação para a realização de cada uma das etapas que levaram à conclusão deste trabalho.

Às professoras Nísia Trindade Lima e Simone Kropf, pela leitura atenciosa e pelas importantíssimas sugestões dadas por ocasião de meu exame de qualificação.

Aos demais professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz.

Aos alunos do PPGHCS, pela amizade e pela troca de idéias ao longo dos dois anos em que estivemos juntos.

Aos funcionários do Museu do Índio, pela boa vontade com a qual atenderam a todos os meus pleitos enquanto pesquisei nas dependências desta instituição.

À Tenente Solange e à professora Vânia Edith, da reserva técnica do Museu Histórico do Exército / Forte de Copacabana, pelo mesmo motivo.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Aos meus amigos e familiares, que foram inesgotáveis fontes de estímulo para o cumprimento do trabalho.

À Karina, que esteve ao meu lado ao longo de quase todo o tempo no qual estive envolvido com as pesquisas e a escrita da dissertação. Sem o seu amor, amizade e cumplicidade este trabalho não existiria.

## SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo I – O desafio de ocupar os sertões do noroeste.....	27
I.1 – A formação, a organização e o trabalho da CLTEMA.....	27
I.2 – Diversos caminhos para a ocupação dos sertões do noroeste.....	36
Capítulo II – O medo da malária e a criação do serviço sanitário da CLTEMA.....	43
II.1 – A ameaça das doenças.....	43
II.2 – Malária: a doença dos sertões do noroeste.....	51
II.2 – A criação do Serviço Sanitário da CLTEMA: a tentativa de controlar a malária..	62
Capítulo III – O celeiro da Terra ou os sertões do medo?.....	78
III.1 – Os Relatórios médicos da Comissão Rondon.....	78
III.2 – Quinina e mosquiteiro para a conclusão da Linha Telegráfica.....	97
III.3 – O beribéri e a alimentação nos sertões do noroeste.....	100
III.4 – Ancilostomíase e semicivilização.....	105
Considerações Finais.....	110
Documentos consultados.....	120
Publicações da CLTEMA.....	120
Relatórios Ministeriais.....	123
Outros documentos.....	128
Bibliografia.....	129

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AMI** – Acervo do Museu do Índio.

**ARTMHEx / FC** – Acervo da Reserva Técnica do Museu Histórico do Exército / Forte de Copacabana.

**CLTEMA** – Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.

**CLTMTG** – Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso a Goiás.

**CLTRJMT** – Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Rio de Janeiro ao Mato Grosso.

**SPILTN** – Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais.

**RGT** – Repartição Geral dos Telégrafos.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as relações entre doenças, conhecimento e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA), que, entre 1907 e 1915, atravessou de sul a norte amplas regiões do que hoje são os estados de Mato Grosso, Rondônia e Amazonas na faina de instalar uma linha telegráfica que seria responsável pela integração destas regiões às principais cidades brasileiras.

Procuro mostrar que a construção de linhas e estações telegráficas foi apenas parte de um projeto mais ambicioso, que previa a defesa das fronteiras brasileiras, contatos com sociedades indígenas, investigações científicas, e, sobretudo, a ocupação produtiva daquela porção do território nacional que os membros da Comissão chamavam de “sertões do noroeste”.

No entanto, a Comissão encontrou um sem número de dificuldades para o cumprimento daqueles objetivos, entre os quais a animosidade de alguns grupos indígenas; as dificuldades de transporte numa região bastante acidentada e praticamente inexplorada; as constantes chuvas somadas a períodos de calor inclemente; e, finalmente, as doenças – o grande martírio dos expedicionários – que retardaram e até mesmo interromperam diversos trabalhos em curso nos “sertões do noroeste”.

Ao longo do tempo, as doenças – especialmente a malária – forçaram a Comissão a abrir mão de alguns objetivos inicialmente estabelecidos para ela e a retardar a realização de outros. A construção de ramais da linha telegráfica até as sedes das prefeituras do Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá, previstas nas Instruções que deveriam guiar a Comissão, por exemplo, nunca chegou a ser realizada; e o povoamento dos “sertões do noroeste”, que a princípio seria concomitante à instalação das linhas e estações telegráficas, teve de ser adiado.

Os relatórios médicos da Comissão, principal documentação utilizada nessa dissertação, nos permitem entrever que o seu fracasso na tarefa de promover a ocupação do noroeste do território brasileiro deveu-se, em grande parte, ao obstáculo representado pelas doenças, que, além de afetarem aqueles que estavam na região, amedrontavam os seus possíveis colonizadores, afastando-os. O resultado dessa combinação foi uma linha

telegráfica que, ao invés de simbolizar a integração da região ao restante do país, assumiu o significado de um monumento em forma de ruína ao fracasso da CLTEMA.

Palavras-chave: Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas; Rondon; sertão; malária; relatórios médicos.

## ABSTRACT

This dissertation has the objective of analyzing the relationship among diseases, knowledge and territory occupation at the “Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas” (CLTEMA), which, from 1907 to 1915, crossed from south to north large regions of what are today the states of Mato Grosso, Rondônia and Amazonas, working on installing a telegraph line that would be responsible for the integration of these regions to the main Brazilian cities.

My purpose is to show that the construction of telegraph lines and stations was only part of a more ambitious project looking for the defense of the Brazilian borders, contact with indigenous societies, scientific investigations, and, foremost, the productive occupation of that part of the national territory, which the members of the Commission called “sertões do noroeste” (northwest sertões).

However, the Commission found innumerable difficulties to achieve those objectives, varying from some indigenous groups animosity, transportation difficulties in a very complex geographically and practically non-explored region, constant rains added to periods of severe heat, to, finally, the diseases – the great suffering of expeditionary people – which retarded and even interrupted several jobs in progress at the “sertões do noroeste”.

Throughout the time, the diseases – mainly malaria – forced the Commission to give up some of the objectives originally established, and to retard the execution of others. The construction of the telegraph line branches till the city offices of Alto Acre, Alto Purus and Alto Juruá, defined in the Instructions that should guide the Commission, for example, that was never executed, and the settlement of the “sertões do noroeste”, which initially was scheduled to happen simultaneously to the installation of the telegraph lines and stations, postponed.

The Commission medical reports, main documentation used in this dissertation, allow us to observe that its failure in the task of promote occupation of the Brazilian territory northwest occurred, in a great extent, due to the obstacle represented by the diseases, which, besides affecting those that were in the region, scared the possible colonists, distancing them. The result of this combination was a telegraph line that, instead of

symbolizing the integration of the region to the reminder of the country, took the meaning of a monument in ruin shape to the failure of CLTEMA.

Keywords: Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas; Rondon; sertão; malaria; medical reports.

## INTRODUÇÃO

A partir do ano de 1907<sup>1</sup>, vastas regiões dos atuais estados brasileiros de Mato Grosso, Rondônia e Amazonas passariam a ser atravessadas por um grupo de oficiais e praças do exército brasileiro que cumpriam a missão de estender fios telegráficos até o extremo noroeste do país. Somados a telegrafistas e guarda-fios cedidos pela Repartição Geral dos Telégrafos (RGT), a civis contratados para trabalhos pesados, e, eventualmente, a grupos de indígenas “amansados”, estes homens formaram a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA)<sup>2</sup> – também conhecida como Comissão Rondon<sup>3</sup>. Criada no governo de Affonso Penna (15/11/1906-14/06/1909) e chefiada pelo coronel Cândido Mariano da Silva Rondon<sup>4</sup>, esta Comissão foi um dos maiores esforços realizados durante as primeiras décadas da República brasileira com o fito de incorporar os “sertões do noroeste”<sup>5</sup> ao restante do país. Ela também foi o ponto alto da

---

<sup>1</sup> No dia 4 de março de 1907, uma portaria do Ministro da Viação, Indústria e Obras Públicas, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, criou a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas e nomeou como seu chefe Cândido Rondon. No dia 11 do mesmo mês, Rondon nomeou o restante do pessoal que deveria integrar a Comissão. Ver: *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório / apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à / Divisão Geral de Engenharia (G5) do / Departamento da Guerra / pelo Coronel / Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão / 1º volume (Contém: – 363 págs., 42 fotografuras e anexo um fascículo de “errata” contendo 27 páginas In folio) Pap. Luiz Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação nº1) / pp.15-17. ARTMHEx / FC.*

<sup>2</sup> Esta sigla foi utilizada por Rondon em diversos momentos. Decidi manter a sigla original. Ver, a título de exemplo: *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Conferências / realizadas em 1910 / no / Rio de Janeiro e em São Paulo / pelo / Tte. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão. [Contém – 112 págs., 3 conferências e 14 fotografuras fora do texto / Rio de Janeiro 1919 / (2ª edição em 1946) / (Publicação nº68). AMI.*

<sup>3</sup> Sob o nome “Comissão Rondon” são comumente designados todos os trabalhos realizados por Rondon no interior do Brasil ao longo de sua longa carreira militar; um período de 50 anos que vai de 1889 a 1939. Os trabalhos realizados por ele ao longo desses anos incluem: a construção da linha telegráfica do Mato Grosso a Goiás, como auxiliar do Major Gomes Carneiro (1892-1898); a construção de linhas telegráficas entre o Rio de Janeiro e Mato Grosso (1900-1906), que chefiou; os trabalhos da CLTEMA (1907-1915), que também chefiou – incluídas aí as atividades da Expedição Científica Roosevelt Rondon (1913-1914) –; a elaboração da Carta do estado de Mato Grosso (1918); a inspeção das fronteiras brasileiras (1927-1930); entre outras atividades. Nesta dissertação trato apenas dos trabalhos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (04/03/1907-01/01/1915). Para evitar confusões, optei por não utilizar, em nenhum momento, a consagrada expressão “Comissão Rondon” ao longo do texto.

<sup>4</sup> No momento em que a Comissão foi criada, Rondon ainda era Major. Ele foi promovido a Tenente-Coronel por merecimento em cinco de agosto de 1908, e, no dia 3 de abril de 1912, foi promovido a Coronel. Ver: *Fé de Ofício do General Candido Mariano da Silva Rondon de 1881 a 1930. ARTMHEx / FC – Pasta 25A, nº010517.*

<sup>5</sup> Em diversos momentos, Rondon e os outros membros da Comissão dão este nome ao noroeste do estado de Mato Grosso e ao sudoeste do Amazonas, regiões que foram por eles percorridas. Ver, à guisa de exemplo, o primeiro volume publicado pela CLTEMA, no qual a expressão é empregada repetidas vezes: *CLTEMA / s/d / (Publicação nº1). ARTMHEx / FC.*

longa trajetória pública de Rondon, sendo muitas vezes evocada por narrativas míticas sobre a vida e os “feitos” deste tão importante personagem da história do Brasil Republicano.<sup>6</sup>

A descrição dos “feitos” da Comissão está presente nos mais diversos textos elaborados por seus membros, sejam eles relatórios de atividades, estudos científicos ou conferências públicas. Nesses documentos, são ressaltadas as qualidades morais dos homens envolvidos no projeto, a grande dimensão das distâncias percorridas e a dificuldade dos trabalhos realizados.

Exemplos nesse sentido não faltam. Em quase todos os relatórios pululam os números grandiloqüentes a atestar as imensas distâncias percorridas nas mais diversas expedições da Comissão. Do mesmo modo, as dificuldades de todos os gêneros enfrentadas durante a realização dos mais diversos trabalhos – dificuldades de transporte, problemas disciplinares com os praças, calor forte, chuvas constantes, ataques de grupos indígenas, doenças – e as vultosas qualidades de caráter dos oficiais da Comissão são constantemente citadas nos relatórios publicados e nas conferências proferidas por Rondon no Rio de Janeiro (1910 e 1915) e em São Paulo (1910). Reproduzo abaixo dois trechos de uma conferência proferida por Rondon em 1910, no Palácio Monroe, Rio de Janeiro, que ilustram o que foi dito acima. A primeira refere-se à magnitude e à dificuldade do empreendimento no qual estava envolvido:

*“As operações do empreendimento que se ia encetar tinham de desdobrar-se em Mato Grosso por cerca de 250 léguas de sertão bruto, nunca dantes percorrido senão pelos silvícolas que o habitam, e estendem-se por mais de 300 léguas através da Amazônia.*

*“E, para aumentar as dificuldades da exploração que havia a fazer na vasta zona do noroeste mato-grossense, aí estava a novidade do itinerário a seguir.*

*“Com efeito, tínhamos de varar o sertão sempre por terra, através de matas e campos, galgando serras, transpondo rios, sem podermos aproveitar as facilidades oferecidas pela navegação.”<sup>7</sup>*

---

<sup>6</sup> A respeito da construção da figura mitológica de Rondon, ver: BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. ARTMHEx / FC.

<sup>7</sup> *CLTEMA* / 1946 / (Publicação n° 68). p. 8. AMI.

A segunda chama atenção para seu próprio heroísmo. Narrando um episódio no qual a turma que comandava precisava cruzar o rio Saueruiná, mas não possuía embarcação e ainda contava vários homens doentes, ele conta que os membros da expedição fizeram uma pelota de couro:

*“(...) e, atirando-me eu ao rio, a nado, ia rebocando-a de um para outro lado, levando-a de cada vez carregada de bagagens, arreios e cangalhas. Assim passei também os nossos doentes, o corneteiro Marinho, o ex-soldado Bueno, o índio Arê e outros.*

*Esses trabalhos duraram de uma às seis horas da tarde.”<sup>8</sup>*

Tais passagens nos permitem perceber que a CLTEMA era frequentemente apresentada por seus membros como uma epopéia: a da integração do Brasil, que, de acordo com Rondon, foi confiada a um seletto grupo de homens portadores de qualidades de caráter acima da média. Apenas homens como estes – dos quais ele, que se atirara à água para transportar doentes sobre uma pelota de couro, era o maior exemplo – seriam capazes de realizar uma tarefa de tamanha monta. No entanto, estes heróis precisavam de apoio moral e, sobretudo, material, para o cumprimento de sua missão. É justamente a busca deste apoio que nos ajuda a compreender o tom adotado nas passagens acima e que, nunca é demais lembrar, é o mesmo de tantos outros relatórios da Comissão.

O que estava em jogo, mais precisamente, desde o momento da criação da CLTEMA, era a realização de um projeto arquitetado durante os primeiros anos republicanos: ocupar produtivamente áreas “vazias”, e, desse modo, integrar todo o território nacional. Neste projeto, combinavam-se o povoamento do território, o aumento da produtividade agrícola e a extensão de meios de transporte e comunicação modernos (ferrovias e telégrafos) por todas as regiões brasileiras. Buscava-se identificar a jovem República aos ideais de progresso e modernidade e o superado Império a atraso e estagnação.<sup>9</sup> De acordo com Laura Maciel:

---

<sup>8</sup> CLTEMA / 1946 / (Publicação n° 68). p. 28. AMI.

<sup>9</sup> Ver: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical – sociedade e cultura de*

“Sob a República, não se trata mais apenas de ‘consolidar a obra de Caxias’, mantendo a integridade física, como fez o Império, mas de ocupar os espaços vazios, torná-los produtivos, ordenar sua ocupação, povoar com a população adequada, levar a presença do poder e tornar palpável a idéia de nação e de República até os confins do território ‘nacional’.”<sup>10</sup>

Mas não eram apenas os sertões que deveriam ser transformados. As grandes cidades do país também deveriam abandonar seus aspectos mais provincianos para tornarem-se centros “modernos”, “civilizados” e “cosmopolitas”. Em relação a estas últimas, as amplas e radicais reformas urbanas, combinadas com a emergência de novas normas de convívio modificariam inteiramente suas feições, num movimento que buscava torná-las semelhantes às grandes metrópoles européias. O caráter radical e draconiano de algumas das medidas adotadas neste sentido – das quais a lei de vacinação obrigatória contra a varíola é o maior exemplo – geraram, diversas vezes, reações violentas por parte de alguns segmentos sociais das grandes cidades, nem sempre facilmente reprimidos pelas autoridades constituídas.<sup>11</sup>

Quanto aos “sertões” do país, a jovem República patrocinou uma série de iniciativas que tinham o intuito de ocupar estes espaços, tornando-os efetivamente parte da nação e do Estado brasileiros. Nesse sentido, cumpriu papel fundamental a construção de linhas férreas e telegráficas. Enquanto as primeiras permitiriam a circulação de pessoas e mercadorias, as últimas garantiriam a comunicação entre as mais longínquas regiões do país e a Capital Federal. Estas linhas garantiriam a interiorização da presença do Estado brasileiro, num movimento de conquista dos sertões do país.<sup>12</sup>

---

*elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993; NEVES, M. de S. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. . In: NEVES, Lucília Almeida; FERREIRA, Jorge Luís (Org.). *Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>10</sup> MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um Fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998. pp. 176-177.

<sup>11</sup> Ver: BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos; um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. 1º. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Divisão de Editoração Biblioteca Carioca, 1990; CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril - cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>12</sup> No início do século XX, a expressão “sertões” integrava o mesmo campo semântico de “espaços vazios”, “incorporação”, “progresso”, “civilização” e “conquista”. LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM, 1999.

No que se refere particularmente ao telégrafo, ainda sob a égide do Imperador D. Pedro II houve um importante movimento de expansão da malha telegráfica brasileira, que alcançou grande parte do território nacional – em especial na costa, onde estavam as principais cidades do país. No entanto, tal expansão não seguiu um movimento linear e nem se deu sem que surgissem problemas em sua trajetória. O tráfego telegráfico manteve-se em níveis extremamente baixos ao longo de todo o período imperial. Grande parte da população não recorria ao telégrafo por duvidar da possibilidade da transmissão de informações por meio de cabos eletrificados, e, em determinadas regiões, a situação era tão dramática que determinadas estações precisaram ser fechadas.<sup>13</sup>

O evento que mais impulsionou o investimento do Estado brasileiro em linhas telegráficas no segundo império foi a Guerra do Paraguai. O conflito deixou evidente a precariedade das comunicações entre os maiores centros do país e suas fronteiras a oeste, em especial aquelas com o Paraguai e a Bolívia. Durante a guerra foram montadas linhas telegráficas de campanha através das quais se passou a orientar a movimentação das tropas brasileiras, redefinindo as estratégias militares do país. A vitória brasileira na Guerra, e, mais do que isso, a participação positiva da comunicação telegráfica nessa vitória, fizeram com que o Estado passasse a encarar a instalação de linhas telegráficas como um investimento estratégico, capaz de suprir as fragilidades presentes na comunicação entre as diversas partes do território brasileiro, facilitando sua administração. Nas duas últimas décadas do regime imperial, a malha telegráfica brasileira experimentou um movimento de grande expansão nos sentidos norte, sul e oeste da capital do país.<sup>14</sup>

Apesar desses investimentos, a República, no momento de sua proclamação, ainda encontrou vastas zonas do território nacional apartadas da malha telegráfica do país – especialmente as áreas do centro e as fronteiras do oeste e do norte do país. Para solucionar este problema, foram organizadas comissões, dirigidas por militares, que tinham como objetivo a integração dessas regiões “isoladas” ao circuito telegráfico nacional. Nesse período, o Estado cumpria um papel fundamental no que se refere à instalação de linhas e estações telegráficas, regulando todas as iniciativas nesse sentido por meio da atuação tanto

---

<sup>13</sup> Ver: MACIEL, Laura Antunes. Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 41, 2001. p. 127-144; DIACON, Todd A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>14</sup> Ver: MACIEL, Laura Antunes. *Op. Cit.*, 1998.

dos engenheiros do exército, ligados ao Ministério da Guerra, quanto dos funcionários da Repartição Geral dos Telégrafos (RGT), órgão subordinado ao Ministério das Indústrias, Viação e Obras Públicas.

Cabe aqui destacarmos que, até aquele momento, não havia caminhos ou ligações terrestres entre as zonas litorâneas e os pontos mais afastados das regiões norte e noroeste do país. Para atingi-las, era preciso realizar uma longa viagem por vias fluviais, seguindo um itinerário que passava pela foz do Rio Prata, contornava o sul do Brasil, passava pela Argentina, pelo Uruguai e pelo Paraguai. Além disso, nesse período a própria noção de ‘território brasileiro’ era bastante problemática. Não se dispunha de mapas detalhados sobre boa parte do território nacional e os limites das fronteiras do país ainda não estavam totalmente definidos.<sup>15</sup>

A primeira grande Comissão criada pela República com o intuito de integrar o território nacional através do telégrafo e, desse modo, fomentar o sistema de comunicações do interior do país – ou, para usarmos um termo mais adequado à época, dos seus “sertões” – foi a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Rio de Janeiro ao Mato Grosso (CCLTRJMT), que, sob a chefia do Major Gomes Carneiro – sempre citado por Rondon como um grande exemplo para sua própria carreira militar – esteve em funcionamento entre os anos de 1890 e 1898. No ano de 1891, o então tenente Candido Mariano da Silva Rondon foi enviado ao Mato Grosso para servir nesta Comissão, onde esteve até sua conclusão.

No ano de 1900, Rondon foi nomeado chefe de outra importante Comissão. Tratava-se da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso a Goiás (CCLTMTG), que teve seus trabalhos concluídos no ano de 1906.

O trabalho destas duas Comissões ligou à malha telegráfica nacional grandes áreas de dois estados brasileiros: Goiás e Mato Grosso. No entanto, no ano de 1906 ainda havia uma grande área situada entre o noroeste do estado do Mato Grosso e o sudoeste do estado do Amazonas<sup>16</sup>, próxima às fronteiras brasileiras com a Bolívia e o Peru, que ainda não podia comunicar-se com o restante do país via telégrafo. Acreditava-se que a instalação de linhas telegráficas seria o primeiro passo dado na direção da ocupação produtiva dos sertões do

---

<sup>15</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Op. Cit.*, 1999.

<sup>16</sup> Refiro-me, aqui, aos limites dos estados à época.

país, tarefa espinhosa a ser desempenhada por uma população laboriosa, interessada em realizar atividades agrícolas e pecuárias de modo a incrementar a economia do país e a garantir definitivamente a posse de grandes porções do território pátrio.

Com o intuito de finalmente integrar todo o país através das linhas telegráficas, foi criada, no ano de 1907, e, portanto, durante o governo do presidente Affonso Penna, a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA). De acordo com o projeto escolhido para a instalação da linha telegráfica, de autoria do engenheiro Francisco Behring – membro do prestigiado Clube de Engenharia e um dos maiores defensores da expansão da rede telegráfica brasileira – esta deveria partir de Cuiabá em demanda de Santo Antonio do Madeira, de onde seguiria para Manaus, atravessando os territórios do Acre (cedido ao Brasil pela Bolívia num tratado de 1903), do Alto Purus e do Alto Juruá, em plena floresta amazônica.

Na CLTEMA – ao contrário das comissões construtoras de linhas telegráficas anteriores, já citadas – as atividades de instalação de linhas telegráficas foram acompanhadas simultaneamente pela realização de diversos estudos sobre as regiões percorridas. Estes estudos – realizados por engenheiros, médicos e naturalistas – não podem ser, de modo algum, considerados atividades de menor importância quando comparados às próprias obras de construção das linhas e estações. Eles foram parte integrante e fundamental do projeto da Comissão, que combinava de modo indissociável a ampliação do sistema de comunicações do país, o povoamento e o conhecimento de uma significativa parcela do território brasileiro. Nesse sentido, elas também diferenciavam-se das iniciativas estatais que, desde o período imperial, buscavam explorar do ponto de vista científico o interior do país.

As comissões científicas de exploração incentivadas pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (MACOP) e ligadas a instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Museu Nacional foram criadas com a finalidade de sugerirem “melhoramentos materiais” na agricultura realizada nas províncias. Elas elaboravam mapeamentos das condições naturais das diferentes localidades percorridas – o que incluía desde o inventário de plantas e animais a estudos sobre a potencialidade dos solos e a análises das condições de navegabilidade dos rios e frequência das estações de chuvas – de modo tanto a indicarem as melhores áreas de plantio, e mesmo os produtos a serem

cultivados, quanto a sugerirem os caminhos mais apropriados, entre os já existentes ou a serem ainda criados, para o seu escoamento. Algumas destas expedições foram a Comissão Científica de Exploração (1856), a Comissão Geológica Imperial (1875), a Comissão Hidrográfica do Império (1879) e a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (1886). A ciência, naquele período, ia à frente dos projetos de incremento da agricultura, com ênfase nos estudos de botânica, num movimento que a tornava partícipe indissociável da construção de caminhos terrestres e do uso de vias fluviais para facilitar o comércio e a circulação dos produtos agrícolas.<sup>17</sup>

Mesmo ao longo das primeiras décadas republicanas, a CLTEMA manteve-se como a única iniciativa estatal que combinava organicamente as atividades científicas de exploração do território à ampliação da infra-estrutura de comunicações do país. As viagens científicas de membros do instituto Oswaldo Cruz, realizadas ao mesmo tempo em que a CLTEMA atuava nos sertões do noroeste, não chegaram a assumir este feitio, sendo realizadas antes dos trabalhos de transformação da região percorrida – caso da expedição de Arthur Neiva e Belisário Penna por requisição da Inspetoria de Obras Contra as Secas e daquela de Carlos Chagas, Pacheco Leão e João Pedroso, contratados pela Superintendência de Defesa da Borracha – ou com o objetivo de socorrer obras que atravessavam crises sanitárias – caso da contratação de Oswaldo Cruz pela Madeira-Mamoré.

Os trabalhos realizados pela CLTEMA no noroeste do Brasil já foram examinados a partir de diferentes pontos de vista. Alguns estudos chamam atenção para a política indigenista desenvolvida por Rondon no período; outros destacam a força da idéia de “integração nacional” como orientadora das mais distintas atividades desempenhadas pela Comissão; e há, ainda, aqueles que procuram examinar mais de perto a trajetória de Rondon, as controvérsias nas quais se envolveu e as iniciativas que tomou em sua carreira como prisma para compreender a Comissão. A seguir examinarei as contribuições que cada um destes pontos de vista acrescenta à historiografia da CLTEMA. Para isso, serão postas em foco três obras sobre a Comissão, cada uma delas representando uma das três perspectivas analíticas que enumerei acima.

---

<sup>17</sup> SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, Jul. - Set. 2008. vol. 15, n. 3, pp. 779-810.

Em primeiro lugar, há o livro de Elias dos Santos Bigio intitulado *Cândido Rondon e a integração nacional*<sup>18</sup>, no qual o autor mostra-se especialmente interessado na política indigenista posta em prática por Rondon e pelos oficiais brasileiros que participaram de comissões de construção de linhas telegráficas no noroeste do Brasil.

Bigio mostra que o período no qual a CLTEMA esteve em atividade foi aquele no qual foi consolidado o indigenismo de Rondon, que, assentado na máxima “Morrer, se preciso for; matar, nunca”, defendia a utilização de métodos pacíficos na conquista dos silvícolas pela “civilização”. Esta conquista deveria ser feita a partir de estímulos, dos quais o principal seria o contato com a tecnologia, representada pela parafernália transportada pela Comissão: relógios de pulso, gramofone, máquina de escrever, máquina fotográfica, filmadora, e, é claro, aparelhos telegráficos.

Segundo Elias dos Santos Bigio, o chefe da Comissão, assentado firmemente em suas crenças positivistas, acreditava que os indígenas acabariam por perceber a superioridade natural da “civilização”, abandonando seu modo de vida e suas crenças consideradas “tradicionais”.

O autor lembra que, no ano de 1910 – e, portanto, enquanto a CLTEMA realizava seus trabalhos nos “sertões do noroeste” – foi criado o serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), órgão público que deveria, a partir daquele momento, ser o responsável pela política indigenista brasileira. Para ele, a nomeação de Rondon como seu primeiro diretor é um indicativo da força que os princípios por ele praticados e defendidos alcançaram entre as elites políticas do país naquele momento.

Enquanto Bigio preocupa-se de forma quase exclusiva com o indigenismo de Rondon, Laura Antunes Maciel, em *A Nação por um Fio*<sup>19</sup> mostra que a idéia de “integração nacional” ia além da assimilação das sociedades indígenas e do estabelecimento da comunicação telegráfica entre a capital federal e o noroeste do país.

Procurando compreender os diversos significados do ato de estender linhas telegráficas pelos sertões do país naquele momento, Maciel afirma que:

---

<sup>18</sup> BIGIO, Elias dos Santos. *Cândido Rondon: a integração nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

<sup>19</sup> MACIEL, Laura Antunes. *Op. Cit.*, 1998.

*“Os meios de comunicação, e entre eles destacava-se o telégrafo, foram apropriados pelo Estado como os instrumentos disponíveis para promover a ocupação do interior, a nacionalização e a republicanização do Brasil.”*<sup>20</sup>

E complementa:

*“Se nas cidades o telégrafo se apresentava cada vez mais claramente como um elemento propulsor do comércio e da indústria e auxiliar do transporte de mercadorias, seja pela navegação, seja pela ferrovia, no interior ou nos ‘sertões’ do País sua utilidade associa-se a noções militares de defesa do território e ao exercício do governo e da administração de populações dispersas, da manutenção da ordem e do progresso da nação.”*<sup>21</sup>

Ou seja, de acordo com a autora, a instalação de linhas telegráficas nos sertões do noroeste cumpria interesses políticos e militares nacionais, como a defesa do território pátrio, a ocupação ordenada e produtiva de espaços “vazios” e sua conseqüente nacionalização e republicanização. Para Laura Maciel, a CLTEMA foi uma grande cruzada nacionalista e civilizadora que tomou para si diferentes tarefas referentes à realização de seu grande desígnio.

Um dos aspectos a ressaltar neste estudo é a visão que oferece do conjunto dos trabalhos realizados sob a liderança de Rondon nos sertões do noroeste entre os anos de 1900 e 1915 – período que, como vimos, inclui os trabalhos de Rondon na chefia da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso (1900 a 1906) e da CLTEMA (1907-1915) – como partes articuladas de um propósito maior. A produção dos registros fotográficos e cinematográficos de todas estas atividades – construção de linhas telegráficas, realização de estudos da região, contato com sociedades indígenas e defesa do território – por parte da Comissão é o aspecto privilegiado em sua análise.

O livro de Todd Diacon *Rondon: O Marechal da Floresta*<sup>22</sup> examina a trajetória de Rondon à frente da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao

---

<sup>20</sup> *Idem*, pp. 71-72.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>22</sup> DIACON, Todd A. *Op. Cit.*, 2006.

Amazonas. A preocupação do autor – e neste aspecto seu livro se distingue de outras biografias – não é encontrar um sentido único para a vida de Rondon, capaz de explicar retrospectivamente seus atos ao longo dos 93 anos que viveu. Ao invés disso, Diacon mostra-se atento às escolhas, disputas, dificuldades, contradições, êxitos e fracassos da CLTEMA como caminho para a compreensão de parte da trajetória de Rondon pelos sertões do noroeste.

Diacon também defende que a idéia de “integração nacional” norteou os trabalhos da Comissão, e procura mostrar que, na medida em que Rondon foi um positivista ortodoxo, a integração por ele proposta seguia as diretrizes desta corrente filosófica; daí a valorização dos símbolos nacionais, da tecnologia e dos levantamentos cartográficos e científicos da região. As três passagens que cito a seguir deixam mais claro o argumento de Diacon:

*“A bandeira do Brasil adejando sobre o acampamento simbolizava certo tipo de Brasil, mas, além disso, era uma bandeira positivista.”<sup>23</sup>*

*“Os positivistas queriam transformar gradualmente os índios em ocidentais e, mais especificamente, em positivistas, expondo-os ao que consideravam os óbvios benefícios da indústria e da sociedade modernas.”<sup>24</sup>*

*“O mote positivista de servir à humanidade levando o progresso científico ao mundo inspirou a cega dedicação de Rondon à missão de integrar o Brasil pelo desenvolvimento da infra-estrutura e seu grande empenho nos levantamentos biológicos e geológicos da região. Como positivista ortodoxo, Rondon foi levado a estudar e usar a natureza para servir à Humanidade.”<sup>25</sup>*

De acordo com autor, este projeto nunca chegou a ser uma unanimidade entre as elites dirigentes do país, encontrando opositores especialmente na Igreja Católica e em alguns segmentos do Exército. Enquanto a primeira mostrava-se ciosa de perder o monopólio, que tinha até aquele momento, do trato com os indígenas, os segmentos do Exército que se

---

<sup>23</sup> *Idem*, p. 105.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 125.

<sup>25</sup> *Idem*, pp. 102-103.

opunham à Comissão defendiam que as forças armadas deveriam constituir corpo de guerra – ou seja, deveriam ocupar-se com a defesa bélica da nação – e não corpo técnico responsável pela construção de linhas telegráficas, pacificação de indígenas ou realização de levantamentos científicos.

Diacon chama atenção para alguns dos aspectos pouco edificantes da Comissão, como os maus tratos impingidos aos praças e demais trabalhadores braçais, as grandes somas gastas na consecução do projeto, e, sobretudo, o fracasso da Comissão em promover a ocupação dos sertões do noroeste.

Recentemente, os estudos dos naturalistas que acompanharam as atividades de construção de infra-estrutura de comunicações efetuadas pela CLTEMA vêm chamando atenção de pesquisadores da área de história das ciências. Dominichi Miranda de Sá, Magali Romero Sá e Nísia Trindade Lima, em artigo dedicado às atividades científicas da Comissão<sup>26</sup>, mostram que os trabalhos cartográficos e científicos ocuparam muitos de seus membros durante longos períodos de tempo. Engenheiros e naturalistas escreveram muitos volumes sobre os resultados de seus trabalhos na região, aí incluídos catálogos de espécimes botânicos, geológicos e zoológicos; glossários de termos utilizados por grupos indígenas; levantamentos de cursos de rios; correção de informações presentes em mapas antigos, etc. Estes trabalhos estiveram durante muito tempo obnubilados pelo maior destaque que outros aspectos da Comissão receberam dos estudiosos, e só agora vêm sendo reconhecidos como uma parte fundamental do projeto de integração dos sertões do noroeste encetado pela CLTEMA.

Minha dissertação de mestrado, assim como o artigo acima citado e algumas pesquisas recentes que vêm sendo realizadas na Casa de Oswaldo Cruz<sup>27</sup>, também se debruça sobre aspectos pouco estudados pela bibliografia que trata da CLTEMA. Durante os seus oito anos de duração, além dos engenheiros, botânicos, zoólogos, geógrafos e antropólogos, diversos médicos estiveram presentes nas expedições organizadas. Qual era o papel dos médicos no interior de uma Comissão de objetivos tão diversos? Como eles contribuíram para o seu funcionamento? Qual foi a sua importância para a CLTEMA?

---

<sup>26</sup> SÁ, SÁ e LIMA. *Op. Cit.* 2008.

<sup>27</sup> Refiro-me, em especial, aos estudos que fazem parte do projeto *Inventário da Natureza do Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1930)*, coordenado pela professora Dominichi Miranda de Sá.

Creio que os levantamentos médicos, assim como os científicos, constituíram atividades tão importantes para a Comissão quanto a instalação das linhas telegráficas. Embora não analise de forma detida os estudos realizados pelos engenheiros e naturalistas que estiveram com a CLTEMA, examino aqueles realizados pelos médicos que a ela serviram, e entendo que eles foram considerados fundamentais para a viabilização da ocupação ordenada e produtiva dos sertões do noroeste – objetivo maior da Comissão. O meu ponto, aqui, é o de que conhecimento e ocupação do território estiveram, permanentemente, interligados no projeto encabeçado por Rondon.

Tentarei mostrar, nas páginas que seguem, que a maior dificuldade encontrada pelos membros da Comissão em sua tentativa de promover a ocupação dos sertões do noroeste foi a alta incidência de doenças na região; doenças que dificultavam, e, não raras vezes, impediam o andamento das obras de instalação da linha telegráfica, e que, simultaneamente, atacavam os homens que lá estavam e afastavam aqueles que ainda poderiam chegar. O medo das doenças se transformava em medo dos sertões, se constituindo em obstáculo ao povoamento das áreas atravessadas pela linha telegráfica. Se Rondon e os demais membros da Comissão esforçavam-se em chamar atenção para os benefícios oferecidos pela natureza da região ao migrante, o medo das doenças trabalhava no sentido contrário, lembrando que a morte era um possível destino àqueles que por lá se aventurassem.

Diante deste impasse que se colocava para a Comissão, os médicos passaram a assumir um papel de primeira grandeza. Afinal, cabia a eles controlar as doenças na região, diminuindo a mortandade dos membros da CLTEMA e dissipando o medo dos sertões do noroeste de modo que o seu povoamento se tornasse efetivo. Cabia a eles alterar o equilíbrio entre o lado da balança formado pelas doenças, medo e fracasso, e aquele constituído pela instalação da linha, ocupação do território e sucesso da empreitada. A balança tinha, é claro, de pender para este último lado.

Os principais documentos com os quais trabalhei foram as publicações oficiais da Comissão. Trata-se de um conjunto formado por 86 volumes, entre relatórios de explorações, relatórios médicos, estudos científicos e conferências proferidas por Rondon. Todas elas encontram-se no acervo do Museu do Índio. Outros documentos pertencentes à Comissão consultados durante a pesquisa podem ser encontrados no Museu do

Exército/Forte de Copacabana. Como é especialmente através do exame do trabalho e dos relatórios escritos pelos médicos da Comissão que podemos ter uma idéia mais exata da dimensão do medo dos sertões e de suas conseqüências práticas sobre os trabalhos desempenhados pela CLTEMA, os documentos que receberam uma análise mais detida e cuidadosa nesta dissertação foram justamente os relatórios médicos da CLTEMA.

Com o intuito de deixar claros os principais argumentos que defendo, optei por dividir a dissertação em três capítulos. Neles, apresentarei a Comissão em suas características mais gerais, mostrarei a importância das doenças e do medo como obstáculos enfrentados pelos médicos, e investigarei as maneiras através das quais estes médicos compreenderam estas doenças bem como as soluções propostas e postas em prática para o seu controle.

O primeiro capítulo trata da criação da CLTEMA, das demandas que a produziram, dos vínculos institucionais mantidos por ela ao longo do tempo – do significado destes vínculos – e da organização dos trabalhos de instalação das linhas telegráficas. Este capítulo visa mostrar, apoiado em documentos e na bibliografia existente sobre a Comissão, a diversidade de trabalhos realizados sob a liderança de Rondon entre 1907 e 1915, sem perder de vista sua articulação em torno de um objetivo mais amplo e ambicioso, qual seja, a ocupação daqueles sertões.

O segundo capítulo versa sobre a onipresença das doenças e do medo nas atividades da Comissão. Nele, serão apresentados diversos episódios nos quais a impactante ação das doenças marcou de forma prática e simbólica os esforços dos construtores da linha telegráfica. O componente dramático destes eventos nos ajuda a compreender de que forma o medo se fez presente enquanto duraram estes trabalhos de exploração, construção, levantamentos científicos e cartográficos, e contatos com indígenas. Ainda neste capítulo examinarei a criação do Serviço Sanitário da CLTEMA: uma tentativa de controlar as doenças – mais precisamente a malária – presentes nos sertões do noroeste de modo a permitir a boa marcha dos trabalhos ali efetuados, mas também um sintoma claro de que estas doenças foram tomadas como ameaças reais à desejada ocupação daqueles sertões.

O terceiro e último capítulo da Dissertação é dedicado ao exame dos relatórios escritos pelos médicos da CLTEMA. Pretendo deixar claro, aqui, que o impacto das doenças sobre os trabalhos da Comissão nos primeiros anos de sua existência fez com que esta demandasse de seus médicos investigações mais detalhadas sobre as principais doenças

dos sertões do noroeste, bem como sobre as mais eficientes formas de controlá-las, de modo que o povoamento destas regiões se tornasse viável. O resultado desta demanda foi a produção de relatórios médicos mais extensos e atentos às diversas possíveis causas de doenças naqueles sertões. Estes relatórios mostram que as doenças afetavam tanto os membros da Comissão quanto os habitantes das zonas percorridas, constituindo parte da paisagem desoladora daqueles sertões, onde viviam indígenas, homens semicivilizados e os maltrapilhos trabalhadores da CLTEMA. As doenças e o medo espalhavam-se por todas as partes dos sertões do noroeste.

## CAPÍTULO I – O desafio de ocupar os sertões do noroeste.

### I.1 – A formação, a organização e o trabalho da CLTEMA.

De acordo com o Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda, que esteve no cargo de 29 de novembro de 1909 a 15 de novembro de 1910, o governo do presidente Afonso Pena (1906-1909) obedeceu “*a uma dupla inspiração econômico-militar*”<sup>28</sup>. Ou seja, preocupou-se com o aumento da produtividade dos mais diversos setores da economia do país e com a defesa do território nacional. Não à toa, durante a gestão deste presidente foi criada a CLTEMA. Rondon via na figura de Afonso Pena um entusiasta da Comissão, chegando a afirmar que ele foi “*o grande amigo e protetor da Comissão de Linhas Telegráficas*”<sup>29</sup>.

Criada a partir de uma portaria do Ministro da Viação, Indústria e Obras Públicas, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, a CLTEMA manteve, ao longo dos seus oito anos de existência, vínculos institucionais com outras duas pastas: a da Guerra e a da Agricultura. Esta sua subordinação a três distintos ministérios já é um indício da diversidade de demandas que haviam sido lançadas a ela e que examinaremos mais à frente.

O projeto escolhido para a linha responsável pela integração do noroeste brasileiro ao circuito telegráfico nacional foi aquele elaborado por Francisco Bhering – em detrimento do que havia sido apresentado pelo engenheiro Leopoldo Weiss – que, como informa Rondon:

*“(...) consistia em demandar a cachoeira de Santo Antonio do Madeira, partindo de Cuiabá, pelo divisor das águas do Paraguai e Guaporé das do Tapajós e Gi-Paraná, para penetrar no divisor secundário do Jamari e Jaci-Paraná, até alcançar o ponto inicial da Estrada de Ferro do Madeira ao Mamoré. Deste ponto*

---

<sup>28</sup> MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Relatório apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda no ano de 1910, 22º da República*. Volume I. Rio de Janeiro. Oficinas da Diretoria Geral de Estatística. 1910. p. 17. Os relatórios de diversos ministérios brasileiros entre os anos de 1821 e 1960 estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <http://www.crl.edu/content.asp?11=4&12=18&13=33&14=22>. Acessado em 20/06/2009.

<sup>29</sup> CLTEMA / 1946 / (Publicação nº 68). p. 50. AMI.

*inicial a linha deveria seguir para as sedes das prefeituras do Acre, Purus e Juruá. Seriam lançados vários ramais: – um para a cidade de Mato Grosso, outro para o forte do Príncipe da Beira, um terceiro para um porto fronteiriço ao povoado boliviano de Santo Antonio de Guajarus, no rio Guaporé, e finalmente um quarto para Manaus”.*<sup>30</sup>

O pessoal nomeado por Rondon em 11 e 12 de março de 1907 para integrar a Comissão encontra-se, respectivamente, no **quadro 1** e no **quadro 2**. Ele era composto majoritariamente por militares do exército e membros da Repartição Geral dos Telégrafos, somados a alguns outros civis encarregados do cumprimento de funções específicas como a de fotógrafo e a de farmacêutico.

#### **QUADRO 1 – Pessoal nomeado por Rondon em 11 de março de 1907.**

Ajudantes	Capitão Marciano de Oliveira e Ávila
Inspetores de 1ª classe	2º Tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa
	2º Tenente Renato Barbosa Pereira
	Capitão Custódio de Senna Braga
	Major Felix Fleury de Souza Amorim
Auxiliares	Capitão Francisco Raul Estillac Leal
Inspetores de 2ª classe	1º Tenente João Teixeira de Mattos Costa
	Alferes Aluno Manoel Rabello
	2º Tenente Frederic de Siqueira
	José Couto Fernandes
	2º Tenente João Salestriano de Lyra
	1º Tenente Manoel da Costa Pinheiro
Subalternos	2º Tenente Antonio Alencout de Oliveira
Inspetores de 3ª classe	2º Tenente Antonio Pyrineus de Souza
	2º Tenente Virginio Marones de Gusmão
	Alferes Aluno Athayde da Costa Galvão

<sup>30</sup> CLTEMA / 1946 / (Publicação nº 68). p. 7. AMI.

	2° Tenente Alencarliense Fernandes
	2° Tenente José Paulo de Oliveira
	2° Tenente Carlos Carmo de Oliveira
	2° Tenente Sebastião Rabello Leite
	2° Tenente Joaquim Gomes de Oliveira
	Salathiel Candido Moraes e Castro
	Paulo Domingos
Praticante	2° Tenente Emmanuel do Amarante
Pagador	1° Tenente Marçal Nonato de Faria
Feitores	Esmeraldino da Silva Neiva
	João Mirarles Marinho
Guardas-fio de 1ª classe	Frederico Ortiz do Rego Barros
	Ezelino Rosas
	Accylino Xavier Monteiro
	Samuel Delduque
	João Teixeira Campos
Guardas-fio de 2ª classe	Athanagildo Coutinho de Vilhena
	João de Deus e Silva
	Alberto dos Santos Ribeiro
	Ignacio Romão Escobar
	Orestes Augusto de Carvalho
	Temístocles Alves Ferreira
	José Mariano de Silva
	Celestino Rodrigues de Moraes
Telegrafistas regionais	Gensericó Nunes Vieira
	Alcebiades do Amaral Cunha
Fotógrafo	Luiz Leduc
Médicos	1° Tenente Armando Calazans
	1° Tenente Manoel Antonio de Andrade
Farmacêuticos	2° Tenente Manoel Lopes Versosa
	Benedicto Canavarro

Ver: CLTEMA / s/d / (Publicação n° 1). pp. 15-17. ARTMHEX / FC.

## **QUADRO 2 – Pessoal nomeado por Rondon em 12 de março de 1907.**

Inspetor de 2ª classe	Francisco José Xavies Junior
Inspetor de 3ª classe	Pedro Malheiros
Feitor	Geraldo Carvalhaes da Silveira
Telegrafista de 2ª classe	Germano José da Silva
Telegrafista de 4ª classe	Marcos Azambuja

Ver: CLTEMA / s/d / (Publicação n°1). p. 17. ARTMHEX / FC.

A estes homens, que em grande parte tiveram de ser substituídos por outros ao longo dos oito anos de trabalhos ininterruptos da CLTEMA em função de adoecimentos e pedidos de licença, somaram-se os naturalistas enviados pelo Museu Nacional – o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, o jardineiro-chefe do Horto Botânico Frederico Carlos Hoenne e o antropólogo Edgard Roquette-Pinto – e o engenheiro Cícero de Campos, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.<sup>31</sup>

Além de todo esse pessoal, o contingente da Comissão deveria somar 300 praças encarregados dos serviços mais pesados de abertura de picadas, levantamento de postes, estiramento de fios e construção de estações telegráficas.

Inicialmente, o contingente foi dividido em três grandes seções. A primeira (1ª seção de construção), chefiada pelo major Felix Fleury de Souza Amorim, ficaria encarregada de construir um ramal da linha que ligasse São Luís de Cáceres à cidade do Mato Grosso; a segunda (2ª seção de construção), sob o comando do Capitão Marciano de Oliveira e Avila foi incumbida de iniciar a construção da linha-tronco a partir de Cuiabá até Diamantino, na direção de Santo Antonio do Madeira; a terceira e última acompanharia Rondon numa série

---

<sup>31</sup> No final do ano de 1906, Orville Derby foi convidado pelo Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon Du Pin e Almeida para organizar o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, criado pelo decreto n° 6.323 de 10/01/1907 para fazer o estudo científico da estrutura geológica e mineralógica do país, objetivando sua aplicação prática. Derby compôs a equipe do Serviço indicando como primeiros-engenheiros Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa, Francisco de Paula Oliveira, e Luiz Felipe Gonzaga de Campos, e para segundos-engenheiros Carlos Moreira e Cícero de Campos. <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/derbyorv.htm>. Acessado em 20/06/2009.

de três expedições sucessivas realizadas nos anos de 1907, 1908 e 1909 para realizar estudos e fazer o reconhecimento do território que seria cruzado pela linha.<sup>32</sup>

Esta organização durou até abril de 1910, quando, findos os estudos e reconhecimentos liderados por Rondon e concluída a construção do ramal de São Luis de Cáceres à cidade do Mato Grosso, a Comissão foi novamente dividida. Desta vez, entre duas seções de construção: a seção do sul, comandada pelo próprio Rondon, ficou encarregada de continuar a construção iniciada em Cuiabá em direção a Santo Antonio do Madeira; a seção do norte, sob a liderança do Capitão Manoel Teóphilo da Costa Pinheiro<sup>33</sup>, deveria realizar o percurso oposto, partindo de Santo Antonio em direção ao sul, onde encontraria a construção matriz. Nesse momento, o contingente à disposição da Comissão foi elevado a 600 praças, dos quais 350 ficariam na seção do sul, ao passo que à seção do norte caberiam os demais 250 praças. Acreditava-se que essa divisão, mantida até o término da construção, aceleraria a marcha dos trabalhos, que passariam a ser feitos em duas frentes, realizando um movimento semelhante ao de uma pinça.

Simultaneamente aos trabalhos de construção e às expedições de estudos e reconhecimento do território lideradas pessoalmente por Rondon, a Comissão realizou muitas outras expedições que, comandadas por engenheiros militares, encarregavam-se da exploração de um ou mais rios. Tas expedições tinham entre seus membros, muitas vezes, naturalistas do Museu Nacional – interessados em coleta e análise de material – e médicos – encarregados de cuidar do estado de saúde dos expedicionários e de avaliar a nosologia das zonas próximas aos rios percorridos.

A mais célebre destas expedições paralelas ao trabalho de construção da linha foi aquela nomeada Roosevelt-Rondon. Realizada no ano de 1914 sob a co-liderança do ex-

---

<sup>32</sup> Ver: *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Conferências / realizadas em 1910 / no / Rio de Janeiro e em São Paulo / pelo / Tte. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão*. [Contém – 112 págs., 3 conferências e 14 fotografuras fora do texto / Rio de Janeiro 1919 / (2ª edição em 1946) / (publicação n° 68). pp. 10-11. AMI e *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório / apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão Geral de Engenharia / do Departamento da Guerra / pelo / Tte. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão / (2º volume) Construção (1907 a 1910) [Contém: – 134 págs. , 30 fotografuras fora do texto e 14 suplementos de coordenadas geográficas. In folio] Pap. Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação n°39), p. 16. AMI.*

<sup>33</sup> Inicialmente, Rondon havia nomeado para a função de chefe da seção do norte o Major Agostinho Raymundo Gomes de Castro. No entanto, tanto ele quanto seu auxiliar imediato, o Tenente Clementino Paraná, e boa parte do contingente que os acompanhava, caiu doente, vitimado pela malária, fato que os impediu de cumprir o serviço para o qual haviam sido designados. Ver: *CLTEMA / s/d / (Publicação n°39)*. p. 17. AMI.

presidente norte-americano Theodore Roosevelt e de Rondon, ela percorreu 686 quilômetros do Rio Paraguai até Manaus, dos quais 276 situavam-se em territórios ainda pouco explorados por viajantes. Ao longo da expedição foram coletados diversos espécimes zoológicos – caçados pelo próprio Roosevelt e por seu filho Kermit – que enriqueceram o acervo do Museu de História Natural de Nova Iorque e foi esclarecido o curso do Rio da Dúvida – rebatizado pela expedição com o nome de Rio Roosevelt, que conserva até hoje.

Apesar da participação do ex-presidente norte-americano e de sua comitiva, Rondon inclui a Expedição Roosevelt-Rondon no conjunto de estudos e explorações realizadas pela CLTEMA, mostrando, mais uma vez, que as atividades científicas eram consideradas parte integrante da Comissão. Nesse sentido, ele afirma:

*“Os trabalhos (...) realizados pela expedição científica Roosevelt-Rondon, no rio Papagaio e nos antigos dúvida e castanha, devem ser considerados como parte integrante da série de explorações geográficas a que deu lugar a construção da Linha de Telégrafos planejada e mandada executar pelo governo do Presidente Penna, para ligar Cuiabá a Santo Antonio do Madeira.”*<sup>34</sup>

A procedência dos praças que serviram na Comissão foi bastante diversificada. Muitos homens foram recrutados no norte do país, especialmente nas cercanias de Manaus<sup>35</sup>, outros chegaram do Rio de Janeiro, como aqueles degredados para a região

---

<sup>34</sup> *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Conferências / realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 / pelo / Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon / no Teatro Fênix do Rio de Janeiro sobre trabalhos da / Expedição Roosevelt / e da Comissão Telegráfica [Contém – 261 págs. inclusive 22 fotografuras impressas a uma só cor de variada tonalidade, sendo 13 de retratos – 1 esquema das “Alterações cartográficas do noroeste de Mato Grosso” a duas cores / mede 0m,245 x 0m,215,1 “Carta de um trecho da Carta da Nova Lusitânia” de – Silva Pontes 1798 (1804 ?) / Impressa a negro; mede 0m,255 x 0m,320 / 1 reprodução do esquema projetado durante a conferencia do Cel. Rondon com o que se mostra que os trabalhos da Comissão, por ele dirigida, fecharam o circuito telegráfico do Brasil” / impresso em azul, mede 0m,155, 1 carta do Noroeste de Mato Grosso de acordo com os trabalhos da Comissão Rondon – 1915”.* Reprodução do esquema projetado durante a conferência do Cel. Rondon e onde se vê o traçado da linha telegráfica, a estrada de automóveis e os principais rios descobertos ou explorados” – impresso em azul escuro mede 0m,155 x 0m,150. *In folio 4º*] Rio de Janeiro 1916 / (Publicação nº 42). pp. 106-107. ARTMHEx / FC. O trecho citado faz parte da terceira conferência.

<sup>35</sup> *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório / Apresentado à Divisão de Engenharia (G.5) do Departamento da Guerra e à Diretoria Geral dos Telégrafos / pelo / Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão / 3º volume / Compreendendo o 2º relatório parcial correspondente aos anos de 1911 e 1912 [Contém: - 346 págs e 2 mapas: 1º) Levantamento Expedito / do / Rio Juruena / entre o passo da Linha Telegráfica e a foz do Rio S. Manuel / e dos Rios / Cururu, Bararati e do Varadouro para o Sucundurizinho / Feito pela Expedição a cargo do Capitão / Manoel Teóphilo da Costa*

como pena por sua participação na Revolta da Chibata<sup>36</sup>; por fim, havia os “voluntários regionais”, recrutados na própria região.<sup>37</sup>

De acordo com Frank McCann, nesse período o recrutamento forçado era uma prática comum no exército brasileiro, que era formado em grande parte por soldados analfabetos e doentes. Ele afirma que:

*“Chamados de ‘voluntários’, a maioria dos praças provinha das fileiras de desempregados. Alguns se alistavam espontaneamente, interessados em comida e teto, mas muitos outros, talvez até a maioria, eram pegos pela polícia em batidas, as chamadas ‘canoas’, e despachados para os quartéis sob escolta. (...) O analfabetismo era comum, e muitos sofriam de malária, parasitas e subnutrição; a disciplina era severíssima, até mesmo brutal*

*(...)*

*A brutalidade era o único modo que os oficiais concebiam para transformar em soldados aqueles deploráveis espécimes humanos. Queixavam-se de ter de aceitar todos os que lhe chegavam para não verem as fileiras desfalcadas”.*<sup>38</sup>

Esta situação parece ter chegado ao limite na CLTEMA, se levarmos em conta o número de queixas dos oficiais à “qualidade” dos praças enviados a uma região isolada e doentia para a realização de trabalhos que exigiam altas doses de força e resistência numa rotina que quase não previa descanso. Segundo o médico da Comissão Armando Calazans:

*“Em que pese a administração de quem quer que seja, 60% dos soldados vindos para estas paragens são indivíduos depauperados, enfraquecidos e sem a robustez*

---

Pinheiro / Ajudante da Comissão / Completado com um trecho da linha telegráfica / mostrando os contribuintes da margem direita do Juruena / Impresso a diversas cores. Mede: 0m,640 x 1m,360. Escala 1: 500.000 / 1912; 2º) Linha-tronco de Vilhena / a José Bonifácio / Contem as explorações / dos campos de Comemoração de Floriano / aos campos de Maria de Molina / e variante do Vale do Veado Preto / - Impresso a diversas cores. Mede 0m,930 x 0m,610. Na parte esquerda superior do mapa encontra-se um pequeno esquema com os seguintes dizeres: “Esquema das Explorações entre o Juruena e o Madeira”. Impresso a 4 cores. Mede 0m,050 x 0m,090. Escala: 1: 4.000.000 / *in folio*] / s/d / (Publicação nº 26). p. 27. AMI.

<sup>36</sup> HARDMAN, F. F. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 179-180.

<sup>37</sup> CLTEMA / s/d / (publicação nº 26). p. 27. AMI.

<sup>38</sup> MACCANN, Frank. *Soldados da Pátria: História do Exército brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 111-112.

*física necessária para o serviço; outros, sofrendo de moléstias crônicas, sífilíticos e tantos outros em condições de receptividade mórbida”.*<sup>39</sup>

Rondon, referindo-se aos praças sob seu comando na primeira seção de construção, não poupou palavras ao afirmar que:

*“(...) o nosso contingente era formado na sua maioria nas escórias individuais que a disciplina militar não permite nos batalhões – uma espécie de gente que a sociedade refuga e que só nas colônias correccionais encontraria abrigo”.*<sup>40</sup>

Ele acreditava que este bando de homens desordeiros deveria ser comandado com mão de ferro, e não hesitava em aplicar castigos corporais como punição a atos de “indisciplina”. Para Todd Diacon:

*“Adjetivos como solidário, afável, compassivo e compreensivo não vêm à mente quando analisamos as qualidades de Rondon como comandante. Para sermos justos, tampouco Rondon os teria julgado necessários. Mais apropriados parecem os termos duro, exigente, rigoroso e, talvez, até mesmo cruel e insensível. Rondon certamente afirmou que as exigências do telégrafo no sertão, aliadas às qualidades dos soldados sob seu comando, requeriam disciplina férrea”.*<sup>41</sup>

No entanto, as atividades da Comissão não se limitaram aos sertões do noroeste. Ela passou a contar, a partir de maio de 1910, com um Escritório Central sediado no Rio de Janeiro. O Escritório – que, a partir de setembro do mesmo ano passou a funcionar nas dependências do Ministério da Agricultura – dividia-se em três seções: expediente, contabilidade e desenho, organizadas da seguinte forma:

---

<sup>39</sup> *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Serviço Sanitário / Seção de Cáceres a Mato Grosso / pelo / Dr. Armando Calazans 1º Tte. Médico [Contém: – 31 págs. com 6 mapas nosológicos dos doentes e / relatório. In folio] pap. Luiz Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação nº 20). p. 4. ARTMHEx / FC.*

<sup>40</sup> *CLTEMA / s/d / (Publicação nº39). p. 34. AMI.*

<sup>41</sup> *DIACON, Todd A. Op. Cit., 2006. p. 81.*

*“A cargo da Seção do Expediente ficou todo o serviço de movimentação do pessoal, expediente geral com os ministérios da Viação e Guerra, repartições dos Telégrafos e Tesouro Nacional; comunicações por avisos telegráficos com o chefe da Comissão e Seções nos Acampamentos; compra do material necessário e autorizações de pagamentos de despesas*

*À Seção de Contabilidade, coube a organização dos processos, escrituração e pagamentos, quer no escritório, quer no Tesouro Federal. Esta pela ligação natural que há entre as duas auxilia a do Expediente nos serviços externos com as repartições públicas, ministério da Viação e casas comerciais.*

*A Seção de Desenho ocupa-se de todo e qualquer serviço de sua especialidade: fiscalização de cadernetas de campo, levantamento de plantas, serviço fotográfico, etc.”.*<sup>42</sup>

O Escritório Central ajudou a Comissão a organizar-se melhor, cuidando de toda a parte burocrática de um empreendimento que possuía complexos vínculos institucionais, estava encarregado de cumprir ambiciosos e diversificados objetivos, e requeria altas somas de dinheiro do Governo. Entretanto, sua atuação ultrapassou em muito as orientações explicitadas por Rondon no relatório citado acima. Foi o Escritório Central o responsável por toda a série de publicações da Comissão, num total de 86 volumes, e o maior defensor da mesma diante das diversas esferas do governo e da imprensa das principais capitais brasileiras, procurando garantir, desse modo, o apoio da opinião pública e recursos para os trabalhos realizados no sertão. Ele também foi o maior responsável pela institucionalização da Comissão após os trabalhos de construção, pois defendeu insistentemente o repasse de verbas governamentais para as despesas de manutenção e operação da linha recém inaugurada, funções que continuaram sendo cumpridas por boa parte dos antigos membros da CLTEMA.

De acordo com Todd Diacon:

---

<sup>42</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 26). p. 53. AMI.

*“(…) as atividades dos que trabalharam no escritório central da comissão, no Rio de Janeiro, foram tão importantes quanto as que ocorriam a milhares de quilômetros dali.*

*(…)*

*Amílcar Armando Botelho de Magalhães, oficial que foi o braço direito de Rondon, chefiava o escritório e promovia incansavelmente a comissão. Isso ele fazia enviando artigos aos jornais da cidade e remetendo cartas a editores toda vez que a comissão recebia a menor menção negativa na imprensa. Procurava autoridades, especialmente para solicitar aumentos no orçamento da comissão. Organizava exposições, fazia e agendava conferências sobre as atividades do pessoal de Rondon.*

*Graças, em grande medida, aos esforços de Botelho de Magalhães, quem fosse instruído e vivesse em uma cidade brasileira importante provavelmente estaria totalmente a par do que Rondon andava fazendo no sertão”*.<sup>43</sup>

## **I.2 – Diversos caminhos para a ocupação dos sertões do noroeste.**

Entre as “Instruções pelas quais deverá se guiar o chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas”, publicadas em quatro de março de 1907 pelo Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon Du Pin e Almeida, estão as seguintes recomendações:

### **Instrução II**

*“A comissão determinará as coordenadas geográficas de todas as estações que inaugurar, e dos pontos que julgar convenientes ao longo da linha telegráfica os azimutes astronômicos em cada estação para a determinação da declinação agulha; assim como fará as explorações dos rios importantes cujas cabeceiras atravessar.*

*(…)”*.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> DIACON, Todd A. *Op. Cit.*, 2006. pp. 161-162.

<sup>44</sup> *Instruções pelas quais se deverá guiar o chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, organizadas de acordo com a letra b, n. XXI, art. 35, da lei n. 1.617, de 30 de dezembro de 1906.*

#### Instrução IV

“(…)

*No fim de todo o serviço será organizado um relatório geral em que venham mencionados, não só o serviço executado, como também informações gerais no sentido de esclarecer os ministérios respectivos sobre o valor do terreno explorado, sua topografia e estatística, especialmente relativa às nações de índios da zona que a linha atravessar.*

*Acompanharão esse relatório as plantas definitivas do levantamento e nivelamento das linhas e dos rios explorados, bem como as tabelas de latitude e longitude, e de distâncias e altitudes”.*<sup>45</sup>

#### Instrução XI

*“O chefe da comissão poderá entender-se diretamente com o presidente do estado de Mato Grosso sobre o estabelecimento de colônias em torno de cada estação, devendo a comissão medir e demarcar lotes para os colonos, de acordo com o mesmo presidente”.*<sup>46</sup>

#### Instrução XV

*“A comissão fará o estudo:*

*Da região sob o ponto de vista da sua defesa, do traçado de vias de comunicação para a fronteira, da navegabilidade dos rios, e da natureza do terreno, quanto à sua utilização para a lavoura ou indústria pastoril;*

*Dos produtos extrativos da região que percorrer, principalmente os minerais;  
(…)”.*<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> *Idem.*

<sup>46</sup> *Idem.*

<sup>47</sup> *Idem.*

## Instrução XVI

*“A comissão apresentará ao Ministério da Guerra cartas parciais da região, logo que sejam organizadas, e uma geral quando terminarem os trabalhos, e um relatório em que serão relatados os trabalhos executados por cada um dos oficiais e pelo contingente, além do relatório de que trata o n. IV”*.<sup>48</sup>

Determinar coordenadas geográficas e azimutes astronômicos dos locais percorridos; realizar explorações dos principais rios da região; avaliar o terreno explorado, sua topografia, estatística e sociedades indígenas; estabelecer colônias em torno das estações telegráficas; estudar a região tendo em vista sua defesa, suas vias de comunicação, sua potencialidade agrícola e seus recursos naturais. A CLTEMA tinha, desde o momento em que foi criada, muitas e ambiciosas tarefas a cumprir.

Estas tarefas diferenciavam-se, em muitos aspectos, umas das outras, o que pode ser explicado pela sua já mencionada múltipla vinculação institucional. Os ministérios da Guerra, da Agricultura, Indústria e Comércio e da Indústria, Viação e Obras Públicas tinham, cada um deles, demandas específicas para a Comissão, o que a tornou heterogênea inclusive em sua formação, tendo em vista que participaram de suas expedições: soldados, engenheiros militares, telegrafistas, médicos, farmacêuticos, fotógrafos, e naturalistas especializados em botânica, zoologia, geologia e antropologia.

Sob a ótica do Ministério da Guerra, a Comissão era uma ótima oportunidade de assegurar definitivamente a posse das regiões a noroeste do país, numa zona próxima àquela que, não muito tempo antes da criação da Comissão, havia sido disputada entre brasileiros e bolivianos, culminando a assinatura, em 1903, do Tratado de Petrópolis, que estabeleceu a paz entre Brasil e Bolívia através da anexação do Acre ao território brasileiro, compensada pelo pagamento de uma indenização do governo brasileiro ao boliviano e pela construção – que também deveria ser custeada pelo governo brasileiro – da ferrovia Madeira-Mamoré, por onde a Bolívia escoaria sua produção para o Oceano Atlântico.<sup>49</sup>

De acordo com Frank McCann:

---

<sup>48</sup> *Idem.*

<sup>49</sup> HARDMAN, F. F. *Op. Cit.*, 2005. p.160.

*“A crise na fronteira boliviana e a suposta ameaça das grandes potências convenceram o governo do Rio de Janeiro de que precisava melhorar as comunicações com o extremo oeste de Mato Grosso e com as áreas dos rios Madeira e Acre. Desde 1896, Belém e Manaus eram ligadas por cabo submarino à Grã-Bretanha, mas não ao resto do Brasil. As comunicações por cabo com o norte dos seringais via Londres contribuíram para a insegurança das autoridades do Rio com relação à Amazônia. Em 1890-91 engenheiros do Exército haviam estendido linhas telegráficas a Cuiabá, e em 1906 haviam alcançado trechos nas fronteiras do Paraguai e da Bolívia. Um participante ativo, e depois comandante desses esforços (1892) foi Cândido Mariano da Silva Rondon, que passaria sua longa carreira (1889-1939) e sua ainda mais longa vida (1865-1958) empenhado em projetos ligados a construção telegráfica, mapeamento, abertura de áreas de fronteira e pacificação de povos indígenas recém contatados. Em 1907, como chefe da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Cuiabá ao Acre, ele liderou seus enérgicos tenentes, escolhidos a dedo, pela selva inexplorada em expedições que duravam meses, abrindo caminhos e instalando fios até Porto Velho, a nova cidade com terminal ferroviário às margens do rio Madeira”.*<sup>50</sup>

O Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas – a partir do qual a Comissão foi criada – estava interessado especialmente na expansão da infra-estrutura de comunicações do país, que, com a linha telegráfica de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira alcançaria o seu extremo noroeste, colocando-o em comunicação direta com a capital da República e outras cidades importantes.

Já o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio<sup>51</sup> buscou resgatar a aliança entre ciência e agricultura de seu antecessor, o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, extinto após a proclamação da República. De acordo com Marcos Bhering:

---

<sup>50</sup> MACCANN, Frank. *Op. Cit.*, 2007. p. 127.

<sup>51</sup> Extinto em 1891, sua estrutura passou a funcionar na Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no interior do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Recriado em 1906, com o nome de Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, foi efetivamente implementado em 1909, e, na sua nova configuração, a aliança entre ‘ciência’ e ‘agricultura’, que já marcara as suas atividades durante o Império, foi ainda mais acentuada. Ver: BHERING, Marcos Jungmann. *Positivismo e modernização:*

*“Suas responsabilidades relativas à agricultura e indústria animal, além daquelas de caráter mais burocrático, eram: o ensino agrícola, estações agronômicas, campos de experimentação e institutos de biologia agrícola; imigração e colonização; catequese e civilização dos índios; escolas veterinárias; postos zootécnicos; proteção contra doenças de animais; importação e seleção das raças aperfeiçoadas; estudos de pastos, jardins botânicos, hortos, museus, laboratórios, aquisições e distribuições de plantas e sementes; estudos científicos; observatórios astronômicos, estações meteorológicas e carta geográfica; irrigação e drenagem. As atividades científicas e técnicas se tornaram o substrato básico das atividades do ministério”.<sup>52</sup>*

Foi a partir deste Ministério – mesmo quando ainda funcionava como uma secretaria no interior do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas – que partiram as demandas para que a Comissão realizasse contatos com as sociedades indígenas, efetuasse levantamentos científicos (botânicos, zoológicos, antropológicos e geológicos) e iniciasse o processo de ocupação produtiva da região através do estabelecimento de pequenos núcleos agropecuários.<sup>53</sup>

A política indigenista levada a cabo por Rondon é um aspecto fundamental de suas atividades nos “sertões do noroeste”, especialmente daquelas levadas a cabo sob a égide da CLTEMA. Elias dos Santos Bigio<sup>54</sup> nos mostra que a idéia de integração nacional defendida pela Comissão passava também pela “integração” – ou “incorporação”, ou “assimilação” – das tribos indígenas da região à comunhão nacional. Ainda que por meios pacíficos, aquelas tribos, ao fim e ao cabo, deveriam adotar as formas de vida dos “civilizados”, entendidas então como mais evoluídas do que aquelas sob as quais estas tribos viviam. Integração nacional significava também a integração dos indígenas ao restante da população brasileira.

---

*Políticas e Institutos Científicos de Agricultura no Brasil (1909-1935)*. Dissertação de mestrado PPGHCS – COC/ FIOCRUZ. 2008.

<sup>52</sup> BHERING, *Op. Cit.*, 2008.

<sup>53</sup> SÁ, SÁ e LIMA, *Op. Cit.* p. 779-810, 2008.

<sup>54</sup> BIGIO, *Op. Cit.*, 2000.

Quanto às atividades científicas da Comissão, podemos dizer que – de acordo com a diretriz do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – seu principal objetivo era o de identificar os recursos minerais e localizar as terras mais adequadas à agricultura na região. No entanto, nas diversas expedições das quais participaram, os naturalistas da Comissão coletaram grande número de amostras de espécimes botânicos, zoológicos, antropológicos e geológicos. O Museu Nacional sediado no Rio de Janeiro foi a instituição que cedeu a maior parte dos naturalistas que serviram na CLTEMA e também o principal beneficiário das suas atividades científicas, tendo recebido entre 1908 e 1916 cerca de 8.837 espécimes botânicos, 5.637 espécimes zoológicos, 42 exemplares geológicos, mineralógicos e paleontológicos e 3.380 peças antropológicas.<sup>55</sup> João Batista de Lacerda, à época diretor do Museu Nacional, para quem “*as atividades de campo, que incluíam o estudo e coleta de material científico, constituíam uma das atividades prioritárias em uma instituição de história natural*”<sup>56</sup>, foi um grande entusiasta da participação de naturalistas de sua instituição na CLTEMA.

Por fim, a ocupação produtiva dos sertões do noroeste foi o objetivo que aglutinou as diversas demandas colocadas para a Comissão. A defesa do território, a ampliação do circuito telegráfico, a política indigenista e as atividades científicas realizadas pelos naturalistas a serviço da CLTEMA estavam diretamente ligadas à ocupação da região.

A partir de Maio de 1907, a Comissão iniciou, nos sertões do noroeste, os trabalhos de construção da linha telegráfica e exploração do território que deveriam se prolongar por oito anos a fio. Durante desse longo período, os membros da Comissão passaram por inúmeras dificuldades. Havia a ameaça constante de ataques de grupos indígenas, a dificuldade de transitar por regiões pouco exploradas, das quais os mapas muitas vezes davam informações equivocadas; e a inclemência do clima, que, ora com sol escaldante, ora com chuvas torrenciais, castigava os corpos dos trabalhadores e demais expedicionários. No entanto, a principal dificuldade encontrada pelos membros da CLTEMA foi imposta pelas doenças presentes na região – em especial a malária. É disso que trataremos nos próximos capítulos.

---

<sup>55</sup> SÁ, SÁ e LIMA. *Op. Cit.*, p. 797.

<sup>56</sup> *Idem*, p. 789.

## **CAPÍTULO II – O medo da malária e a criação do serviço sanitário da CLTEMA.**

### **II.1 – A ameaça das doenças.**

Desde o primeiro momento em que os trabalhadores da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas chegaram aos sertões do noroeste para construir a linha telegráfica que garantiria a comunicação rápida entre aquelas regiões do país e seus principais centros políticos, até o dia 1º de Janeiro de 1915 – quando a linha foi oficialmente inaugurada – diversas doenças ameaçaram o sucesso do empreendimento, minando as energias de oficiais e trabalhadores, afetando cotidianamente a marcha dos trabalhos desempenhados, e, muitas vezes, cobrando seu tributo em vidas.

Praticamente todos os oficiais da Comissão que redigiram relatórios sobre suas atividades – e não foram poucos, tendo em vista que foram publicados 104 volumes na série da Comissão Rondon, dos quais 86 referem-se apenas ao período da CLTEMA<sup>57</sup> – mencionaram problemas com doenças e fizeram suas próprias avaliações sobre a gravidade da situação sanitária de algumas regiões. A centralidade destas observações de caráter médico, feitas em todas as etapas dos trabalhos da Comissão – do reconhecimento e exploração das áreas percorridas à instalação dos postes e linhas telegráficas, passando pela abertura das picadas e pelas expedições de reconhecimento dos principais rios da região – ficará mais clara a seguir. Os exemplos elencados abaixo foram selecionados entre muitos outros presentes na documentação examinada. Eles tratam de diferentes fases da atuação da CLTEMA e indicam as formas pelas quais as doenças atrapalharam e complexificaram todas as suas operações, uma a uma, por anos a fio.

Numa conferência, ao tratar do período de estudos e reconhecimento do território que seria cortado pela linha, o próprio Rondon dedica alguns parágrafos interessantes a respeito de uma localidade de fundamental importância naquele momento, ponto final da linha

---

<sup>57</sup> *Ministério da Agricultura – Conselho Nacional de Proteção aos Índios*. Catálogo Geral das Publicações da “Comissão Rondon” e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios / Anexa uma relação de outras publicações em conexão com os trabalhos da “Comissão Rondon” / Departamento de Imprensa Nacional / Rio de Janeiro / 1950 / (Publicação nº96). AMI.

telegráfica e cidade que servia como base da construção da ferrovia Madeira-Mamoré: Santo Antônio do Madeira. A seu respeito, ele afirma:

*“Não tenho lembrança de jamais ter visto outro povoado de aspecto tão feio e tristonho.*

*A população, constituída de aventureiros vindos de todas as partes do mundo, cheia de vícios, alcoólatra, parece ter querido erigir em padrão de glória o desprezo pela higiene e pelo asseio. O lixo amontoa-se no meio das ruas; ali mesmo abatem-se, esfolam-se e esquartejam-se as rezes destinadas à alimentação; de todos os lados levantam-se exalações pútridas. Os gêneros de primeira necessidade, quase sempre deteriorados e imprestáveis, custam preços exorbitantes, fabulosos. O principal ramo de comércio é o – álcool.*

*Em resumo, depois de se ter visto essa infeliz aldeia, despovoada de crianças, compreende-se que só por milagre não teria ela a assombrosa mortandade que a celebrizou e cuja fama injustamente generalizada traz desde muitos anos paralisado o movimento de conquista das margens do Madeira por uma população honesta e laboriosa, capaz de beneficiar as incalculáveis riquezas deste solo.”<sup>58</sup>*

E, para além da péssima situação sanitária desta e de outras cidades, vilas e povoados situados no caminho ou nas proximidades da linha telegráfica, ainda havia o problema do adoecimento dos membros da Comissão, que prejudicava – não poucas vezes de forma dramática – o andamento dos trabalhos. Mais uma vez é o próprio Rondon quem nos dá uma idéia do tamanho deste problema, desta vez durante o trabalho de abertura de picadas e instalação de linhas telegráficas, fazendo um alerta para os esforços necessários ao país para viabilizar aquela empreitada, dos quais o esforço financeiro não seria o menor. A importância prática e simbólica do episódio narrado, somada à apresentação de argumentos em defesa da abertura de estradas e linhas telegráficas pelos sertões do noroeste justificam a longa citação abaixo:

---

<sup>58</sup> CLTEMA / 1946 / (Publicação n° 68). pp. 75-76. AMI.

*“Após a conclusão do grande Reconhecimento de 1909, depois de sondar os recursos com que poderíamos contar no Madeira e indagar da salubridade da região, resolvi, para acelerar a conclusão dos nossos trabalhos, atacar simultaneamente o serviço de Santo Antonio para baixo, em procura do Alto Jamari, ao encontro da construção matriz. Para isso em abril de 1910 criei a seção que se incumbiria desses trabalhos, sob a denominação de ‘Seção do Norte’. Para dirigi-la foi nomeado o major Agostinho Raymundo Gomes de Castro, que escolheu seus auxiliares e com eles marchou em maio ao seu destino, demorando-se em Manaus o mês de julho em organização administrativa; prosseguiu para Santo Antonio em julho, dando começo aos trabalhos em agosto.*

*Foi tão infeliz, porém, que no mês seguinte, estava com quase todo o pessoal fora do serviço. Foram ele e o tenente Clementino Paraná, comandante do contingente, os primeiros a caírem doentes, apesar da exemplar energia que desenvolveram na organização e execução dos trabalhos.*

*Só em novembro foi possível retomar os trabalhos de locação; os de construção, propriamente, continuaram parados por falta de praças. Foi preciso chamar concorrência pública para a empreitada da abertura do picadão, que em 6 quilômetros apenas fora pelas praças do contingente iniciada, a partir do acampamento Henrique Dias, à margem da estrada de ferro Madeira-Mamoré.*

*Apesar deste primeiro quase desastre, insisto em prosseguir com a construção por ali desde já. A exemplo da Madeira-Mamoré não devemos desanimar diante da aparente inclemência do clima do alto Madeira; para vencê-la, domando-a, será preciso robustez completa, perseverança e muita energia. Sem estas qualidades físicas e morais nada poderemos conseguir naquela região, que só com muita audácia e mais audácia poderá ser modificada, tornando-se adaptável à vida humana.*

*Havemos de gastar algum dinheiro para vencer os embaraços naturais, mas, uma vez modificada a região, estará ela concorrendo grandemente para saldar essas despesas públicas, facilitando aos seus habitantes ensaios e iniciativas mais profícuas através de território mais adaptável à atividade industrial.*

*As despesas que vamos fazendo para penetração destas terras imensas, representam um saque contra o futuro, é verdade; mas o pagamento do juro é seguro e será feito com usura.*

*Para o nosso Brasil Central não temos outro processo a empregar na consecução do seu povoamento.*

*É preciso trazer a estas terras privilegiadas, porém desertas, o telégrafo e as estradas, para fomentar a sua ocupação. Aliás, este processo não será uma invenção nossa; os nossos irmãos da América do Norte no-lo indicaram, quando com energia encararam o seu Far West, deserto no início da constituição daquela nacionalidade, transformado eficazmente, em pouco tempo, e hoje constituindo a maior riqueza daquele povo viril e de iniciativa.*

*Façamos do nosso Brasil Central o mesmo; modifiquemo-lo, cruzando-o de estradas e telégrafos em todos os sentidos, porque constitui ele o futuro celeiro da Terra.”<sup>59</sup>*

O incidente aqui narrado possui importância significativa para a Comissão. Afinal de contas, toda uma seção de construção da linha telegráfica teve seus trabalhos interrompidos em sua fase mais decisiva, tendo em vista o grande índice de adoecimento entre seus oficiais e trabalhadores. Os homens da Seção do Norte de construção da linha tronco, liderados pelo major Agostinho Raymundo Gomes de Castro, suportaram somente um mês no local designado por Rondon, construindo apenas seis quilômetros de linha telegráfica, quando deveriam instalar quilômetros e quilômetros de linha até o encontro com a Seção do Sul em algum ponto do itinerário da linha. O momento do encontro entre as duas seções seria o marco da conclusão dos trabalhos de construção e do início da comunicação telegráfica por toda a região atravessada. As doenças tornaram este encontro mais difícil do que Rondon poderia ter imaginado a princípio.

Fazendo uso de uma retórica otimista, o Chefe da Comissão procura utilizar este incidente de aspecto mórbido para sensibilizar o Governo da necessidade de investimentos financeiros na CLTEMA e para destacar o aspecto heróico dos trabalhos levados a cabo por seus homens; mas é somente a promessa da ocupação produtiva daquela região – “o futuro

---

<sup>59</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n°39). pp. 17-18. AMI.

*celeiro da Terra*” – que justifica todo aquele investimento financeiro e humano na Comissão.

O 2º Tenente Otávio Felix Ferreira e Silva, engenheiro militar chefe da expedição encarregada da exploração e levantamento do Rio Jamari, da qual também participaram o fotógrafo Afonso Henrique de Magalhães, o farmacêutico Luiz da França Souto Maior, o diarista Manfredo dos Reis Maciel e 12 praças de infantaria<sup>60</sup>, também registrou em seu relatório a presença das doenças nas regiões que atravessou. Segundo ele, na zona próxima ao vale do Jamari:

*“As moléstias mais dominantes pelos efeitos letais são de fundo palustre. Há vários casos de beribéri, tuberculose e disenteria.*

*Salientam-se, pela extensibilidade mórbida, as moléstias do aparelho digestivo entre as quais a entero-colite, as enterites e as diarréias, são as que mais casos apresentam, mas de baixa cota percentual.*

*O impaludismo é o maior consumidor de vidas no Jamari e a forma mais freqüente em que se manifesta é a intermitente quotidiana, seguindo-se a retente e a larvada que não é de conseqüências fatais.*

*Muitos casos de polinevrite palustre têm sido considerados de beribéri. Diversos médicos entre eles o Sr. Major Gouvêa Freire encontram afinidade entre o impaludismo e o beribéri, alguns ainda pensam em filiar esta moléstia à epizootia de animais.*

*Existem também em mínima percentagem as moléstias de olhos, o crup, tétanos, cânceres, meningites, congestões, hemorragias, alienação mental, epilepsia, arteriosclerose, aneurismas, nefrites, mal de Bright, reumatismo, erisipela, escrofulose, elefantíase e gangrena.*

*São ainda freqüentes a icterícia, os eczemas, os dartros, a lepra seca e as úlceras nas pernas.*

---

<sup>60</sup> *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Exploração e Levantamento do rio Jamari / Relatório / apresentado em 1911 ao Sr. Tte. Coronel Chefe da Comissão / pelo / 2º Tte. Otávio Felix Ferreira e Silva [Contém – 27 págs. 32 fotografuras e 1 pág. De “Perfis transversais dos rios Jamari e seus / afluentes”. In folio]. 1920 / Pap. Macedo / Rio / (Publicação nº57). p. 6. ARTMHEx / FC.*

*Devemos distinguir no curso do Jamari entre as diversas causas intra e extralocais, que determinam a produção de moléstias palustres, do reumatismo, dispepsias e dermatoses, as seguintes: a moradia na beira do rio sobre terrenos baixos que são facilmente invadidos pelas águas nas enchentes, e na vazante com a ação do calor, expõem à fermentação pútrida as matérias orgânicas de origem vegetal e animal; a neblina e os nevoeiros constantes das noites com excesso de umidade e a água que os moradores bebem apanhada em igarapés ou lagos que contêm muitos vegetais e vão baixando de nível cada vez mais com a evaporação; a má qualidade, insuficiência e às vezes falta da indispensável alimentação que depauperam e predispõem ao contraimento das moléstias.*

*Concorre para o mesmo fim o trabalho durante o dia inteiro dentro da água e em terrenos encharcados.*

*Constituem arma de defesa contra a febre intermitente a boa alimentação, o filtro e o mosquiteiro.*

*As más condições em que são transportados os que se destinam ao povoamento do Jamari como de todos os rios da bacia do Amazonas são circunstâncias acidentais, transitórias e, por isso, removíveis, que concorrem, entretanto, para incrementar tanto o impaludismo como o beribéri.*

*Acrescente-se a essa série de circunstâncias deprimentes e perniciosas a ausência de médicos e de ambulância e fácil será imaginar a sorte da multidão de homens, mulheres e crianças se no meio infecto em que viajam irrompe o paludismo ou beribéri.*

*A região é insalubre como o indicam as várias causas citadas, além das quais devemos ainda nos referir ao desleixo, imprevidência e à falta de vigilância dos que têm responsabilidade por tantas vidas sacrificadas no povoamento do rio.*

*É difícil encontrarem-se no Jamari pessoas de avançada idade: apenas vimos nessas condições os velhos Bufo e Basílio.*

*A expedição perdeu o diarista Manfredo dos Reis Maciel e o soldado José Ferreira do Nascimento, ambos vítimas do impaludismo.*

*Todo o pessoal sofreu febres intermitentes em parte combatidas, mas, regressou depauperadíssimo de Jatuarana, onde foi forçada a suspensão do levantamento pela falta absoluta de saúde.”*<sup>61</sup>

Otávio Felix faz aqui um levantamento das principais doenças das zonas próximas ao rio Jamari, chegando mesmo a apontar algumas de suas causas, e – ainda que de forma tímida –, possíveis soluções. Chama atenção aqui, em primeiro lugar, o amplo espectro de doenças citadas, e também seu forte impacto na expedição: todos os dezesseis expedicionários foram contaminados pela malária<sup>62</sup>, dois dos quais morreram, de modo que os trabalhos tiveram de ser interrompidos antes de sua conclusão “*pela absoluta falta de saúde*” dos homens. Mais uma vez as doenças aparecem no caminho da Comissão interrompendo abruptamente trabalhos previamente planejados.

Se Santo Antonio do Madeira era uma cidade sem crianças, toda a região próxima ao rio Jamari era uma zona sem idosos. De um ou outro modo, sem infância ou sem velhice, era a vida dos homens que parecia não poder desenvolver-se em sua plenitude naquelas paragens. As doenças eram mais do que uma ameaça; pareciam representar um impedimento ao povoamento dos sertões do noroeste.

Como afirmei acima, relatos como esses se multiplicam entre os relatórios dos membros da Comissão. Ainda que nem sempre as doenças tenham se manifestado de forma tão dramática como nos trechos acima citados, elas eram invariavelmente mencionadas entre as dificuldades enfrentadas nas mais diversas expedições, caso do relatório do Capitão Manoel Teóphilo da Costa Pinheiro a respeito da exploração do rio Jaci-Paraná, no qual se afirma que:

*“O Jaci-Paraná é muito doentio e paludoso. Raro era o dia em que não tínhamos dois ou três homens doentes. Felizmente o impaludismo manifestava-se sempre sob a forma mais simples e benigna, conhecida pelos seringueiros pela denominação de maleita ou sezão.”*<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> CLTEMA / 1920 / (Publicação nº57). p. 21. ARTMHEx / FC.

<sup>62</sup> Nos documentos da Comissão, a malária é comumente chamada de paludismo ou, ainda, impaludismo.

<sup>63</sup> Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Exploração do Rio Jaci-Paraná / pelo / Capitão Manoel Teóphilo da Costa Pinheiro / ajudante da Comissão / 1910 [Contém: 82 págs.

O Capitão Costa Pinheiro recebeu ordem de explorar o Jaci-Paraná e estabelecer nesse rio uma base de apoio para a terceira expedição de exploração e reconhecimento liderada por Rondon, que havia partido de Juruena no mês de junho de 1909 em direção ao rio Madeira. As duas turmas não chegaram a se encontrar, pois, induzido por um erro presente nos mapas que tratavam daquela região, Rondon confundiu as bacias dos rios Jamari e Ji-Paraná ou Machado. No entanto, o chefe da Comissão afirmou que aquele oficial:

*“Ali estabelecera o seu acampamento e estoicamente esperava os expedicionários do Sul, resistindo, com o Tenente Amílcar Botelho de Magalhães, aos acessos do impaludismo.*

*Estas febres atacaram a totalidade da coluna expedicionária: os doentes muito graves, à falta de médicos recebiam ordem de retirar-se, de sorte que nesta ocasião só restava um terço do efetivo inicial.”<sup>64</sup>*

As doenças apresentavam-se, deste modo, como um desafio constante aos trabalhos da Comissão e ao seu projeto de ocupar os sertões do noroeste. Para levar a termo seus objetivos, a CLTEMA não podia negligenciar este problema. Pelo contrário, ela deveria criar estratégias capazes de controlar o impacto das doenças no andamento dos trabalhos.

Os personagens diretamente envolvidos nesta tarefa foram os médicos da Comissão; no entanto, não podemos perder de vista que as doenças configuravam-se como um problema que não interessava apenas a eles. Tratava-se, antes, de uma questão central que dizia respeito e envolvia toda a Comissão, pois de sua resolução dependia a própria viabilidade do projeto de integração dos sertões do noroeste. Nenhum dos textos acima citados foi elaborado por médicos. Todos foram produzidos por engenheiros militares que ocupavam posições de liderança na Comissão – entre os autores destaquei a presença do próprio Rondon – e que mostraram interesse e preocupação com a presença constante de

---

inclusive 8 págs. de tabela. *In folio*] Pap. Macedo / Rio / (A 2ª edição, acrescida do Diário da Expedição, organizado pelo 1º Tte. Amílcar A. Botelho de Magalhães e das respectivas plantas, foi realizada pelo C.N.P.I., na Imprensa Nacional, em 1949) / (Publicação nº5). pp. 24-25. AMI.

<sup>64</sup> CLTEMA / 1946 / (Publicação nº 68). p. 76. AMI.

doenças atravancando os trabalhos de exploração de rios e de construção da linha telegráfica.

O problema era de todos e os médicos foram aqueles que se debruçaram sobre ele de maneira mais direta, refletindo sobre suas causas e apresentando propostas para enfrentá-lo. Veremos a seguir as maneiras através das quais estes personagens lidaram com as doenças que se apresentavam em todos os trabalhos da Comissão. Veremos como as doenças que a todos ameaçavam foram explicadas em suas causas, quais enfermidades apareceram com maior incidência, com destaque absoluto para a malária, e quais foram as estratégias mobilizadas em seu controle.

## **II.2 – Malária: a doença dos sertões do noroeste.**

Em seu livro, que investiga as modernas representações da natureza tropical desde estudos do naturalista Alexander von Humboldt, que tiveram início em fins do século XVIII, até os jardins modernistas de Roberto Burle-Marx, elaborados em meados do século XX, Nancy Stepan destaca que:

*“(...) our representations, and therefore our understanding, of tropical nature reflect political, aesthetic and other projects that have the capacity to expand, or limit, our imaginative engagement with the natural world.”<sup>65</sup>*

Ainda de acordo com a autora, a conformação da categoria “natureza tropical”, como a entendemos hoje, deveu-se, sobretudo, a três áreas do conhecimento: a História Natural, as Ciências Humanas (fundamentalmente a Antropologia) e a Medicina. Estas áreas corresponderiam, grosso modo, aos três elementos fundamentais nos quais os trópicos estariam divididos: lugares tropicais (caracterizados pelo clima quente, mas, sobretudo, por seu estatuto de colônias ou de países dependentes das principais metrópoles européias), pessoas tropicais (pessoas de pele escura, doentes e pobres) e doenças tropicais (fundamentalmente aquelas transmitidas por vetores).

---

<sup>65</sup> STEPAN, Nancy Leys. *Picturing Tropical Nature*. London. Reaktion Books. 2001, p. 14.

A CLTEMA – assim como Humboldt, Alfred Russel Wallace, Louiz Agassiz, William James, Patrick Manson e Roberto Burle-Marx, personagens estudados por Nancy Stepan em seu livro – também inventou a sua própria natureza tropical: os sertões do noroeste. Construindo uma associação entre o clima quente, a presença – ou melhor, onipresença – de doenças tropicais e de seus vetores, e uma população semicivilizada, miserável e doente, os diversos relatórios da Comissão moldaram aquilo que seria o caráter tropical de uma área que, segundo os mapas atuais, vai do noroeste do Mato Grosso ao sudoeste do Amazonas, cruzando todo o estado de Rondônia.

Ao elaborar a sua própria visão do que conferia aos sertões do noroeste o caráter de “trópico”, a CLTEMA mobilizou as três áreas do conhecimento que Stepan identifica na origem da idéia moderna de medicina tropical. Naturalistas enviados pelo Museu Nacional coletaram diversos espécimes botânicos, faunísticos e mineralógicos; antropólogos enviados pela mesma instituição estudaram a constituição física, o vocabulário e os costumes dos indígenas; e, finalmente, médicos estiveram atentos ao modo de vida dos seringueiros e habitantes dos povoados da região, bem como às principais doenças ali presentes. Os lugares, as pessoas e as doenças dos sertões do noroeste foram objetos de investigação da Comissão, que, numa monumental obra de 86 volumes, inventou os seus sertões do noroeste, conferindo-lhes o epíteto de “trópico”.

Não é a minha pretensão, no espaço desta dissertação de mestrado, investigar sistematicamente as contribuições das três áreas do conhecimento supracitadas para a invenção dos sertões do noroeste enquanto uma zona tropical particular, embora veja um estudo como tal – ainda por ser feito – com grande interesse. Preterindo, no modelo proposto por Stepan, as discussões relacionadas à História Natural e às Ciências Humanas, procurarei apresentar aqui uma análise do papel desempenhado pelos relatórios médicos da CLTEMA na produção de certas representações sobre os sertões do noroeste, mais precisamente sobre a onipresença da malária na região. Cabe lembrarmos aqui que a própria autora nos informa que, antes mesmo da emergência da medicina tropical, a medicina de ‘climas quentes’ já havia consolidado o médico no papel de um dos mais importantes investigadores dos trópicos.

A associação entre clima e doenças é anterior à medicina tropical. Nos estudos de climatologia médica e geografia médica do século XIX, por exemplo, o clima e a geografia

eram apresentados como os determinantes fundamentais da causa de doenças em todo o planeta, de tal modo que avaliar suas particularidades locais era a única maneira de se compreender as doenças numa determinada região. Como afirma Flavio Edler:

*“Como se julgava que a prática e o conhecimento médicos eram necessariamente circunscritos ao meio ambiente climático e telúrico, havia duas possibilidades de se obter conhecimento confiável: pela organização de uma viagem científica, visando obter conhecimento pela observação direta; ou por meio das autoridades médicas locais (...).”<sup>66</sup>*

Os diversos médicos partícipes da CLTEMA, diferentemente dos muitos adeptos que a climatologia e a geografia médica tiveram no século XIX, não apresentaram explicações monocausais sobre a incidência de doenças nas regiões que atravessaram. Pelo contrário, uma de suas maiores preocupações foi desmistificar a idéia de que o clima era um impedimento único e definitivo à ocupação produtiva dos sertões do noroeste. Ainda que este não tivesse sido simplesmente eliminado das explicações elaboradas acerca do quadro nosológico das regiões examinadas, ele não aparece como único determinante da inviabilidade da ocupação humana destas regiões, mas como um dos fatores responsáveis, de forma indireta, por sua dificuldade, em função especialmente da ocorrência de determinadas doenças, como a malária, por exemplo.

Esta postura diante do clima é característica da medicina tropical, disciplina médica que emergiu na virada do século XIX para o XX, institucionalizando-se com a fundação da Liverpool School of Tropical Diseases, da London School of Tropical Medicine e do Institut für Shiffs und Tropenkrankheiten (Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais) de Hamburgo, fundados respectivamente em 1898, 1899 e 1900. Esta nova disciplina médica foi particularmente importante no Brasil, onde desde os primeiros anos do século XX os cientistas – em especial aqueles do Instituto Oswaldo Cruz<sup>67</sup> – já combinavam análises

---

<sup>66</sup> EDLER, Flávio Coelho. De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. XIII (suplemento). pp. 925-43. 2001. p. 933.

<sup>67</sup> Em 1900 foi criado o Instituto Soroterápico Federal, que tinha como atribuição produzir soro antipestoso. Em 1907, este instituto teve suas atribuições ampliadas e passou a se chamar Instituto de Patologia Experimental. Um ano depois ele seria rebatizado de Instituto Oswaldo Cruz. Ver: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. O Dicionário está

microbiológicas com pesquisas das áreas da história natural e da entomologia em seus estudos sobre a malária, a febre amarela, a peste e outras doenças.<sup>68</sup>

Vale a pena lembrar que os médicos da Comissão estavam bastante familiarizados com a medicina tropical<sup>69</sup>, tendo em vista que eles citaram diversas vezes em seus relatórios os trabalhos dos médicos brasileiros e estrangeiros relacionados à nova disciplina, em especial aqueles referentes à malária, que foi simultaneamente a doença que mais prejuízos e preocupações causou à CLTEMA e o modelo paradigmático de enfermidade tropical. Os doutores Murillo Campos, Joaquim Tanajura e Antonio Cajazeira – autores dos mais extensos e importantes relatórios médicos da CLTEMA – citam tanto os ingleses – Patrick Manson e Ronald Ross – quanto os italianos – Amico Bignami, Giovanni Baptista Grassi e Giuseppe Bastianelli – que haviam trabalhado na elucidação do mecanismo de transmissão da malária respectivamente em aves e humanos, além de mencionarem as pesquisas realizadas por Arthur Neiva no Instituto Oswaldo Cruz sobre alguns aspectos da mesma doença.

De forma genérica, o advento da medicina tropical representou a consolidação de uma maneira de entender determinadas doenças a partir de uma perspectiva ampla, diversificada, que combinava a história natural, a zoologia, a entomologia e a clínica médica com a microbiologia pasteuriana<sup>70</sup>. O olhar biogeográfico da medicina tropical mostrava-se particularmente atento às relações existentes entre os seres vivos – o que inclui, entre outros, os microorganismos causadores de doenças, os vetores responsáveis pela transmissão destes microorganismos e os homens que, através ações sanitárias e sociais, buscam obter o controle sobre estas relações – e destes com o clima e a geografia dos espaços em que vivem, procurando compreender a dinâmica presente em todos estes liames.

---

disponível pela internet e o endereço do verbete “Instituto Soroterápico Federal” é: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/instsorofed.htm>. Acessado em 20/06/2009.

<sup>68</sup> CAPONI, Sandra. Trópicos, micróbios y vectores. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. 9 (suplemento): 111-38, 2002.

<sup>69</sup> Não encontrei, nas pesquisas realizadas no material da CLTEMA, referências específicas à formação destes médicos. No entanto, podemos dizer que sua formação era constituída – como aquela de todos os médicos que se formaram entre fins do século XIX e início do século XX na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ou na Faculdade de Medicina da Bahia – pela combinação de distintas tradições de pensamento da área. Ver: EDLER, Flávio Coelho. *A constituição da medicina tropical no Brasil oitocentista: da climatologia à parasitologia médica*. Tese de doutorado, IMS/UERJ, 1999.

<sup>70</sup> CAPONI, Sandra. Coordenadas epistemológicas de la medicina tropical. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. 10 (1): 113-49, jan.-abr. 2003.

A partir dos estudos da medicina tropical, os médicos passaram a se referir ao “ambiente” como esta complexa cadeia de inter-relações que envolvem diversos seres vivos (com destaque para os vetores de doenças), a geografia, o clima, a umidade e a temperatura média de um determinado espaço. Trata-se de uma postura inteiramente distinta daquela presente nos estudos de climatologia médica e geografia médica dos quais tratei acima, que entendiam o clima e a geografia como os determinantes da configuração nosológica de qualquer região. Nestes estudos, os seres vivos e suas inter-relações não figuravam como parte do “ambiente”; este era entendido apenas como o produto da simples operação de adição clima mais geografia.

Na tentativa de compreender a presença da malária nos sertões do noroeste, os médicos da CLTEMA se valeram deste ponto de vista biogeográfico característico da medicina tropical. Seu ímpeto inicial foi o de negar que a geografia e o clima, sobretudo este último, pudessem, por si sós, produzir a doença. Estes fatores seriam, entretanto, responsáveis pelas condições necessárias à existência dos protozoários (*plasmodium falciparum* ou *plasmodium vivax*) causadores da doença, e, sobretudo, à reprodução dos seus vetores principais – os mosquitos do gênero *anopheles*.

José Antonio Cajazeira, dentre os médicos da Comissão, foi o mais ferrenho crítico das explicações que reduzem as causas das doenças ao clima e à geografia. Para ele, a grande distância que separa os sertões do noroeste da Capital Federal, somada às considerações de médicos estrangeiros sobre o clima destas regiões, teria feito com que os habitantes do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades do país passassem a ver os sertões do noroeste como cronicamente insalubres. Cajazeira faz um chamado aos médicos brasileiros; pede a eles que vão ao interior do país e atestem o equívoco desta condenação de seu clima. Adotando um tom de forte caráter nacionalista, ele afirma:

*“(...) Precisamos ter estudo nosso sobre nossas regiões.*

*“Sem isso nos deixaremos influenciar pelas idéias estranhas sobre a salubridade dos climas denominados quentes, e proclamaremos comodamente instalados na nossa bela Capital, toda a cantilena [grifado no original] de exageros sobre aqueles climas, aprendida na leitura de patologistas e higienistas europeus, principalmente dos franceses, os mais afastados da verdade nesse assunto.”*

(...)

*Nada temos com as observações feitas nas colônias européias.*”<sup>71</sup>

Outros médicos da Comissão fizeram afirmações semelhantes a esta de Cajazeira, opondo-se à condenação de toda a região devido ao seu clima. Joaquim Tanajura, em seu relatório, afirma de modo contundente que:

*“Não é possível à simples notícia exagerada, julgar de logo as condições de um clima. Embora de longa data a campanha contrária à propaganda insidiosa que debuxa mil fantasias a respeito do clima das regiões amazônicas, venha sendo feita, contudo, ainda hoje é mesma a presunção de que a morte espreita o indivíduo recém chegado, para aniquilá-lo à primeira investida da moléstia (...)*

*“O prejuízo não é do clima nem ele se constitui fator etiológico absoluto da moléstia.”*<sup>72</sup>

E, por fim, o Capitão-médico João Florentino Meira de Faria, perplexo com a fama de insalubridade da região entre os habitantes da então Capital Federal, faz a seguinte reflexão:

*“(...) Mas quem entre nós, levado por um desejo de viver uma vida forte ao grande sol e ao grande verde de nossa terra, alista-se entre os auxiliares do Coronel Rondon, é alvo das expressões de simpatia a mais triste.*

*“Ninguém sabe, por desinteresse, das condições reais de vida, de salubridade em que nos encontramos nos sertões de Mato Grosso e Amazonas, mas ninguém se furta a um largo gesto de pena ou de admiração!*

*“Não se sabe ao certo que perigo concreto, real ameaça ao que parte: de insalubridade manifesta, a não serem algumas expedições militares organizadas da maneira a mais defeituosa como a própria administração veio a reconhecer, nenhum*

---

<sup>71</sup> Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório apresentado ao Chefe da Comissão Brasileira / pelo Médico da Expedição Dr. José Antônio Cajazeira / Cap. Médico do Exército / 1914 [Contém 125 págs. e 2 escalas de observações meteorológicas, In 4º] Rio de Janeiro / s/d / Tip. Jornal do Comércio / (Publicação n° 55). pp. 6-7. AMI.

<sup>72</sup> Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Serviço Sanitário / pelo Dr. Joaquim Augusto Tanajura / Médico da Expedição [Contém – 50 págs e 10 relações da turma expedicionária. In folio] Pap. Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação n° 19). p. 36. ARTMHEx / FC.

*atestado franco se tem tido; de silvícola, como ameaça a quem viaja nos sertões do Brasil, não se poderia seriamente falar.*

*“O que resta como explicação é o medo vago, impreciso, que hoje se tem de abandonar a costa, a cidade, em busca do sertão.*

*E este medo tem sua repercussão sobre aquele que parte: nós não somos nascidos em uma escola de caráter, formadora de homens!*

*Vendo os demais temerem, o entusiasmo do que vai se arrefece, ele começa a partilhar as prevenções e os receios do meio e, se um sentimento de pudor e amor próprio mantém-no decidido a partir, ele parte abalado em seu otimismo, ele parte em condições que o predispõem ao máximo para adoecer.*

*Seria, porém, exagerar, seria cair em um vício oposto de julgamento o acreditar seja aquele o fator exclusivo de moléstias na bacia do Amazonas. É preciso reconhecer: o vale do Amazonas não é uma região salubre...*

*Nem região alguma do mundo o foi antes que o esforço do homem domasse a natureza e normalizasse a vida: as províncias de França, hoje ‘o mais belo reino depois do céu’ não o eram ao tempo da conquista romana... (...).”<sup>73</sup>*

Desse modo os médicos da CLTEMA esconjuravam o fantasma do clima, que, segundo a “*propaganda insidiosa*” (Tanajura) realizada, entre outros, por “*patologistas e higienistas europeus, sobretudo os franceses*” (Cajazeira), assombrava os sertões do noroeste, produzindo “*o medo vago, impreciso, que hoje se tem de abandonar a costa, a cidade, em busca do sertão*” (Meira de Faria).

A presença da malária foi atribuída, então, às condições favoráveis ao cumprimento do ciclo do *plasmodium* ali presentes. Naquela região os médicos identificaram a presença de uma população já contaminada pelo protozoário – vista como uma espécie de reservatório de *plasmodium* –, além de anofelinas – tipo de mosquito que cumpre o papel de hospedeiro intermediário e transmissor deste parasito – e homens recém-chegados para trabalhar nos seringais, na Madeira-Mamoré e na própria CLTEMA, dos quais alguns nunca haviam sido contaminados pelo protozoário, e, portanto, não possuíam qualquer

---

<sup>73</sup> *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / (Serviço Sanitário) / Relatório / apresentado pelo / Capitão médico graduado / João Florentino Meira de Faria [Contém 18 págs, In folio 4º] 1916 / (Publicação n° 32). pp. 5-6. ARTMHEx / FC.*

resistência à doença. O ambiente era extremamente favorável à malária, que, em suas formas mais ou menos letais, atacava praticamente todos os homens que se aventuravam por aquelas paragens.

O diagnóstico da malária era feito a partir do exame clínico do grau de esplenomegalia (aumento do tamanho do baço) dos pacientes e da análise de seu sangue – esta última apenas quando possível, devido à ausência de microscópio na maior parte das expedições realizadas. Os médicos da Comissão examinavam, além dos membros efetivos da CLTEMA, os soldados e “regionais” que se apresentavam a ela – e que podiam ser aceitos ou recusados de acordo com a opinião dos médicos sobre a sua condição de saúde – e os seringueiros e moradores dos povoados dos sertões do noroeste. Desse modo, os médicos da Comissão puderam conhecer o alarmante grau de incidência da malária na região.

Para estes médicos, os principais responsáveis pelo alto número de casos na região eram exatamente os seringueiros e outros habitantes dos sertões do noroeste, pois eles funcionavam, como disse acima, como reservatório natural do protozoário causador da doença. Vejamos o que Joaquim Tanajura afirma sobre a figura do seringueiro:

*“No que respeita à higiene, faz por ali a vida ao acaso e, a muita ignorância supersticiosa, ele junta o efeito da depressão moral que lhe abate o ânimo, à lembrança sempiterna dos antigos penates e dos seres carinhosos que demoram longe. Penetra a mata sem uma prévia medida de adaptação, isola-se em habitações irregulares, usa alimentação inadequada, abusa do álcool, excede-se no trabalho, permanece longamente nos brejos e, ao fim de algum tempo adoece, transmudando-se esse quadro às conjunturas de dores e aflições, sem o socorro da ciência e muita vez sem o recurso de um medicamento que lhe venha a servir de bálsamo, aluindo aos poucos seu organismo até às provas da morte.*

*Neste caso, não é o clima que deprime, é o homem que se suicida...”<sup>74</sup>*

---

<sup>74</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 19). p. 36. ARTMHEX / FC.

A pobreza, a alimentação deficiente e as más condições de trabalho tornavam estes homens presas fáceis para a doença, e, em virtude de sua contaminação pelo *plasmodium*, ameaças à salubridade dos locais em que viviam.

Analisando a geografia e o clima – deste último eram examinados, sobretudo, as temperaturas, a umidade do ar e o regime das chuvas – das regiões que atravessavam, os médicos depararam-se com uma situação inteiramente favorável à reprodução das anofelinas transmissoras do *plasmodium*. A média das temperaturas durante o ano era elevada, bem como a umidade do ar, e as chuvas, constantes<sup>75</sup>. Quanto à geografia da região, podemos dizer que os sertões do noroeste situavam-se na divisão entre as bacias do Prata e do Amazonas (as duas maiores da América do Sul) e que eram compostos por terrenos mais elevados – prolongamento do Planalto Central brasileiro – e terrenos de menor altitude – que compõem as bacias fluviais citadas. Toda a região era cortada por diversos rios das duas bacias. Enquanto nas chapadas a vegetação era formada por campos ou cerrados, na bacia do Amazonas e nas cabeceiras dos rios que atravessavam a região a vegetação era composta por florestas ou matas.<sup>76</sup>

A combinação entre as constantes chuvas – que, apesar de mais fortes de novembro a abril, ocorriam ao longo de todo o ano – e a grande quantidade de rios que cruzavam a região causava a formação grandes poças de água parada nas adjacências destes rios, ao longo de parte do trajeto da linha telegráfica. Desse modo, as proximidades das margens dos rios da região transformavam-se em espaços propícios à reprodução dos mosquitos transmissores da malária. Não é à toa que o Dr. Murillo Campos, médico da Comissão, observa que:

*“À noite, nos lugares próximos aos cursos d’água, sempre aparecem algumas espécies de anofelinas e durante o dia nas chapadas, às vezes se as encontram trazidas pelo vento. Nas Matas sombrias atacam também durante o dia.”*<sup>77</sup>

Mais adiante, o mesmo autor ainda assevera que:

---

<sup>75</sup> CLTEMA / 1914 / (Publicação nº 55). pp. 131-133. AMI.

<sup>76</sup> CAMPOS, Murillo. “Notas do Interior do Brasil”. *Archivos Brasileiros de Medicina*. 3 (2) 1913. pp. 195-196.

<sup>77</sup> *Idem*, p. 204.

*“O fenômeno periódico das águas em rios de leito mal constituído, os obstáculos ao livre curso das águas fluviais pela queda das árvores marginais e abundância de cabeceiras favorecem a formação de pântanos, onde se criam abundantemente as anofelinas, transmissoras do impaludismo.”<sup>78</sup>*

É importante notarmos que, aqui, os dados do clima e da geografia da região não são diretamente responsabilizados pela incidência da malária, mas são fatores que, indiretamente, colaboram com a disseminação da doença ao oferecerem ao seu vetor condições favoráveis de reprodução. Tal postura, mais uma vez, vai ao encontro do significado que a medicina tropical passou a atribuir a estas duas categorias. Júlio César Schweickardt, em seu estudo sobre a relação entre ciência, nação e região no entendimento das doenças tropicais e na elaboração de políticas de saúde do estado do Amazonas entre os anos de 1890 e 1930, afirma que:

*“As doenças tropicais, uma vez definidas como uma categoria, tinham como característica a idéia de serem transmitidas por vetores. A noção de vetor foi um passo importante, tanto para as pesquisas na área da entomologia, como para as medidas de profilaxia das doenças transmitidas por insetos. A influência do clima sobre a origem das doenças foi minimizada para dar destaque às condições geográficas dos trópicos, ou seja, para os fatores que contribuiriam para a presença e a proliferação dos insetos transmissores de doenças.”<sup>79</sup>*

A chegada de novos trabalhadores – muitos dos quais nunca haviam contraído a malária – encarregados de construir a linha e de participarem das expedições de reconhecimento do território e levantamento das coordenadas dos leitos dos principais rios da região, deslocando-se continuamente pelos sertões do noroeste, foi outro fator que levou à disseminação da doença. Ainda que o papel dos médicos fosse o de tentar controlar os

---

<sup>78</sup> *Idem*, p. 221.

<sup>79</sup> SCHWEICKARDT, Júlio César. *Ciência, Nação e Região: As doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro. 2009. p. 62.

índices de contaminação desses homens, o que o exame dos relatórios da Comissão nos permite afirmar é que grande parte deles contraiu a malária, transformando-se, dessa forma, em reservatórios móveis de *plasmodium vivax* e de *plasmodium falciparum* na região, responsáveis respectivamente pelas formas mais brandas e pela mais forte da doença. Quase todos os quadros que registram as doenças que afetaram os membros da CLTEMA mostram que a malária foi aquela de maior incidência<sup>80</sup>, acometendo um grande número de praças, membros da RGT e oficiais do exército brasileiro. No “Mapa nosológico dos doentes tratados na Enfermaria da 1º Seção da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, desde 13 de Maio de 1907 a 27 de Fevereiro de 1908”<sup>81</sup>, feito pelo médico Armando Calazans, dos 372 pacientes que deram entrada na enfermaria com algum problema, 81 sofriam de malária. Na “Relação das pessoas pertencentes à turma de exploração do Rio Machado, que foram examinadas e medicadas de 25 de outubro a 30 de novembro de 1909”<sup>82</sup>, elaborada pelo Dr. Joaquim Tanajura, dos 11 examinados, 8 tinham malária. E, por fim, na “Relação dos doentes examinados e tratados no mês de janeiro, pertencentes à turma dirigida pelo Tenente-Coronel Candido Mariano da Silva Rondon e que explorou o rio Pardo via Jamari-Madeira”<sup>83</sup>, também realizada por Tanajura, todos os 14 doentes examinados sofriam de malária.

Em boa medida estes números confirmam o que Julio Schweickardt afirma sobre a importância da ação humana na forma de grandes obras – sejam elas a construção de ferrovias, a instalação de fios telegráficos ou a abertura de canais marítimos – na irrupção das doenças tropicais, ainda que os atores da época não se dessem conta deste fato. Segundo ele:

*“Historicamente se tinha culpado a natureza pelas doenças tropicais, e depois da teoria do vetor a culpa passou a ser dos nativos que eram os reservatórios do*

---

<sup>80</sup> A exceção, aqui, é o quadro apresentado pelo Dr. Murillo de Campos, que coloca o beribéri à frente da malária entre as doenças de maior incidência entre os homens por ele examinados, que incluíam índios Parecis, índios Nambiquaras, seringueiros e trabalhadores da CLTEMA. Ver: CAMPOS, Murillo. *Op. Cit.*, 1913. p. 221.

<sup>81</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação nº 20). p. 11. ARTMHEx / FC.

<sup>82</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação nº 19). Anexo nº 2. ARTMHEx / FC.

<sup>83</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação nº 19). Anexo nº 3. ARTMHEx / FC.

*parasito, porém nada disto era natural e sim produto de mudanças ambientais causadas pela ação humana.*”<sup>84</sup>

Alguns médicos da CLTEMA exerceram, para além da investigação do quadro nosológico da região, da profilaxia da malária e do controle desta e das outras doenças que afligiam os membros da Comissão e a população local, a atividade de coletores de insetos. Os doutores Antonio Cajazeira e Murillo Campos formaram coleções que viriam a ser posteriormente examinadas por Adolpho Ducke, naturalista do museu paraense Emílio Goeldi, e pelos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz Henrique de Beaurepaire Aragão e Adolpho Lutz – os dois últimos publicaram volumes sobre zoologia na série da Comissão Rondon.<sup>85</sup>

O que os médicos da CLTEMA viam, quando olhavam para os sertões do noroeste, era um ambiente mais favorável à vida e à reprodução do *plasmodium* e dos mosquitos *anopheles* do que à vida e à reprodução dos seres humanos. Naquela região o equilíbrio entre estes três grupos de seres vivos pendia a favor dos dois primeiros em detrimento do último. Por isso o homem se encontrava, ali, como um refém da malária, uma presa fácil para a doença.

Nancy Stepan, examinando a produção visual da medicina tropical<sup>86</sup>, observa que esta constrói uma associação entre trópicos, doença, feiúra, morbidez e morte. Os médicos da CLTEMA, manipulando os principais conceitos desta disciplina médica, chegaram a semelhante conclusão a respeito dos sertões do noroeste, em especial quando trataram da onipresença da malária na região. Ainda que esta conclusão não tenha se materializado em registros visuais de doentes – como aqueles do manual *Tropical Diseases* de Patrick Manson – mas em textos de relatórios médicos, os sertões do noroeste foram caracterizados, sobretudo, como os sertões da malária. A condição de intrusos assumida ali

---

<sup>84</sup> SCHWEICKARDT, Júlio César. *Op. Cit.*, 2009. p. 72.

<sup>85</sup> Ver: *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Zoologia / Ixóidas / pelo Dr. Henrique de Beaurepaire Aragão / Assistente do Instituto Oswaldo Cruz / (Revisão do Autor) [Contém: 19 págs. In folio 4°] 1916 / (publicação n° 36) e Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / História Natural / Zoologia / Tabanídeos / pelo Dr. Adolpho Lutz [Contém: 9 págs. e 1 pág. com 7 cromo-litografias fora do texto. In folio] Pap. Macedo / Rio de Janeiro / 1912 / (Publicação n° 14) ARTMHEx / FC.*

<sup>86</sup> Ver o quinto capítulo de: STEPAN, Nancy Leys. *Op. Cit.*, 2001.

pelos homens fez com que estes se encontrassem constantemente ameaçados e perseguidos pelo medo do adoecimento e da morte.

### **II.3 – A criação do Serviço Sanitário da CLTEMA: a tentativa de controlar a malária.**

Já nas primeiras expedições de reconhecimento do território, preliminares ao assentamento dos fios telegráficos, a malária cobrava pesado tributo aos membros da Comissão. É o próprio Rondon quem afirma, em seu grande relatório sobre as expedições de estudo e reconhecimento daquela porção do território nacional realizadas entre 1907 e 1909, das quais participou pessoalmente, que:

*“Afinal, desde 28 [de abril de 1908] que a febre não me deixa, reaparecendo todas as noites; já esgotei um vidro de exanofeles, dois de café quinado sem resultado apreciável.*

*A aldeia de Mathias [Toloiroy, índio pareci que auxiliou a Comissão em algumas expedições] era um foco de paludismo de todas as formas. Esta moléstia assolou este ano o sertão inteiro, desde Parecis onde foi intenso, até Juruena, onde reina desde Novembro do ano passado. Diversos soldados, o comandante Tenente Ferreira e um civil, foram aí as suas vitimas.”<sup>87</sup>*

O próprio chefe da Comissão foi vitimado pela malária, o que o levou, inclusive, a abandonar os trabalhos nos sertões do noroeste por quase todo o ano de 1910 e, também, a pedir exoneração de seu cargo, pedido este recusado tanto pelo Ministro da Guerra como pelo Presidente da República.<sup>88</sup>

Se alguns episódios de adoecimento de membros da Comissão foram especialmente dramáticos, afetando profundamente a marcha dos trabalhos, outros revelam aspectos importantes do trabalho médico no interior da CLTEMA. Além do adoecimento do chefe da Comissão, que o levou a uma estadia forçada de quase um ano no Rio de Janeiro,

---

<sup>87</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n°1). pp. 186-187. ARTMHEx / FC.

<sup>88</sup> É o próprio Rondon quem narra o evento. É digno de nota o modelo narrativo “auto-hagiográfico” utilizado por ele nos momentos em que abordava sua participação pessoal nos trabalhos da Comissão que chefiava. A narrativa deste episódio encontra-se em: CLTEMA / s/d / (Publicação n°39). p. 44. AMI.

merecem ser destacados os eventos da retirada da cidade de Mato Grosso e da viagem de 72 quilômetros do médico Joaquim Tanajura em dois de Julho de 1909 para tratar de um ferimento causado por flecha num soldado conhecido como Pequeno.

O primeiro destes episódios ocorreu em fevereiro de 1908, quando, após a inauguração da estação telegráfica da cidade de Mato Grosso, as chuvas intensificaram-se na região. Rondon, preocupado com a formação de reservatórios de água parada na região propícios à proliferação dos *Anopheles* transmissores da malária, ordenou imediatamente a retirada dos expedicionários para São Luís de Cáceres, na tentativa de impedir que a doença atingisse-os. Segundo o chefe da Comissão:

*“Urgia a retirada do pessoal do foco palúdico, no mês em que é comum ouvir-se dos habitantes da cidade, que não há um só ‘Pintado’ [o peixe] que entre nessa época ali, que não caia doente de febre.”*<sup>89</sup>

No entanto, ele não alcançou êxito em seu propósito. Das 228 pessoas que partiram da cidade de Mato Grosso, apenas 24 chegaram saudáveis em Cáceres, e, dos 204 doentes, seis vieram a falecer no trajeto.<sup>90</sup>

O outro episódio, que envolveu aquele que Todd Diacon chamou de *“o médico mais atarefado de todo o Brasil durante o inverno e a primavera de 1909”* – Joaquim Tanajura – , ocorreu após um ataque de índios Nambiquaras a uma coluna que transportava suprimentos destinados ao grupo de expedicionários comandado por Rondon. O ataque resultou no ferimento do soldado da Comissão chamado Rosendo, mas conhecido por todos como Pequeno. Chegando ao local após viajar 72 quilômetros a cavalo, Tanajura encontrou um grave ferimento à altura do tórax agravado pelos tratamentos ministrados pelos homens que haviam prestado socorro ao ferido. Estes, liderados pelo fotógrafo Luís Leduc, haviam extraído a flecha e embebido o ferimento em uma mistura de fumo com sal em tabletes, friccionando-o em seguida com banha animal aquecida e coberta com sal-gema, além de terem rematado o curativo com outra mistura de tabaco e sal. Apesar dos problemas

---

<sup>89</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação nº39). p. 22. AMI.

<sup>90</sup> Sobre este evento, ver: CLTEMA / s/d / (Publicação nº 20). ARTMHEx / FC.; e *Missão Rondon: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. pp. 125-129.

ocasionados por tal tratamento, Tanajura conseguiu salvar o doente combinando lavagens anti-sépticas freqüentes com injeções de morfina para aliviar a dor.<sup>91</sup>

Estes dois eventos, quando examinados com atenção, nos fornecem elementos para compreendermos melhor alguns aspectos da Comissão Rondon. A retirada da cidade do Mato Grosso foi o primeiro grande embate da Comissão com a malária – que, a partir daquele mês de fevereiro de 1908, mostrou ser um grande obstáculo à ocupação dos sertões do noroeste. É digno de nota que o termo utilizado por Rondon e pelos outros membros da Comissão para tratar do episódio seja exatamente o de *retirada*, e não *deslocamento*. Enquanto este último tem, no jargão militar, um significado menos carregado, trazendo consigo a idéia de um reposicionamento das tropas, o segundo tem a conotação de marcha forçada diante de uma derrota iminente com o objetivo de minimizar as perdas. A retirada da cidade de Mato Grosso trazia em seu bojo o reconhecimento da derrota da CLTEMA diante da malária. Podemos dizer, ainda, que esta operação de retirada falhou, tendo em vista o imenso número de doentes em relação ao de homens saudáveis ao seu final (noventa contra dez por cento do número total dos homens que participaram da operação).

O trauma da retirada deixou claro que a principal doença no caminho da CLTEMA seria a malária, que ao longo dos anos infectaria grande parte dos homens envolvidos nas expedições, aí incluídos civis, oficiais e praças. Como já ressaltai, além de causar mortes em alguns casos, a malária interditava os homens para o trabalho, ou, na melhor das hipóteses, reduzia a sua produtividade, reduzindo desse modo a velocidade da marcha da construção da linha telegráfica. De qualquer forma, sua presença marcaria as atividades da CLTEMA. A retirada da cidade de Mato Grosso foi o momento a partir do qual a sensação de perigo, o medo dos sertões do noroeste, passou a ser parte fundamental da vida dos membros da Comissão que cruzavam a região.

A longa viagem médica realizada em dois de Julho de 1909 pelo Dr. Tanajura também é um evento de curta duração – apenas um dia – que pode ser útil para compreendermos um aspecto importante da CLTEMA – neste caso, o trabalho dos médicos partícipes desta empreitada. Ao menos até meados de 1909 – data da viagem de Tanajura – os médicos da Comissão tinham de desdobrar-se para atender aos homens enfermos das

---

<sup>91</sup> Ver, sobre este episódio: *CLTEMA / 1946 / (Publicação n° 68)*, p. 51. AMI; e DIACON, Todd A. *Op. Cit.*, 2006. pp. 65-66.

distintas turmas de trabalho. O decreto do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas que constituiu a CLTEMA no dia quatro de março de 1907 e que se encontra parcialmente reproduzido no grande relatório de Rondon sobre os estudos e reconhecimentos realizados pela Comissão, nos informa que, num primeiro momento, apenas dois médicos e dois farmacêuticos (médicos: 1º Tenente Armando Calazans e 1º Tenente Manoel Antonio de Andrade; farmacêuticos: 2º Tenente Manoel Lopes Versosa e Benedicto Canavarro) deveriam ser os responsáveis pelo estado de saúde de 300 trabalhadores espalhados entre as distintas turmas de trabalho da Comissão nos sertões do noroeste.<sup>92</sup> Para isso, estes médicos e farmacêuticos contavam com poucos auxiliares e instalações precárias para o tratamento dos doentes e depósito de material médico-sanitário. O Dr. Manoel Antonio de Andrade, que fez parte da segunda seção de construção – encarregada da linha tronco de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira –, explicou em seu relatório que o serviço de saúde de sua seção era composto por um médico, um farmacêutico e um enfermeiro, e acrescentou:

*“Serve-nos de enfermaria uma barraca tortoise com capacidade para dezesseis praças e a ambulância médico-cirúrgica, fornecida pelo laboratório químico-farmacêutico militar e pelo depósito de material sanitário do exército; está instalada em uma barraca de dupla coberta.”<sup>93</sup>*

Tanto a enfermaria quanto a ambulância médico-cirúrgica – unidade móvel equipada com medicamentos e material cirúrgico<sup>94</sup> – funcionavam em instalações temporárias, e o médico contava apenas com dois auxiliares para cumprir suas tarefas. Esta era a situação da segunda seção de construção da Comissão, que, apesar dos problemas mencionados, possuía um médico exclusivamente dedicado a ela.

Se lembrarmos que, no ano de 1907 – do qual trata o relatório de Manoel Antonio de Andrade –, além da segunda seção da construção, a CLTEMA ainda contava com duas

---

<sup>92</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação nº 1). ARTMHEX / FC.

<sup>93</sup> Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatórios diversos / projetos, orçamentos, medições, observações meteorológicas, etc. [Contém: 216 págs. *In folio*] Pap. Macedo / Rio de Janeiro s/d / (Publicação nº 37). p. 18. AMI.

<sup>94</sup> De acordo com Julio César Schweickardt, no estado do Amazonas: “(...) era comum o envio de barcos-ambulância ao interior, com medicamentos, para atender os habitantes, principalmente em tempos de epidemia.”. A ambulância médico-cirúrgica da CLTEMA não estava instalada num barco, mas numa barraca. Ver: SCHWEICKARDT, Júlio César. *Op. Cit.*, 2009. p. 265.

grandes turmas de trabalhadores – uma na primeira seção de construção, encarregada de construir um ramal da linha telegráfica de São Luís de Cáceres à cidade de Mato Grosso, e outra nas expedições de “estudos e reconhecimentos” comandadas por Rondon – e com apenas mais um médico – o Dr. Armando Calazans – podemos constatar que havia um déficit no número de médicos da Comissão em relação ao número de trabalhadores mal equipados e mal alimentados que fizeram parte de expedições que cruzaram vastas regiões onde a malária era endêmica.

A viagem de Tanajura em dois de Julho de 1909 nos mostra que, até esta data, a situação não parece ter sofrido nenhuma grande alteração. Os médicos da CLTEMA continuavam se desdobrando para atender homens doentes e feridos em zonas distantes umas das outras, contando para isso apenas com alguns poucos auxiliares e instalações médicas precárias. Se somarmos a isso o forte impacto da malária sobre os trabalhos da Comissão, que ficou patente no episódio da retirada da cidade de Mato Grosso, podemos concluir que, desde o início dos trabalhos até, pelo menos, setembro de 1909 – data na qual Tanajura teve de realizar outra longa viagem para tratar de um soldado que havia se ferido ao limpar sua Winchester e que acabou morrendo apesar da cirurgia de emergência realizada pelo médico com a ajuda do zoólogo da Comissão Alípio de Miranda Ribeiro<sup>95</sup> – a Comissão não esteve adequadamente aparelhada nem para lidar com os acidentes de trabalho que ocorriam com alguma frequência nos diversos acampamentos e frentes de construção da linha, nem para controlar as principais enfermidades encontradas nos sertões do noroeste, sofrendo, em função disso, sérias perdas computadas ou em vidas ou em trabalhos que não puderam ser levados a cabo na velocidade prevista.

Tal quadro ilustra a situação precária dos serviços de saúde do exército no período, incapazes de garantir mínimas condições de funcionamento a uma importante Comissão encarregada de levar as linhas telegráficas aos confins do território pátrio. Frank McCann, analisando a organização do exército brasileiro durante toda a Primeira República, afirma a esse respeito que:

*“Em 1900, o ‘Corpo de Saúde’ do Exército compunha-se de 180 médicos e 87 farmacêuticos, dos quais 120 médicos e 43 farmacêuticos eram oficiais; os restantes*

---

<sup>95</sup> Ver: CLTEMA / 1946 / (Publicação nº 68). p. 59. AMI; e DIACON, Todd A. *Op. Cit.*, 2006. p. 66.

*sessenta médicos e 44 farmacêuticos eram civis contratados. Entre estes últimos a rotatividade era grande, pois, com um salário de 260 mil-réis só permanecia na função quem não conseguisse encontrar trabalho melhor ou quem tivesse permissão para fazer o que bem entendesse. Os médicos contratados não podiam ser transferidos de região, por isso não era possível contar com eles nas emergências. E, como alguns dos médicos do Exército tinham posto permanente, atuavam na política, lecionavam em escolas do Exército ou possuíam clínicas civis, os quartéis-generais tinham dificuldade para formar equipes médicas em todo país. Além disso, inexistiam serviços regulares de enfermagem, transporte em macas ou ambulâncias, o que Mallet admitiu, criava uma situação que seria 'fatal no caso de uma campanha'.*"<sup>96</sup>

Apesar de não possuir um caráter bélico, a CLTEMA foi uma campanha militar realizada em porções do território nacional que possuíam, à época, fama de insalubres. Como previra João de Medeiros Mallet – Ministro da Guerra entre os anos de 1898 e 1902<sup>97</sup> –, a precariedade dos serviços médicos do Exército numa situação de campanha foi fatal, e os membros da CLTEMA sentiram isso em sua própria pele. A associação entre o aspecto modesto da prévia organização dos serviços médicos da CLTEMA com a percepção da grande dimensão do obstáculo aos trabalhos a realizar representado pela malária motivou a criação do serviço sanitário da Comissão. Nas “Instruções para o serviço sanitário das Seções do Norte e do Sul”, publicadas no dia 22 de maio de 1910, são exatamente estes dois pontos que aparecem em destaque, como as principais preocupações do documento. De acordo com as Instruções, o serviço sanitário disporia de uma infraestrutura adequada para oferecer tratamento às enfermidades dos sertões do noroeste, em especial a malária, que deveria ser controlada através de medidas profiláticas associadas à cura dos enfermos.

O documento traz em suas primeiras linhas instruções sumárias sobre a nova organização do serviço. O texto é o seguinte:

---

<sup>96</sup> MACCANN, Frank. *Op. Cit.*, 2007. p. 119.

<sup>97</sup> Idem. p. 105.

*“O serviço sanitário ficará a cargo de dois médicos, que se revezarão na Enfermaria (em Santo Antonio do Madeira para a Seção do Norte e na Serra do Norte para a Seção do Sul) e nos trabalhos de construção da linha telegráfica.*

*Este revezamento será feito de três em três meses de acordo com as presentes instruções, que deverão ser rigorosamente observadas.*

*Para este fim, o serviço sanitário compreenderá a profilaxia contra o paludismo e o tratamento dos doentes na enfermaria (de Santo Antonio ou da Serra do Norte), funcionando cada qual autonomicamente sob a responsabilidade de um dos facultativos.”<sup>98</sup>*

A partir deste pequeno trecho inicial das instruções para o serviço sanitário da CLTEMA já podemos mapear algumas das suas principais preocupações: o controle da malária por meio de medidas profiláticas e a otimização do trabalho dos médicos. Se acrescentarmos a este trecho a informação de que os títulos das três partes do documento são: “Da Profilaxia contra o Paludismo”, “Da Enfermaria” e “Da Instalação da Enfermaria”, podemos entrever mais uma das preocupações fulcrais do documento, qual seja, o melhoramento da infra-estrutura médico-hospitalar da Comissão. É em torno destes três pilares que se organiza, em 1910, o serviço sanitário da Comissão.

O item “Da profilaxia contra o paludismo” enumera seis recomendações expressas para o controle daquele flagelo. São elas: a fiscalização severa da alimentação ingerida pelos expedicionários; a “proibição terminante do uso de bebidas alcoólicas”; o uso sistemático do mosquiteiro por todo o pessoal da Comissão; a “quininização diária de todo o pessoal, na dose de 50 ou 30 centigramas do sal de quinina adotado pelo facultativo e a juízo dele, distribuída às refeições, fiscalizado rigorosamente este processo, pelo facultativo ou auxiliar de sua imediata confiança”; a “observância severa das medidas de higiene no acampamento”; a drenagem do terreno, o aterro de poças d’água e a destruição de larvas de mosquito quando o médico julgasse tais procedimentos necessários; por fim, a prerrogativa, concedida ao médico em serviço na construção, de fazer preleções sobre higiene aos trabalhadores, aos domingos.<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37). p. 109. AMI.

<sup>99</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37). pp. 109-110. AMI.

Além destas medidas, são recomendados o isolamento dos portadores da malária antes de sua remoção para a enfermaria da Comissão – onde permaneceriam isolados até segunda ordem – e o recolhimento de amostras de sangue dos suspeitos de malária para envio à enfermaria, onde estas seriam submetidas a exame microscópico.

Ao final do item “Da Profilaxia do Paludismo” é estabelecida a organização da equipe que ficaria encarregada de controlar a malária nas expedições da Comissão: um médico, um farmacêutico encarregado do preparo do receituário e sua distribuição, “um soldado enfermeiro incumbido da prescrição geral dos medicamentos receitados para os enfermos”, um “soldado enfermeiro auxiliar deste” e, por fim, “5 trabalhadores, dos quais um tropeiro, incumbido dos serviços dessa seção, compreendidos o preparo da zona escolhida para o isolamento dos doentes no acampamento, drenagem do solo quando se fizer necessária, destruição de larvas, aterro de águas empoçadas, etc.”. Uma turma de nove pessoas que tinha como líder o médico auxiliado pelo farmacêutico. Todo esse pessoal deveria acompanhar o médico em seu revezamento trimestral entre os acampamentos da construção e as enfermarias.<sup>100</sup>

O segundo item, intitulado “Da Enfermaria” versa sobre a organização do trabalho médico nas novas enfermarias da Comissão. O pessoal encarregado do trabalho nas enfermarias deveria ser o mesmo que havia acompanhado o médico na profilaxia contra a malária realizada nas expedições, com uma pequena redistribuição de funções. Além do médico e do farmacêutico, “2 enfermeiros que se revezarão em serviço”, “4 serventes para o serviço geral da Enfermaria” e 1 cozinheiro deveriam ser os componentes da equipe médica das Enfermarias.<sup>101</sup>

Trata-se da mesma turma de nove pessoas liderada pelo médico e pelo farmacêutico no momento em que estes estavam cuidando da profilaxia da malária nos acampamentos da construção, só que na enfermaria o auxiliar do enfermeiro passaria a revezar com este último em seu posto; o tropeiro tornar-se-ia cozinheiro; e os outros quatro homens que drenavam o solo, destruíam larvas de mosquito, etc. passariam a cuidar do serviço geral da enfermaria.

---

<sup>100</sup> *CLTEMA* / s/d / (Publicação n° 37). pp. 110-111. AMI.

<sup>101</sup> *CLTEMA* / s/d / (Publicação n° 37). p. 112. AMI.

O item ainda especifica as funções que deveriam ser desempenhadas pelos médicos enquanto estes estivessem nas enfermarias, as quais aparecem enumeradas abaixo:

*“a) direção geral dos serviço de profilaxia geral contra o paludismo e tratamento dos doentes que forem remetidos ao acampamento da construção e quaisquer outros pertencentes à Comissão, em serviço ou em trânsito no ponto em que for instalada a Enfermaria;*

*b) execução severa das medidas de higiene no local da Enfermaria, tendo em vista especialmente as que se referirem à profilaxia contra o paludismo;*

*c) exame microscópico do sangue de todos os doentes, todas as vezes que for isto possível, para esclarecimento diagnóstico dos casos observados;*

*d) aplicação de tratamento adequado, de acordo com seu critério clínico, fazendo nas papeletas dos doentes as observações indispensáveis que serão registradas em livro especial;*

*e) fiscalização severa das dietas distribuídas aos doentes, de modo que sejam de primeira qualidade;*

*f) fiscalização rigorosa da prescrição dos medicamentos receitados pessoalmente ou por intermédio de auxiliar de sua imediata confiança;*

*g) exame sistemático diário de todos os doentes de paludismo em estado grave, principalmente naqueles que se apresentarem com lesões para o fígado e o baço;*

*h) cumprimento exato e fiel das instruções do serviço sanitário, fazendo-as executar terminante e rigorosamente por todos os seus auxiliares.”<sup>102</sup>*

Saltam aos olhos, nestas recomendações, dois aspectos importantes: o primeiro é, mais uma vez, a preocupação com a malária, que aparece de forma clara em três das recomendações (a primeira, a segunda e a sétima); o segundo é a intenção de regular o trabalho dos médicos na Comissão, otimizando-o. Estes dois aspectos aparecem aqui de forma combinada, ou seja, as instruções buscam otimizar o trabalho dos médicos da Comissão direcionando-o ao controle da malária. A diretriz traçada era simples: controlar a malária através da profilaxia e do tratamento dos doentes deveria ser a função precípua dos

---

<sup>102</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37), p. 112. AMI.

médicos da CLTEMA tanto quando estes acompanhavam as expedições pelos sertões quanto nas enfermarias; o trabalho destes profissionais seria mais eficaz e produtivo para a Comissão se eles estivessem dedicados fundamentalmente ao controle desta doença.

Por fim, o terceiro item das instruções, chamado “Da Instalação da Enfermaria” fornece as instruções para a construção das enfermarias da Comissão. Feitas de alvenaria, tais instalações deveriam estar situadas em locais convenientemente escolhidos por um médico, preferencialmente em pontos mais elevados do terreno e afastadas de possíveis reservatórios de mosquitos do gênero *anopheles*, “observando o mesmo feitio de suas congêneres em zonas paludosas”. Elas deveriam compor-se de:

- “a) um quarto destinado ao tratamento dos oficiais;*
- b) uma sala para tratamento dos doentes paludados;*
- c) uma sala pra tratamento dos doentes de moléstias intercorrentes;*
- d) um quarto para os doentes operados;*
- e) um gabinete para o médico;*
- f) uma sala para operações cirúrgicas;*
- g) uma sala para instalação da farmácia.*

*Além destes apartamentos existirão outros para cozinha, copa, banheiro e water-closets.”*<sup>103</sup>

Dessa forma, a Comissão procurava criar espaços mais adequados ao tratamento dos doentes, o que incluía um espaço específico no qual os indivíduos com malária permanecessem isolados dos demais. Se compararmos tais instalações com a “barraca *tortoise* com capacidade para dezesseis praças”<sup>104</sup> que servia de enfermaria da Comissão em 1907, de acordo com o Dr. Manoel Antonio de Andrade, e acrescentarmos, ainda, a informação de que o número de profissionais auxiliares dos médicos aumentou de dois – um farmacêutico e um enfermeiro – para oito, não fica difícil reconhecermos uma maior preocupação da CLTEMA com a infra-estrutura médico-hospitalar utilizada no tratamento dos doentes.

---

<sup>103</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37), p. 113. AMI.

<sup>104</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37), p. 18. AMI.

Também merece destaque a segregação presente nas enfermarias, tendo em vista que até mesmo nesses espaços dedicados ao tratamento dos doentes os oficiais dispunham de um quarto especial para seu tratamento, onde ficavam livres da companhia indesejada dos civis contratados e dos famigerados praças.

Não dispomos de dados comparativos entre os casos de adoecimento antes e depois da criação do serviço sanitário da CLTEMA, bem como de números que indiquem o impacto deste sobre o resultado do tratamento dos doentes que chegavam às mãos dos médicos; portanto, não podemos assegurar que esta maior preocupação resultou, de fato, numa melhoria do estado sanitário da Comissão. Na verdade, a julgarmos pelos números apresentados (que veremos adiante no **quadro 1**) e pelos relatos presentes nos textos de médicos e outros oficiais da Comissão, podemos concluir que até a inauguração da linha entre Cuiabá e Santo Antonio do Madeira as doenças continuaram a ter um significativo impacto sobre os trabalhos realizados nos sertões do noroeste. Rondon, numa de suas conferências sobre os trabalhos realizados pela Expedição Roosevelt-Rondon em 1914, afirmou que:

*“Havia 59 dias que partíramos da ponte da Linha Telegráfica, com a nossa flotilha de sete canoas, sulcando as águas do rio cujo nome resumia todas as indecisões resultantes do mistério do seu curso e da região desconhecida por ele atravessada [tratava-se do Rio da Dúvida]. Nesse tempo percorremos 686.360 metros, dos quais os primeiros 276.000 foram tão ásperos e hostis que, para os vencer, tivemos de lutar durante 48 dias seguidos, sem nos deixarmos abater por nenhuma fadiga, nem pelos transe dolorosos que amarguraram os nossos corações e por instantes abismaram as nossas almas na contemplação da insondável Fatalidade [a palavra está gravada com “F” maiúsculo no original] das coisas da nossa vida.*

*“Chegávamos ao fim dessa penosa travessia, quase todos doentes e esgotados de forças.”<sup>105</sup>*

---

<sup>105</sup> CLTEMA / 1916 / (Publicação nº 42). pp. 106-107. ARTMHEx / FC. O trecho citado faz parte da segunda conferência.

Ou seja, em 1914, quatro anos após a organização do serviço sanitário da CLTEMA, as doenças ainda vitimavam muitos homens que faziam parte das expedições que atravessavam os sertões do noroeste. Entre os doentes da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, que, entre outras realizações, fez o reconhecimento do rio da Dúvida e mudou seu nome para rio Roosevelt, estavam o ex-presidente norte americano Theodore Roosevelt e seu filho Kermit. Chegou-se a temer pela vida do ex-presidente, que, apesar do rigor com o qual se medicava preventivamente com a quinina, contraiu malária e, bastante fragilizado pela doença, teve de ser transportado sob cuidados especiais pelos outros membros da expedição por longos trechos da travessia.<sup>106</sup>

Retomando a análise da organização do Serviço Sanitário da CLTEMA, creio que é importante dizer, uma vez mais, que foi a partir de um trinômio formado pelo controle da malária (profilaxia e tratamento dos doentes) somado à otimização do trabalho médico e ao melhoramento da infra-estrutura médico-hospitalar que este serviço se estruturou. A sua criação é importante porque marca o momento a partir do qual os médicos e suas atividades passaram a ser vistos como componentes centrais para o sucesso da empreitada liderada por Rondon. Além disso – na verdade em sua conseqüência – os médicos da CLTEMA ampliaram seu prestígio e seu poder, passando a contar com um número maior de homens ao seu dispor – o que significava um número menor de homens nas atividades de construção –, a pôr em prática, entre outras medidas, a quininação diária e compulsória de todo o pessoal da Comissão (quarta instrução para a profilaxia da malária), e a ter a obrigação de examinar todos os trabalhadores que se apresentassem à mesma, antes que fossem admitidos em serviço.<sup>107</sup>

O reconhecimento da malária como um obstáculo de imenso porte à realização dos trabalhos da CLTEMA fez com que o medo do sertão fosse convertido em medo da malária, assumindo, desse modo, a feição de problema médico. Para solucionar tal problema foi criado o serviço sanitário da Comissão, que buscou, acima de tudo, controlar a doença através do direcionamento do trabalho dos médicos para sua profilaxia e para o cuidado dos que dela sofriam e da criação de novas instalações médico-hospitalares capazes de suportar a grande demanda por estes espaços. O serviço sanitário foi organizado com a

---

<sup>106</sup> CLTEMA / 1914 / (Publicação n° 55). AMI.

<sup>107</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37), p. 113. AMI.

esperança de que pudesse reduzir a incidência da malária entre os membros da Comissão, permitindo que os trabalhos desta fossem realizados sem maiores contratemplos.

Em seu relatório acerca das expedições de exploração e reconhecimento realizadas de 1907 a 1909, Rondon deixa clara toda a sua preocupação com o impacto das doenças sobre os trabalhos da Comissão. Como podemos ver na passagem abaixo, a malária e o beribéri são considerados pelo chefe da Comissão problemas de maior dimensão do que as dificuldades de transporte e os contatos nem sempre amistosos com os indígenas:

*“O beribéri e o paludismo continuam a ser o principal obstáculo à nossa ação nos sertões em que agimos, porque, os dois outros empecilhos – transporte e índios – temo-los conjurado: com dinheiro um, e com bondade, paciência e sofrimento outro.*

*Até o fim de 1910, o número de mortos registrados na linha tronco ascendia a 86; e na linha ramal da cidade de Mato Grosso a 9.”<sup>108</sup>*

Por falta de dados na documentação examinada, não sabemos a medida exata em que os procedimentos previstos nas instruções foram adotados pelos médicos da Comissão, nem até que ponto a rotina da mesma foi alterada a partir da publicação das Instruções para o serviço sanitário. O número de médicos em serviço, ao menos, se manteve quase sempre o mesmo, tendo em vista que as Instruções falam que o serviço sanitário estaria a cargo de dois médicos, que se revezariam entre os acampamentos da construção e as enfermarias. Se cotejarmos as estatísticas de óbitos dos anos anteriores e posteriores à criação do serviço sanitário, veremos que, ao invés de diminuir, as mortes aumentaram após o ano de 1910, como podemos ver no **quadro 3**.

---

<sup>108</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n°39). p. 91. AMI.

### QUADRO 3

#### Óbitos por ano na CLTEMA

Ano	Quantidade de óbitos
1907	7
1908	9
1909	15
1910	15
1911	24
1912	8
1913	39
1914	70

Fonte: Arquivo do Museu do Índio. Serviço de audiovisual. Microfilme 327. *Relação Geral dos Oficiais, Praças e Cíveis Falecidos na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907 a 1919)*.

Não podemos e nem devemos confiar plenamente nestes números, tendo em vista que a simples comparação entre o número de mortes de membros da Comissão até 1910 de acordo com o **quadro 3** e os dados apresentados por Rondon no relatório acima citado revela uma grande disparidade numérica. Enquanto o quadro aponta 46 mortes até 1910, o número apresentado por Rondon é 95. De qualquer forma, este número ainda é menor do que as 141 mortes registradas pelo **quadro 3** entre os anos de 1911 e 1914.

Se levarmos em conta que a principal protagonista de todos os relatórios médicos da CLTEMA – o que inclui tanto os relatórios produzidos antes quanto aqueles elaborados após a criação do seu serviço sanitário – continuou a ser a malária, podemos concluir que a preocupação com esta doença foi uma constante ao longo dos oito anos de trabalho da Comissão, mobilizando permanentemente a atenção dos médicos que levavam adiante aquele empreendimento.

Ou seja, apesar dos esforços previstos nas Instruções para o serviço sanitário, este último não conseguiu dar conta de suas atribuições plenamente, e doenças como o beribéri e a malária continuaram a campear largamente entre os trabalhadores e oficiais da

Comissão até o fim dos trabalhos de construção da linha telegráfica, no primeiro dia do ano de 1915. Isso não significa que nesse dia as doenças tenham simplesmente deixado de existir, mas que a partir daquele momento elas seriam menos um empecilho aos trabalhos de construção – afinal concluídos – e de exploração para se transformarem em uma espécie de fantasma que assombraria permanentemente os funcionários da Repartição Geral dos Telégrafos encarregados de operar as estações telegráficas construídas em regiões habitadas apenas por indígenas, à espera de um surto de desenvolvimento que, ao contrário das onipresentes doenças, eles não veriam até o final de suas vidas miseráveis.

## **CAPÍTULO III – O celeiro da Terra ou os sertões do medo?**

### **III.1 – Os Relatórios médicos da CLTEMA.**

O papel dos médicos da CLTEMA era, em primeiro lugar, cuidar dos doentes e acidentados da Comissão, o que lhes garantiu muito trabalho durante as expedições. No entanto, além dos membros da Comissão, estes médicos também atenderam diversas vezes aos demais habitantes das regiões percorridas, o que, aliás, trouxe a eles a oportunidade de travar um contato mais intenso com as principais moléstias que grassavam nos sertões do noroeste.

Os médicos da Comissão também produziram relatórios que descreviam aspectos como clima, quadro nosológico e hábitos dos moradores de diversas localidades. Desse modo, podemos dizer que eles produziram, através de seus escritos, um quadro médico-sanitário dos sertões do noroeste. Assim como os botânicos, zoólogos e geógrafos que participaram da Comissão, os médicos viram e analisaram a região a partir de olhos treinados por sua especialidade profissional. Os relatórios médicos da Comissão Rondon são o produto de um olhar médico sobre os sertões do noroeste, constituindo um importante elemento da caracterização destes sertões.

Defendo aqui a hipótese de que estas as informações presentes nestes relatórios tinham, ainda, uma importância prática.

De acordo com o projeto da Comissão, a incorporação dos sertões do noroeste à nação brasileira passava pela transformação das estações telegráficas em centros irradiadores de civilização. Elas seriam os pontos a partir dos quais o povoamento se irradiaria por toda a região, e, portanto, assumiam um papel de destaque nos planos da CLTEMA. As estações contavam com cabeças de gado (muitas vezes adquiridas pelo próprio Rondon), pastagem, alguma lavoura e bastante espaço reservado para a expansão tanto da criação de gado quanto da agricultura. Algumas vezes até mesmo pequenas escolas eram construídas ao lado das estações telegráficas. Rondon e os membros da Comissão acreditavam que, assim

equipadas, elas atrairiam indígenas e migrantes de diversas partes do país para aqueles recônditos sertões.<sup>109</sup>

Para a escolha dos sítios nos quais seriam instaladas as estações telegráficas era importante conhecer as regiões não apenas de um ponto de vista cartográfico, mas de uma maneira mais ampla. É aí que entra o conhecimento dominado pelos médicos da Comissão. Embora não existam registros do uso das informações produzidas pelos médicos sobre o quadro nosológico de diversas localidades da região na escolha dos pontos onde deveriam ser construídas as estações, há motivos para se acreditar que estas informações foram computadas nos momentos em que os oficiais comandantes tomavam estas decisões.

A preocupação com a malária por parte da CLTEMA (que, como vimos, ampliou a importância que esta conferia aos médicos e aos usos práticos de seu saber), somada ao tipo de conhecimento por eles produzido sobre os ambientes mais ou menos favoráveis à irrupção desta doença (que envolvia o exame de dados sobre o clima, a geografia, o *plasmodium*, os mosquitos anofeles e os homens em suas diversas inter-relações) possivelmente se combinaram fazendo com que as informações fornecidas pelos médicos se tornassem decisivas nos momentos em que as estações telegráficas deviam ser construídas. Havia a demanda por este tipo de informação por parte dos engenheiros que dirigiam a Comissão e sua oferta por parte dos médicos. Creio que, neste caso específico, a oferta se ajustou à demanda e que as informações que aparecem nos relatórios médicos assumiram um importante papel logístico na CLTEMA.

Médicos estiveram presentes, também, em diversas outras expedições e viagens de caráter científico promovidas pelo Estado brasileiro, bem como na construção de ferrovias pelo país. Estas iniciativas buscavam, do mesmo modo que a CLTEMA, a integração dos pontos mais distantes do território nacional aos principais centros do país e também foram realizadas nos primeiros anos do século XX.

Como exemplos nesse sentido, podem ser citadas as viagens de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas à região amazônica nos primeiros anos da década de 1910<sup>110</sup>. O primeiro deles foi contratado pela Madeira-Mamoré Railway Co. para supervisionar as condições

---

<sup>109</sup> VIVEIROS, Esther. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958. p. 227.

<sup>110</sup> SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Dez 2007, vol.14, p.15-50.

sanitárias da construção da estrada de ferro; o segundo fez parte de uma Comissão contratada pela Superintendência de Defesa da Borracha para fazer um levantamento das condições sanitárias da região amazônica, apresentando soluções para melhorá-las. Ao lado de Chagas estiveram João Pedroso e Pacheco Leão, médicos do Instituto Oswaldo Cruz como ele próprio.

Desses levantamentos foram produzidos importantes relatórios; textos que dialogavam com outros estudos do campo da medicina tropical. O olhar daqueles médicos sobre a Amazônia estava profundamente vinculado à sua formação e atuação profissional, o que, de modo algum, implicava em reducionismo. Segundo Schweickardt e Lima, estudiosos destes relatórios:

*“Para os cientistas, não apenas as variações ecológicas, como também o registro histórico era crucial ao entendimento do quadro de doenças e sua relação com as condições de vida da população. As referências a relatos escritos por naturalistas acerca de condições de vida e a identificação de algumas moléstias não devem ser vistas como meras citações ilustrativas; tratava-se de realmente atribuir importância explicativa a registros anteriores sobre as regiões percorridas. Merecem atenção não apenas aspectos estáticos do ambiente, como também o impacto de suas transformações.”*<sup>111</sup>

Segundo tais autores, os médicos e os cientistas que percorreram a região amazônica a “inventaram”. E essa invenção – ou melhor, reinvenção –, presente nos relatórios médicos e científicos escritos por esses homens, foi realizada, em grande parte, a partir da leitura e da apropriação dos relatos dos viajantes que já haviam passado por aquela região – como, por exemplo, o do suíço radicado nos EUA Louis Agassiz, que lá esteve entre 1865 e 1866.

Schweickardt e Lima também esboçam uma classificação dos relatórios médicos de viagens a partir das demandas às quais os médicos respondiam: serviços profiláticos necessários à construção de ferrovias ou consultorias prestadas a agências de desenvolvimento regional. Os autores apontam que:

---

<sup>111</sup> *Idem.*

*“A análise dos relatórios médicos em missão de apoio à construção das ferrovias indica que esses constituem fonte imprescindível para o estudo dos “bastidores” dos projetos: as condições de trabalho, a disciplina imposta, a relação com as medidas de profilaxia, as possibilidades de arregimentação dos trabalhadores, as contraposições entre educação sanitária e medidas compulsórias. No entanto, revelam pouco sobre as localidades percorridas e os hábitos das populações locais. Talvez o que tenha merecido maior destaque sejam os cenários de “cidades mortas” ou ameaçadas pelo espectro de doenças, caso do registro de Oswaldo Cruz sobre a cidade de Santo Antônio do Madeira. A natureza do trabalho imprime, contudo, um viés, que dirige o olhar para a micro-sociedade artificialmente organizada em torno da ferrovia. Por isso, neste caso, talvez seja um pouco difícil falar de um retrato do Brasil, que vai sendo esboçado, principalmente nas viagens científicas voltadas para projetos de desenvolvimento regional.”<sup>112</sup>*

Se substituirmos a construção de ferrovias pela do telégrafo, podemos enquadrar a CLTEMA no primeiro tipo de viagem científica de acordo com a classificação exposta acima. No entanto, a Comissão também guarda semelhanças com as viagens contratadas pelas agências de desenvolvimento regional, especialmente se levarmos em conta seu vínculo institucional com o Ministério da Agricultura – pasta que, como vimos, desde o Império vinha fomentando pesquisas científicas ligadas ao incremento de lavouras<sup>113</sup> – e seu grande objetivo de fomentar o povoamento dos sertões do noroeste. Portanto, podemos dizer que a CLTEMA combina elementos destes dois tipos de “viagem médica”. E esta dupla perspectiva marcou seus registros de cunho médico. Eles combinam o exame da micro-sociedade envolvida na construção das linhas telegráficas com análises sobre as condições nosológicas, climáticas e sobre os costumes dos habitantes das regiões percorridas.

Os relatórios da Comissão Rondon, bem como aqueles produzidos por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas por ocasião de suas viagens à Amazônia, pertencem a um período da

---

<sup>112</sup> *Idem.*

<sup>113</sup> DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais no Brasil Império. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

história do Brasil no qual o registro médico-sanitário, graças ao enquadramento sugerido pela medicina tropical<sup>114</sup>, incluía informações a respeito das relações entre homens e ambiente, e sobre os lugares, costumes, modos de vida, alimentação e relações de trabalho das populações. Graças à associação entre esses saberes, podem até mesmo ser apontadas aproximações entre os saberes médico e sociológico no Brasil em princípios do século XX<sup>115</sup>. Por sua amplitude descritiva e analítica, os relatórios de viagens médicas deste período – refiro-me aqui especialmente àqueles realizados a partir de projetos de desenvolvimento regional – assumem, então, o importante papel de produtores de imagens as mais variadas sobre as regiões analisadas. Constroem retratos dos longínquos “sertões” do país. Participam da invenção – ou reinvenção – de grandes regiões brasileiras.<sup>116</sup>

No Caso da Comissão Rondon, os registros apresentam descrições dos chamados “sertões do noroeste”. Percorrendo enormes distâncias ao longo dos estados do Mato Grosso e Amazonas durante oito anos, os expedicionários puderam colocar-se em contato diário com diversos aspectos daqueles sertões. A análise dos registros médicos da Comissão nos permite perceber os elementos que saltavam aos olhos destes homens, bem como as imagens que eles construíram sobre as regiões exploradas. Chegamos, neste momento, à principal preocupação deste capítulo, que procurará responder às seguintes perguntas: O que os relatórios médicos da Comissão Rondon diziam sobre os sertões do noroeste? Como esta região foi representada nesses relatórios? Quais foram as principais imagens utilizadas para caracterizá-la? Em relação às classificações e padrões de análise, acima citados, de outros relatórios médicos produzidos no mesmo período, podem ser verificadas especificidades nos relatórios médicos da Comissão Rondon?

Trabalharam na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, como médicos: Armando Calazans (de 11 de Março de 1907 a 20 de Julho de 1908)<sup>117</sup>; Manoel Antonio de Andrade (de 11 de Março a Dezembro de 1907)<sup>118</sup>; Joaquim Rabello (de 6 de Julho a 31 de dezembro de 1908)<sup>119</sup>; Joaquim Tanajura (de abril de 1909

---

<sup>114</sup> CAPONI. *Op. Cit.*, 2002.

<sup>115</sup> LIMA. *Op. Cit.*, 1999. DIACON. *Op. Cit.*, 2006.

<sup>116</sup> SCHWEICKARDT & LIMA, *Op. Cit.*, 2007.

<sup>117</sup> BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. ARTMHEx / FC.

<sup>118</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37). p. 17. AMI.

<sup>119</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 20). ARTMHEx / FC.

até a inauguração da linha telegráfica)<sup>120</sup>; Paulo Fernandes dos Santos (de 26 de Junho de 1909 a 31 de Dezembro de 1910)<sup>121</sup>; Murillo Campos (de Maio a Novembro de 1910 e de setembro a dezembro de 1911)<sup>122</sup>; José Antonio Cajazeira (de 21 de Janeiro de 1914 até a inauguração da linha)<sup>123</sup>; João Florentino Meira de Faria (por volta de 1914)<sup>124</sup>; Fernando Soledade<sup>125</sup>; Esperidião Gabino; Serapião; Alberto Moore. Eles foram auxiliados por farmacêuticos que, em algumas ocasiões, chegaram a assumir funções médicas. Foram farmacêuticos da CLTEMA o 2º Tenente Manoel Lopes Versosa, Benedicto Canavarro, Luiz de França Souto Maior e Antônio Pereira de Andrade.

A imensa maioria dos médicos que serviram à Comissão era formada por militares, ainda que de forças distintas. Armando Calazans era 1º Tenente Médico do Exército, assim como Manoel Antonio de Andrade, Joaquim Rabello e Murillo Campos; João Florentino Meira de Faria e José Antonio Cajazeira eram Capitães Médicos do Exército; Paulo Fernandes dos Santos era oficial médico da Armada e Joaquim Tanajura fazia parte do quadro sanitário da força policial do Distrito Federal. Quanto aos outros médicos (Fernando Soledade, Esperidião Gabino, Serapião e Alberto Moore), não conseguimos encontrar informações sobre sua trajetória pessoal. No entanto, tanto pela ausência de relatórios de sua lavra entre os escritos da CLTEMA quanto pelo pequeno número de referências a eles nos outros relatórios da mesma, podemos dizer que a posição ocupada por estes profissionais no interior da Comissão foi secundária, especialmente se comparada com a ativa participação de médicos como Joaquim Tanajura, Murillo Campos e José Antonio Cajazeira.

Apesar de militares em sua maioria, tais médicos foram nomeados membros da CLTEMA pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Aliás, foi este o Ministério que, como vimos, instituiu a Comissão, nomeando Rondon seu chefe, e, nos anos seguintes, continuou nomeando os novos membros que deveriam substituir àqueles que, quase sempre em função de adoecimento ou morte, abandonavam os trabalhos nos sertões do noroeste.

---

<sup>120</sup> BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. ARTMHEx / FC.

<sup>121</sup> BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. ARTMHEx / FC.

<sup>122</sup> CAMPOS, Murillo. *Op. Cit.*, 1913. p. 220.

<sup>123</sup> BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. ARTMHEx / FC.

<sup>124</sup> CLTEMA / 1916 / (Publicação nº 32). ARTMHEx / FC.

<sup>125</sup> CLTEMA / 1916 / (Publicação nº 42). ARTMHEx / FC.

De todos os médicos que fizeram parte da CLTEMA, seis tiveram seus relatórios publicados pela Comissão. Foram eles: Armando Calazans (publicação sem data); Manoel Antonio de Andrade (publicação sem data); Joaquim Rabello (publicação sem data); Joaquim Tanajura (publicação sem data); José Antonio Cajazeira (publicado em 1914); João Florentino Meira de Faria (publicado em 1916). Murillo Campos publicou um texto sobre o noroeste de Mato Grosso, resultante de sua participação na Comissão, na revista *Archivos Brasileiros de Medicina* (o texto foi publicado no ano de 1913). Estes relatórios não possuem uma padronização; foram elaborados de acordo com o critério de seus próprios autores, e, portanto, não formam um todo coeso, mas um conjunto heterogêneo de textos. Ainda assim, creio que podemos agrupá-los em dois tipos diferentes de relatórios que se sucederam no tempo.

Em primeiro lugar, há o grupo formado por relatórios médicos de caráter sumário, que se preocupam apenas em narrar brevemente algumas ocorrências médicas e apresentar estatísticas sobre a incidência de doenças e acidentes entre os membros da Comissão. Ainda que a partir destas estatísticas possamos formar uma idéia acerca das principais doenças enfrentadas ao longo do percurso dos expedicionários pelos sertões do noroeste, a principal preocupação destes relatórios parece ser a de cumprir burocraticamente a ordem – compartilhada por todos os oficiais da CLTEMA – que impunha o dever de escrever relatórios sobre suas atividades no tempo em que estiveram prestando serviços à Comissão<sup>126</sup>. Não há investigações mais aprofundadas sobre o estado sanitário da região. Os médicos apenas documentam sua passagem por ela produzindo narrativas curtas e estatísticas. Os relatórios que apresentam estas características são aqueles elaborados Armando Calazans, Manoel Antonio de Andrade e Joaquim Rabello, os três primeiros médicos a servir à Comissão, entre os anos de 1907 e 1908.

O segundo grupo – constituído pelos relatórios elaborados por Joaquim Tanajura, José Antonio Cajazeira, João Florentino Meira de Faria e Murillo Campos – é formado por textos que, para além das narrativas de ocorrências médicas e das estatísticas de doenças e acidentes entre os expedicionários, trazem análises sobre a configuração nosológica das regiões percorridas. Estes relatórios incluíam o exame do clima e da geografia dessas

---

<sup>126</sup> *Instruções pelas quais se deverá guiar o chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, organizadas de acordo com a letra b, n. XXI, art. 35, da lei n. 1.617, de 30 de dezembro de 1906.*

regiões; a observação dos hábitos e das condições de trabalho de indígenas, seringueiros e trabalhadores da Comissão; a identificação das zonas mais povoadas pelas anofelinas transmissoras da malária; a enumeração de medidas que, postas em prática, reduziriam a incidência da malária e de outras doenças tanto entre os membros da CLTEMA quanto entre os demais habitantes dos sertões do noroeste. Cabe, aqui, lembrarmos que Joaquim Tanajura, José Antonio Cajazeira, João Florentino Meira de Faria e Murillo Campos estiveram trabalhando na CLTEMA entre os anos de 1909 e 1915.

Enquanto os relatórios do primeiro grupo – que podem ser cronologicamente situados entre os anos de 1907 e 1908 – se configuram como textos meramente informativos, aqueles do segundo grupo – produtos das reflexões de médicos que estiveram na CLTEMA entre 1909 e 1915 – são estudos que mapeiam as causas das principais doenças dos sertões do noroeste, apontando maneiras de controlá-las.

O que causou esta mudança nos relatórios? Quando, precisamente, ela se deu? Estas são questões que parecem inevitáveis nesse momento. Procurarei respondê-las em seguida.

A mudança ocorreu entre os anos de 1909 e 1910. No dia 22 de maio deste último ano foram publicadas as Instruções para o serviço sanitário da CLTEMA<sup>127</sup>, que, como vimos, traziam uma série de recomendações que visavam a otimização do trabalho dos médicos, seu direcionamento para o controle da malária e a melhoria das instalações físicas destinadas ao atendimento aos doentes. A publicação destas instruções nos indica que neste momento as doenças passaram a fazer parte das preocupações fundamentais da Comissão.

Devido às constantes interrupções dos trabalhos de construção da linha e de reconhecimento de rios causadas pela irrupção de doenças, chegou-se à conclusão de que era imprescindível conhecer as principais enfermidades da região, identificar suas causas e criar e implementar estratégias de controle da malária, do beribéri, da ancilostomose e de outras doenças para que a Comissão pudesse levar a termo a tarefa da qual estava incumbida.

Se nos primeiros anos da Comissão havia a crença de que o povoamento da região seria realizado sem maiores dificuldades, bastando para isso a abertura de estradas e a construção de linhas e estações telegráficas, posteriormente verificou-se que para que este povoamento se tornasse uma realidade seria fundamental conhecer bem a região, em

---

<sup>127</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37). AMI.

especial do ponto de vista médico. Esta mudança de perspectiva se materializou na mudança do modo como os relatórios médicos foram escritos. Os documentos informativos que privilegiavam as estatísticas como ferramentas para abordar a incidência das doenças e dos acidentes entre os membros da CLTEMA foram substituídos por relatórios de cunho mais analítico, que apresentavam investigações acerca das causas das enfermidades de indígenas, seringueiros, membros da Comissão e demais habitantes dos sertões do noroeste, sugerindo medidas adequadas ao seu controle.

O projeto de incorporação dos sertões do noroeste ao território nacional por meio de uma ocupação ordenada pelo Estado mostrou-se, com o passar dos anos, mais complexo e difícil do que Affonso Penna, Francisco Bhering e Cândido Rondon puderam imaginar a princípio.

Para tornar mais clara a distinção entre os grupos de relatórios médicos dos quais trato aqui, apresentarei a seguir a organização formal de cada um dos relatórios, para posteriormente tratar dos principais aspectos desses textos: as doenças que aparecem em destaque, as causas apontadas para cada uma delas e as medidas sugeridas para o seu controle.

O relatório de Armando Calazans<sup>128</sup> traz, em sua parte inicial, uma breve apreciação do quadro sanitário do estado de Mato Grosso. Em seguida, o médico narra os principais episódios ocorridos de março de 1907 a abril de 1908 na seção de construção do ramal da linha telegráfica de São Luiz de Cáceres à cidade de Mato Grosso, conferindo importância especial ao dramático episódio da retirada da cidade de Mato Grosso. Acompanham o relatório quadros com informações estatísticas sobre as principais doenças ou acidentes que acometeram os membros da seção. Um deles se refere aos meses de maio de 1907 e fevereiro de 1908, e encontra-se parcialmente reproduzido abaixo (**quadro 4**).

---

<sup>128</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 20). ARTMHEx / FC.

## QUADRO 4

### As 10 principais causas de entradas de membros da CLTEMA na Enfermaria da 1ª Seção da Comissão de 13 de maio de 1907 a 27 de fevereiro de 1908 (por ordem alfabética)

Moléstias	Existiam	Entraram	Curados	Transferidos	Mortos	Existem	Observações
Bronquite	–	16	16	–	–	–	–
Cefalalgia	–	9	9	–	–	–	–
Contusões	–	30	29	–	–	1	–
Embaraço	–	22	22	–	–	–	–
Gástrico							
Feridas	–	39	39	–	–	–	–
Ferimentos	–	29	27	–	1	1	–
Paludismo (malária)	–	81	70	7	–	4	–
Sarnas	–	12	12	–	–	–	–
Úlceras	–	8	7	–	–	1	–
Varíola	–	25	25	–	5	–	–

Fonte: CLTEMA / s/d / (Publicação n° 20). p. 11. ARTMHEX / FC.

O relatório de Joaquim Rabello<sup>129</sup>, anexo ao do Dr. Calazans, é ainda mais sucinto do que este último, tratando, em sua maior parte, de uma doença chamada de *corrupção* pelos habitantes dos sertões do noroeste<sup>130</sup>. Assim como o relatório de Armando Calazans, este é acompanhado por quadros com informações estatísticas sobre as principais doenças ou acidentes que acometeram os membros da Comissão. Escolhi reproduzir parcialmente abaixo aquele no qual Rabello dá conta dos doentes que se apresentaram à enfermaria da Comissão entre os dias 6 de julho e 31 de dezembro de 1908. Como no quadro estatístico elaborado por Armando Calazans e reproduzido acima, a malária também aparece aqui

<sup>129</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 20). ARTMHEX / FC.

<sup>130</sup> Queixas sobre a incidência da *corrupção* ou *corrução* chegaram aos ouvidos de diversos médicos da CLTEMA, que tendiam a entendê-la como uma manifestação particularmente agressiva da malária e não como uma nova entidade nosológica. Ver, a respeito da *corrupção*: CLTEMA / s/d / (Publicação n° 20). ARTMHEX / FC e CLTEMA / 1914 / (Publicação n° 55). AMI.

como a maior responsável pelo adoecimento dos homens sob as ordens de Rondon, com 74 casos (**quadro 5**).

## QUADRO 5

### As 10 principais causas de entradas de membros da CLTEMA na Enfermaria do acampamento da Comissão de 6 de Julho a 31 de Dezembro de 1908 (por ordem alfabética)

Moléstias	Existiam	Entraram	Curados	Transferidos	Mortos	Existem	Observações
Abcesso supurado	1	17	18	–	–	–	–
Contusão simples	1	34	35	–	–	–	–
Embaraço Gástrico	1	31	32	–	–	–	–
Entorse	–	12	12	–	–	–	–
Ferida incisa	1	39	37	–	–	3	1 operado sob clorofórmio
Estrépe	1	22	23	–	–	–	–
Paludismo (malária)	1	73	74	–	–	–	–
Reumatismo	1	20	19	1	1	–	1 transferido para Cuiabá
Úlcera sífilítica	1	10	10	–	–	1	–
Ulcerações Consecutivas a mordidas de insetos	–	14	12	–	–	2	–

Fonte: *CLTEMA / s/d / (Publicação n° 20)*. pp. 29-31. ARTMHEx / FC.

O relatório médico de Manoel Antonio de Andrade<sup>131</sup>, também do primeiro grupo de relatórios do qual venho falando, é, de todos, o mais sucinto. São pouquíssimas páginas que tratam, fundamentalmente, como explica o próprio autor, das “*alterações havidas no serviço de saúde nos meses de Junho a Dezembro [de 1908] no contingente que acompanha a mesma seção* [a segunda seção da construção, encarregada da linha tronco de Cuiabá a Santo Antonio]”. De acordo com Manuel Antonio de Andrade, a malária foi a doença de maior incidência na seção.

É digna de nota a estrutura formal simplificada destes textos, que, em geral, apresentam de uma maneira bastante sumária as principais alterações no estado de saúde do contingente de trabalhadores que estava sob a imediata responsabilidade do médico relator. Estes relatórios são uma simples prestação de contas do trabalho do médico, e, portanto, apenas informam quantos pacientes foram tratados e as enfermidades que os afligiram.

Em contraste com tais textos tão sintéticos, temos os relatórios do segundo grupo, que tanto apresentam um maior número de informações sobre os percalços cotidianos enfrentados nas expedições como, sobretudo, trazem análises acerca das possíveis causas das principais doenças presentes nos sertões do noroeste, o que incluía o exame do clima, da geografia, dos hábitos e da alimentação das populações locais, bem como a verificação da presença de mosquitos do gênero *anopheles* nas localidades percorridas. Estes relatórios ainda enumeravam medidas que visavam ao controle das doenças entre os membros da Comissão e os demais habitantes da região, entre as quais podemos citar: a melhoria das condições de trabalho e da qualidade dos alimentos consumidos por seringueiros e membros da CLTEMA – onde não era raro o consumo de gêneros avariados –, o controle do alcoolismo, a realização de obras de engenharia sanitária em algumas localidades, o uso de mosquiteiros, a quininação preventiva e curativa e o combate às larvas das anofelinas nas áreas de acúmulo de água parada.

Formalmente, estes relatórios também adotam soluções mais complexas do que os primeiros, embora tanto nuns quanto noutros – e lembremos que todos são relatórios médicos endereçados a superiores – a clareza das narrativas, descrições e análises seja o aspecto mais marcante. Apresento, abaixo, a estrutura formal dos relatórios médicos do segundo grupo, para que fique mais clara a comparação aqui proposta.

---

<sup>131</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37). AMI.

O relatório do Dr. Joaquim Tanajura<sup>132</sup> sobre a segunda expedição de reconhecimento realizada em 1909 pela CLTEMA e liderada pessoalmente por Rondon pode ser dividido em três partes. Na primeira, Tanajura apresenta suas impressões sobre os aspectos sanitários de cada uma das localidades percorridas, atentando especialmente para os dados da geografia e do clima. A narrativa é, aqui, cronológica: se inicia com o ingresso de Tanajura na CLTEMA e termina com seu regresso ao Rio de Janeiro. A segunda parte do texto é dedicada à análise de alguns aspectos da região e da organização da Comissão que poderiam estar relacionados à emergência de doenças, como a deficiência na alimentação dos soldados, a formação de poças de água parada próprias para a reprodução de anofelinas e a passagem dos expedicionários por povoados nos quais a população se encontrava contaminada pela malária em quase toda a sua totalidade. A terceira parte é dedicada especialmente à malária. Nela são examinadas as manifestações da doença na região, suas possíveis causas e os estratagemas mais adequados ao seu controle – o que inclui aqueles dos quais o próprio Tanajura lançou mão na expedição de reconhecimento de 1909.

O relatório de João Florentino Meira de Faria<sup>133</sup> trata, em primeiro lugar, das imagens negativas que circulavam na então Capital Federal e em Cuiabá sobre os sertões do noroeste; imagens que associavam a região a doença, abandono, miséria e morte. Em seguida, o autor aborda os principais incidentes da expedição aos rios Arinos e Tapajós, da qual participou, destacando, sobretudo, a constante ameaça da malária aos expedicionários. No final do texto, Meira de Faria revela como controlou a malária na expedição e discute outras estratégias possíveis para atingir o mesmo objetivo.

Outro relatório do segundo grupo – aquele elaborado por Antonio Cajazeira<sup>134</sup> – divide-se entre os seguintes itens: “Palavras Explicativas”, no qual o autor fala de seu recrutamento para a participação na expedição Roosevelt-Rondon e conclama, em tom nacionalista, os médicos brasileiros a tomarem o rumo dos sertões do país para que verifiquem o quão errados estão os médicos europeus – sobretudo franceses – que condenam o interior brasileiro à eterna barbárie apenas em função de seu clima quente; “Exposição Geral”, em que Cajazeira faz pequenas observações sobre cada um dos lugares pelos quais passou acompanhando a expedição; “Algumas Considerações sobre a

---

<sup>132</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 19). ARTMHEx / FC.

<sup>133</sup> CLTEMA / 1916 / (Publicação n° 32). ARTMHEx / FC.

<sup>134</sup> CLTEMA / 1914 / (Publicação n° 55). AMI.

Epidemiologia de Mato Grosso”, onde o autor discorre sobre as principais enfermidades presentes no estado, dedicando um subitem a cada uma delas (“corrução”, “impaludismo”, “polinevrite palustre”, “lepra”, “doença de chagas”, “ancilostomose”, “disenterias”, “leishmaniose”, “ulcerações” e “beribéri”); “Outras Considerações”, subdividida em: “mordeduras de cobras”, “insolação e intermação”, “vestuário”, “alimentos”, “profilaxia usada do impaludismo” e “clima”. Trata-se do relatório médico mais denso da Comissão.

Por fim, faz parte deste grupo o artigo escrito por Murillo Campos<sup>135</sup> e publicado em 1913 nos *Archivos Brasileiros de Medicina* com o título de “*Notas do interior do Brasil. Noroeste de Mato Grosso*”. O artigo divide-se em quatro partes intituladas respectivamente: “A região e seus caracteres principais”; “Os habitantes e suas condições”; “Patologia regional” e “Higiene Decorrente”. A primeira das quatro partes trata de aspectos da hidrografia, da geologia, da flora – com uma cuidadosa exposição sobre o uso medicinal que os sertanejos e indígenas fazem de diversas plantas nativas – da fauna e de alguns aspectos climatológicos da região, fornecendo algumas informações sobre a variação das temperaturas e o regime das chuvas. A segunda parte versa sobre os habitantes do noroeste de Mato Grosso: os índios Parecis, os índios Nambiquaras, os seringueiros e os trabalhadores da Comissão. Campos mostra-se atento à observação dos hábitos alimentares e de trabalho de cada um destes grupos. Na terceira parte, a divisão entre Parecis, Nambiquaras, seringueiros e trabalhadores da Comissão, estabelecida no item anterior, é mantida, e são enumeradas as doenças que mais afetam cada um destes grupos. Finalmente, a última parte, “Higiene Decorrente”, traz uma série de medidas que, de acordo com o autor, seriam capazes de tornar o noroeste de Mato Grosso habitável tendo em vista que, para ele, era impossível povoar aquela região sem saneá-la.

Cabe aqui a abertura de um parêntese: enquanto os seis primeiros textos apresentados – três relatórios do primeiro grupo e três do segundo – foram publicados pela Comissão, o último apareceu nos “Archivos Brasileiros de Medicina” e não na série de publicações da CLTEMA. No entanto, como este texto se assemelha tanto na forma quanto nos temas abordados aos relatórios médicos publicados pela Comissão, reunindo informações oriundas da participação de Murillo Campos na mesma, decidi incluí-lo no segundo grupo de relatórios médicos da CLTEMA. Na verdade, Murillo Campos chegou a publicar um

---

<sup>135</sup> CAMPOS. *Op. Cit.*, 1913.

relatório pela Comissão<sup>136</sup>; no entanto, trata-se de um pequeno texto no qual o autor apenas enumera as doenças que acometeram os expedicionários durante a exploração do rio Juruena liderada pelo capitão Manoel Teóphilo da Costa Pinheiro, da qual participou.

Ainda que cada um dos relatórios médicos aqui apresentados trate de uma determinada parte da grande região que foi batizada de “sertões do noroeste” – Murillo Campos trata do *noroeste do Mato Grosso*, João Meira de Faria fala em *Amazônia*, Antonio Cajazeira discorre sobre o *estado de Mato Grosso*, para citarmos apenas três exemplos –, o que pode ser percebido através do exame do conjunto destes textos é que, para além das particularidades de cada uma destas partes, é o todo que aparece em destaque. Isso se deve à presença de todos os volumes destes relatórios na mesma série de publicações da CLTEMA e à similaridade dos temas abordados em todos os textos, mas explica-se, sobretudo, em função do destaque absoluto que cada um dos autores dá à malária como elemento fundamental dos espaços que percorrem.

A mudança na forma como os relatórios médicos foram escritos, que se deu entre os anos de 1909 e 1910, se explica pela maior atenção que as doenças – e, sobretudo, a malária – passaram a ocupar entre os líderes da CLTEMA. A partir deste momento, os médicos deixaram de ser encarregados apenas da cura dos doentes e acidentados da Comissão e passaram a acumular as funções de investigadores e analistas das doenças da região, conselheiros dos chefes das expedições, encarregados da profilaxia da malária e da cura de doentes e feridos. É importante lembrarmos que datam do início de 1910 tanto a chegada de Rondon ao Rio de Janeiro (onde passou um ano cuidando de aspectos organizacionais da Comissão devido a problemas de saúde) quanto a duplicação do efetivo da CLTEMA e a publicação das Instruções para o seu serviço sanitário, eventos que marcam uma reorganização da Comissão. Se, por um lado, neste momento ela ampliou sua área de atuação, com a criação da seção do norte – encarregada de instalar a linha telegráfica no sentido Norte-Sul, a partir de Santo Antonio do Madeira em direção a Cuiabá –, por outro, também foi a partir de 1909-1910 que a CLTEMA passou a encarar a malária como um obstáculo de primeira ordem à realização plena de seus objetivos; obstáculo que precisava, em primeiro lugar, ser conhecido em suas particularidades locais, para, em seguida, ser controlado e contornado.

---

<sup>136</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 26). AMI.

Nesse momento, a principal questão colocada para os médicos da Comissão era a seguinte: como tornar viável a ocupação dos sertões do noroeste? Ou, em outras palavras, como controlar a malária naquelas paragens de modo a tornar possível seu povoamento? A resposta está nos relatórios que prepararam após 1910, e que fornecem elementos que nos permitem perceber que o objetivo da imediata ocupação do território foi preterido em favor do controle da malária e da conclusão dos trabalhos de extensão da linha telegráfica. Os relatórios se tornaram mais extensos e detalhados na mesma proporção em que o povoamento tornava-se horizonte distante. O estudo médico detalhado das regiões tomou o lugar da mera prestação de contas sobre a execução crescente dos trabalhos. Paralisado, emperrado, atrasado, o projeto do povoamento ia sendo deixado a cargo de novas iniciativas e gerações. Coadjuvada por outras doenças e muitas dificuldades de logística, como veremos a seguir, a malária ajudou, e muito, a transformar a Comissão Rondon numa epopéia às avessas.

### **III.2 – Quinina e mosquiteiro para a conclusão da Linha Telegráfica.**

Em artigo que analisa a atuação de cientistas do Instituto Oswaldo Cruz em experiências de combate à malária em empreendimentos de construção de linhas ferroviárias, Jaime Benchimol e André Felipe Cândido da Silva<sup>137</sup> chamam atenção para as diversas possibilidades de adaptação das medidas a adotar em função das circunstâncias peculiares de cada projeto. Os autores afirmam que:

*“Apesar dos avanços consideráveis nos conhecimentos da malária na passagem do século, os modos de enfrentá-la não eram fáceis nem óbvios. Partindo de um conhecimento, digamos, livresco, a respeito do que se devia fazer e com base, é claro, na experiência decisiva com a febre amarela, os jovens pesquisadores do Instituto de Manguinhos adaptariam as fórmulas aceitas às circunstâncias particulares onde iriam atuar. Ajustes e inovações seriam determinados, por um lado, pelos ecossistemas que encontraram e pelos interesses econômicos e sociais que os*

---

<sup>137</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.719-762, jul-set. 2008.

*coagiram; por outro, adviriam das respostas que encontraram para os enigmas que desafiavam os ‘malariologistas’ daquele tempo.”<sup>138</sup>*

Argumento semelhante a este é mobilizado por Julio César Schweickardt no momento em que trata do controle da malária no estado do Amazonas. De acordo com o autor:

*“No caso do Brasil (...) houve tanto medidas de combate ao mosquito e larvas como o combate ao parasito através do uso de medicamentos. Além de medidas de saneamento das cidades e sugestões de defesa individual contra o mosquito. Elas poderiam ser modificadas de acordo com o lugar e as atividades desenvolvidas, pois uma obra como a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré exigia um tipo específico de profilaxia, diferente de ações dirigidas a um contexto de cidade como Manaus ou nos seringais dispersos no vale amazônico. Ambos estão inseridos no mesmo espaço amazônico, no entanto, exigiram estratégias diferentes pela natureza da ação humana e sua relação com o ambiente. Com isto queremos dizer que as medidas nem sempre foram tão simples de serem decididas por um determinado modelo, mas que seguiam diferentes estratégias dependendo de outras variáveis como recursos, investimentos, acesso á tecnologia, conhecimentos sobre a fauna e a flora, os conflitos políticos, etc.”<sup>139</sup>*

Os médicos militares da CLTEMA também tiveram que escolher as estratégias mais adequadas para o controle da malária nos sertões do noroeste.

Se examinarmos atentamente seus relatórios, podemos perceber duas ordens distintas de medidas. Por um lado, havia aquelas que foram postas em prática para viabilizar e acelerar o ritmo da construção da linha telegráfica e das expedições de reconhecimento dos rios. Seu objetivo era tão e simplesmente diminuir o número de casos de malária entre os membros da Comissão. Por outro lado, havia as medidas sugeridas para que a ocupação definitiva dos sertões do noroeste se tornasse possível. Diante da alta incidência de doenças na região, da falta de assistência médica adequada e do medo que esta situação inspirava

---

<sup>138</sup> *Idem.*

<sup>139</sup> SCHWEICKARDT. *Op. Cit.*, 2009. pp. 68-69.

nos trabalhadores e nos possíveis migrantes interessados em viver e trabalhar na região, os médicos assumiram a tarefa de indicar o que deveria ser feito para que as doenças fossem controladas e o medo dissipado, promovendo, desse modo, o povoamento produtivo daqueles sertões.

Entre as medidas sanitárias intimamente relacionadas à viabilização das atividades realizadas pela Comissão, que buscava resultados práticos no controle da malária num curto espaço de tempo, as estratégias aventadas e postas em prática pelos médicos foram: proteção mecânica, luta antilarviana e quininação preventiva. O texto das “Instruções para o serviço sanitário das seções do norte e do sul” menciona estas três formas de controle da malária. O terceiro, o quarto e o sexto itens do tópico “Da profilaxia contra o paludismo” tratam especificamente de cada uma delas. Eles recomendam o *“uso sistemático do mosquiteiro por todo o pessoal, nos lugares em que for julgada necessária tal medida”, a “quininação diária de todo o pessoal, na dose de 50 ou 30 centigramas do sal de quinina adotado pelo facultativo e a juízo dele, distribuída às refeições, fiscalizado rigorosamente este processo, pelo facultativo ou auxiliar de sua imediata confiança” e a “drenagem do terreno, toda vez que se fizer mister, aterro das poças d’água, destruição das larvas encontradas e quaisquer outras medidas julgadas precisas no sítio atingido, em bem da saúde dos trabalhadores.”*<sup>140</sup>

No entanto, embora a luta antilarviana, a proteção mecânica e a quininação preventiva estivessem presentes nas Instruções para o serviço sanitário, os relatórios mostram que antes e depois de sua publicação estas medidas não foram adotadas com a mesma intensidade. De forma geral, os médicos priorizaram a quininação preventiva de todo o pessoal da Comissão, nas diversas expedições que a compuseram, também procurando disseminar o uso do mosquiteiro entre seus membros. A luta antilarviana acabou sendo deixada de lado por não se adequar à grande mobilidade do pessoal envolvido tanto na construção quanto nas expedições de reconhecimento geográfico e levantamento científico.

---

<sup>140</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 37), p. 109. AMI.

Ao tratar do combate à malária na construção da Madeira-Mamoré, Julio Shweickardt apresenta um quadro muito semelhante àquele com o qual os médicos militares da Comissão se depararam. O autor afirma que, no caso da “ferrovia do diabo”:

*“Havia limites geográficos e climáticos que impediam a profilaxia ampla em todo o percurso da linha, por isto, as medidas buscavam mais o controle da situação do que a solução para o problema da transmissão e do contágio. O mesmo ocorreu em outras obras, no Brasil e no exterior, como na construção do Canal do Panamá. Havia o consenso dos sanitaristas, da época, que o saneamento de regiões extensas, como a Amazônia, era quase impossível de ser realizado. As características da topografia e da geografia, somadas ainda ao cíclico regime das águas, dificultavam medidas sanitárias sistemáticas. A profilaxia sistemática, de combate às doenças tropicais, estava, em sua grande parte, circunscrita aos ambientes urbanos.”*<sup>141</sup>

Nas palavras de Murillo Campos, médico da CLTEMA: *“As medidas de profilaxia antipalúdica, exequíveis no sertão, consistem no uso do mosquiteiro e no emprego do quinino, a título preventivo”*.<sup>142</sup> João Florentino Meira de Faria, médico da expedição aos rios Arinos e Tapajós comandada pelo tenente Joaquim Bueno Horta Barbosa, utilizou apenas a quininizacão preventiva no combate à malária, como deixa claro na seguinte passagem:

*“Eu sabia todas as dificuldades que se tem a vencer entre nós para manter sem desfalências um serviço de tratamento profilático coletivo. Mas eu confiava na forma tolerável (comprimidos) sob a qual era administrado o quinino e por último na minha paciência e no prêmio reservado aos que dessem mostra de boa vontade – a aguardente quinada e arsenicada.*

*E minhas esperanças não foram desmentidas.*

---

<sup>141</sup> SCHWEICKARDT. *Op. Cit.*, 2009. p. 255.

<sup>142</sup> CAMPOS. *Op. Cit.*, 1913. p. 222.

*Posta como condicional para aceitação no momento do engajamento pelo Tenente J. H. Barbosa e reconhecida durante a viagem como uma medida simples e do interesse de todos, a ração profilática de quinino não encontrou refratários.”<sup>143</sup>*

Aqui, Meira de Faria destaca que o uso da quinina na prevenção da malária não suscitou nenhuma forma de insatisfação entre os trabalhadores. No entanto, isto não significa que a imposição desta medicação preventiva tenha sido sempre bem aceita tanto pelos membros da Comissão como pelos habitantes dos sertões do noroeste. É outro médico da Comissão, Antonio Cajazeira, quem faz o seguinte aviso:

*“(...) a profilaxia daquelas regiões não pode ser feita, com proveito, por pessoal incompetente; porém por médicos familiarizados com o microscópio. Não admira, portanto, que a quinina mal empregada, quer profilaticamente quer como meio curativo, entrasse em descrédito nas zonas malsinadas pela malária. Todos os distúrbios produzidos pelo impaludismo foram considerados, pelos habitantes daquelas zonas, como males promanados da quinina; esta foi mais ou menos abandonada, e para substituí-la foram empregados remédios até absurdos.”<sup>144</sup>*

Cajazeira detecta, nesse trecho, que os habitantes dos sertões do noroeste – em especial das zonas mais afetadas pela malária – rejeitavam a quinina como tratamento preventivo ou curativo contra esta doença, chegando mesmo a atribuir ao medicamento os distúrbios por ela provocados. No lugar da quinina eram utilizados “remédios até absurdos”, como, para citar apenas um exemplo, fel (bile) de paca.

Tal fato indica que, embora a quininação preventiva e curativa aparecesse como a melhor solução para o controle da malária entre os trabalhadores da Comissão – sujeitos a uma severa disciplina militar e, ainda assim, como vimos nas palavras do Capitão Meira de Faria, aliciados pelo prêmio de aguardente –, tal medida fosse de mais difícil aplicação no universo mais amplo dos moradores do noroeste de Mato Grosso e sudoeste do Amazonas.

---

<sup>143</sup> CLTEMA / 1916 / (Publicação n° 32). p. 10. ARTMHEX / FC.

<sup>144</sup> CLTEMA / 1914 / (Publicação n° 55). p. 120. AMI.

Quando tratavam das medidas que deveriam ser adotadas para que o povoamento dos sertões do noroeste se tornasse viável, os médicos levantavam medidas mais amplas do que as destinadas à proteção dos trabalhadores da CLTEMA. Para além da quininizacão, da proteçãõ mecânica e da luta antilarviana, as medidas sugeridas por eles, nesse sentido, sãõ a mudançã dos hãbitos higiênicos, a melhoria das condições alimentares, a realizaçãõ de obras de engenharia sanitãria e a transformaçãõ das condições de trabalho nos seringais. Embora aventassem tais medidas, os mÃdicos nãõ se credenciavam para aplicã-las naquele momento. A ocupaçãõ dos sertões do noroeste, que, a princÃpio, deveria ser concomitante aos trabalhos de construçãõ da linha e exploraçãõ do territõrio, aparece aqui como um objetivo distante, que demandaria grandes esforçõs que nãõ deveriam se restringir aos mÃdicos, aos militares e aos telegrafistas da Comissãõ.

Tratando da importãncia de se encaminhar uma soluçãõ mais definitiva para a presençã da malãria nos sertões do noroeste, Joaquim Tanajura faz a seguinte reflexãõ:

*“Questãõ complexa que importa ao polÃtico como ao sociõlogo, abrangendo em conjunto mÃltiplas variedades de aspecto, tem sido enfrentada apenas pelo cientista, mais interessado no estudo especial da etis-patogenia da molÃstia, sem meios e sem elementos de levar adiante a sua tarefa, no promanar os benefÃcios inestimãveis da profilaxia antimalãrica.*

*Enquanto na Itãlia, na Françã, na Alemanha, nas Índias Inglesas, em AlgÃria, o movimento patriõtico em torno do assunto, tem jã produzido brilhantes resultados, formando-se uma legislaçãõ especial antipalũdica, expedindo-se regulamentos sãbios, organizando-se comitês filantrõpicos, entre nõs, irmãõs abandonados nos longÃnquos seringais da Amazõnia, pagam ainda pesado tributo à letalidade palustre, à falta de garantias acauteladoras da sua saũde.*

*Campanha de difÃcil execuçãõ, exigindo o devotamento assÃduo dos seus sectãrios e dispêndio avultado da fortuna pũblica ou particular, nem por isso deve ser desprezada numa zona em que poderã ser iniciada por nũcleos de populaçãõ, que teriam certo seus resultados evidentes pela obediênciam às medidas empregadas e pelo saneamento desde logo iniciado.*

*Para seu êxito, dois fatores lhe são indispensáveis: a engenharia sanitária e a medicina.*

*Como auxiliar, o devotamento da sociedade inteira, nas provas altruísticas e de civismo, concorrendo para uma obra meritória, não será de menor valia, pela comunhão de sentimentos em torno de uma causa que se constitui regional mas que interessa a todo país.*”<sup>145</sup>

A conclusão à qual os médicos militares que trabalharam na CLTEMA chegaram foi a de que não havia como povoar os sertões do noroeste sem, antes, estabelecer-se uma solução definitiva para o controle da malária na região. No entanto, eles entenderam que essa tarefa não estava ao seu alcance. Enquanto indicavam medidas de caráter amplo que poderiam no futuro viabilizar a tão almejada ocupação produtiva do território, eles punham em prática entre os membros da Comissão a quininizacão em massa e o uso do mosquiteiro, buscando protegê-los do contágio para que terminassem, o mais rápido possível, a construção da linha telegráfica.

### **III.3 – O beribéri<sup>146</sup> e a alimentacão nos sertões do noroeste.**

Um dos maiores problemas enfrentados pela Comissão foi o suprimento de alimentos. Todos os relatórios médicos da CLTEMA que incluí no segundo grupo mencionaram a pouca quantidade e a má qualidade dos alimentos consumidos pelos membros da Comissão e pelos seringueiros que viviam na região. No entanto, é no texto publicado por Murillo Campos nos *Archivos Brasileiros de Medicina* que este tema é analisado mais detidamente. Aqui, o autor entabula uma relacão direta entre a péssima condicão dos alimentos consumidos por seringueiros e membros da Comissão e o aparecimento do beribéri entre eles. Em relacão à alimentacão destes últimos Campos afirma:

---

<sup>145</sup> CLTEMA / s/d / (Publicacão n° 19), p. 44. ARTMHEx / FC.

<sup>146</sup> Doença por deficiência vitamínica, causada pela falta de vitamina B1 (tiamina). As manifestacões mais significativas são dano ao coração e sistema nervoso. Ver: <http://adam.sertaoggi.com.br/encyclopedia/ency/article/000339.htm>. Acessado em 30/06/2009.

*“Com efeito, em relação à quantidade variava muito, chegando nos últimos dias de cada mês a faltar quase completamente; quanto à qualidade era péssima e deteriorada. Eram base da alimentação, nesse período, a carne verde, fornecida por bois magros e cansados, como já foi relatado, e a farinha de mandioca, importada do Rio Grande do Sul, sempre mais ou menos mofada.*

*“O arroz, o feijão e alguns outros gêneros faltavam quase sempre, e o seu consumo não passava dos primeiros dias, depois da chegada das tropas.*

*“Importados os gêneros alimentares, nas condições relatadas, chegavam ao sertão, nessa época, justamente, na passagem da estação úmida para a seca, quando a umidade e o calor da atmosfera, condições da redução das matérias orgânicas, estavam bastante elevadas. Além disso, os depósitos eram mal ventilados e o acondicionamento dos gêneros inadequado.*

*“Eram estes fatos, naturalmente, muito favoráveis ao desenvolvimento das putrefações, dos bolores e dos gorgulhos nos gêneros chegados que, aliás, em seu longo percurso, já se haviam alterado mais ou menos fortemente.*

*“A comparação das condições habituais de vida dos índios, dos seringueiros e dos trabalhadores da Comissão, indica que a única diferença importante estava na alimentação, pois somente estes últimos dependiam de uma alimentação importada, morta e mais ou menos avariada.*

*“A relação entre essa observação e o fato de somente os empregados da Comissão apresentarem o beribéri, logicamente, parece indicar a natureza alimentar desta moléstia (seja ela intoxicação ou infecção), com o que a clínica não se acha em desacordo.”<sup>147</sup>*

Cabe aqui notarmos que, embora o autor afirme na passagem citada que não havia beribéri entre os seringueiros, numa outra passagem anterior a esta ele afirma que esta situação mudou a partir de 1910, tendo em vista que até esta data:

---

<sup>147</sup> CAMPOS, Murillo. “Notas do Interior do Brasil” In: *Archivos Brasileiros de Medicina*. 3 (2) 1913. pp. 219-220.

*“(...) o número de seringueiros era pequeno e a agricultura do Estado bastava para alimentá-los; aumentando, porém, o seu número, sem aumento proporcional das plantações, foram os patrões obrigados a importar gêneros de regiões longínquas que sempre chegam mais ou menos estragados.”<sup>148</sup>*

Ou seja, a região não estava preparada para receber novos habitantes; não tinha sequer como alimentá-los. O povoamento dos sertões do noroeste, dessa forma, esbarrava em mais uma vultosa dificuldade.

A preocupação com a alimentação dos soldados da Comissão também sensibilizou o Dr. Antonio Cajazeira. Já nos deparamos com o tom nacionalista de seu relatório quando tratamos de sua crítica àqueles que condenavam vastas porções do território brasileiro ao atraso devido ao seu clima. O mesmo tom pode ser observado no trecho a seguir, no qual ele defende um programa alimentar para o soldado brasileiro baseado em recursos disponíveis no país. Suas palavras são as seguintes:

*“Estamos em face de um problema sério – a alimentação dos nossos soldados e camaradas, quando têm de desenvolver sua atividade nos nossos sertões. A despeito do que se tem feito, ainda é imperfeita apesar de abundante, a tabela de rações alimentares fornecida ao nosso soldado. Domina-nos ainda a preocupação de copiarmos tabelas estrangeiras, quando nossas deviam ser confeccionadas com os nossos recursos alimentares principalmente, e orientadas por critério científico seguro.*

*Emanaria daí o conhecimento perfeito dos nossos recursos alimentares em tempo de paz e no da guerra, e a vantagem de fornecermos ao nosso soldado alimentação perfeitamente adaptada ao seu organismo e costumes alimentares.”<sup>149</sup>*

Cabe aqui atentarmos para o fato de que, embora os problemas alimentares fossem citados por todos os relatórios médicos do segundo grupo como um fator que colaborava para a alta incidência de doenças nos sertões do noroeste, Murillo Campos foi o único

---

<sup>148</sup> CAMPOS. *Op. Cit.*, 1913. p. 216.

<sup>149</sup> *CLTEMA* / 1914 / (Publicação nº 55). pp. 92-93. AMI.

médico da CLTEMA que relacionou diretamente problemas alimentares e beribéri.<sup>150</sup> Os outros relatórios do segundo grupo não precisaram uma doença diretamente ligada a este problema. João Florentino Meira de Faria, por exemplo, ao tratar do beribéri e da malária em conjunto, mostra-se mais preocupado com as possíveis variáveis climáticas daquela doença. Ele afirma que *“muito ao contrário do que era de esperar na estação seca e fria é que se dava a ascendência na curva representativa dos casos de paludismo e de beribéri.”*<sup>151</sup>

A alimentação de péssima qualidade consumida pelos trabalhadores da Comissão e pelos seringueiros causava diversas doenças gástricas e gerava muitos casos de beribéri entre eles. Os problemas gástricos figuraram intensamente nas diversas estatísticas produzidas pelos médicos da Comissão, como podemos ver no **quadro 4** e no **quadro 5**, enquanto o beribéri foi citado em diversos relatórios como a segunda principal doença dos sertões do noroeste, atrás apenas da malária. No quadro elaborado por Murillo Campos sobre as principais doenças do noroeste do Mato Grosso entre maio e novembro de 1910 e entre setembro e dezembro de 1911, o beribéri chega a superar a malária em número de casos, como podemos ver no **quadro 6**.

---

<sup>150</sup> A etiologia do beribéri ainda não era clara no período em que a CLTEMA funcionou. Embora as pesquisas de Christiaan Eijkman – considerado seu “descobridor” – sobre a doença remontem a fins do século XIX, foi apenas na década de 1920 que se chegou à conclusão que esta era causada pela ausência da vitamina B1.

<sup>151</sup> CLTEMA / 1916 / (Publicação nº 32). p. 9.

## QUADRO 6

**Casos de doenças observados de maio a novembro de 1910 e de setembro a dezembro de 1911 no noroeste do estado de Mato Grosso pelo Dr. Murillo Campos.**

Beribéri	36
Paludismo	23
Opilação	8
Bócio Parasitário	3
Úlceras crônicas	3
Gastro-enterites agudas	6
Ferimentos por flecha	2
Ferimentos por arma de fogo	3
Pneumonia esquerda	1
Sífilis	3
Espermatorréia rebelde	1
Hérnias inguinaes	3
Tuberculose pulmonar	2
Epitelioma palpebral	1
Conjuntivite catarral	2
Estafe físico	1
Sarna	3
Escamação epidérmica	4
Cancros venéreos	2
Estreitamento uretral	1
Diversos	15

Fonte: CAMPOS, Murillo. "Notas do Interior do Brasil" *Archivos Brasileiros de Medicina*. 3 (2) 1913. p. 220.

### III.4 – Ancilostomíase<sup>152</sup> e semicivilização.

Os relatórios médicos da CLTEMA apontavam diversas vezes o não cumprimento dos princípios higiênicos mais elementares nos povoados da região como o principal responsável pelo aparecimento de diversas moléstias entre os seus habitantes. Aqui, os relatos não poupam dramaticidade, em especial nas descrições das cidades, vilas e povoados visitados pelos médicos, os quais são apontados como grandes celeiros de doenças; espaços caóticos do ponto de vista sanitário. Joaquim Tanajura descreve um desses povoados, chamado Tapirapoan – que funcionou como base de operações da CLTEMA –, da seguinte maneira:

*“Tapirapoan é um povoado incipiente, ultimamente em pé de desenvolvimento pela afluência de seringueiros adventícios e pelo destacamento e pessoal da Comissão aí fixados.*

*Constituído de palhoças, sem regras de higiene, sua população vive essa vida habitual dos lugares do interior, descuidosa dos elementos de conforto, abandonada às próprias condições do meio, sem a garantia premunidora de medidas eficazes em benefício da sua saúde.*

*O seu clima não me pareceu condenável, muito embora a queda brusca de temperatura à noite denunciasse à minha passagem por ali muita umidade, uma época, aliás, propícia às célebres friagens comuns ao Mato Grosso.*

*Da sua situação pude conhecer uma excelente posição a cavaleiro do Sepotuba, com desaguadouro fácil, banhada pelos ventos, sem que se encontrasse um elemento que lhe seja condenável senão no descaso da população, à falta de observância dos preceitos da higiene.*

*Assim, pude verificar em alguns pontos águas estagnadas formadoras de focos miasmáticos e de viveiros dos mosquitos, às proximidades das palhoças habitadas.*

---

<sup>152</sup> É uma infestação de vermes nematódeos (*Necator Americanus*, *Ancylostoma duodenale*, *Ancylostoma ceylenicum*, *Ancylostoma brasiliense*) no intestino delgado e pulmões. Ver: <http://adam.sertaoggi.com.br/encyclopedia/ency/article/000629.htm>. Acessado no dia 20/06/2009.

*Atendendo graciosamente a alguns chamados dos seus habitantes, notei vários casos de ancilostomíase até em crianças tenras, o que é um atestado da falta de higiene que venho comentando.*

*Não pude, por escassez de tempo, fazer uma análise detida das cercanias de Tapirapoan, mas, pela fisionomia de sua população opilada, anêmica, desanimada, é-me inteira certeza ser tudo de responsabilidade da falta de higiene que o local não merece ser condenado.*”<sup>153</sup>

Esta total falta de higiene apontada por Tanajura no povoado de Tapirapoan estava longe de ser uma exceção. A ausência de cuidados higiênicos – comprovada, segundo este médico, pela presença da ancilostomíase em crianças de tenra idade – era comum nos mais diversos agrupamentos populacionais visitados pelos médicos. Antonio Cajazeira também chama atenção para a forte presença da ancilostomíase nos sertões do noroeste, relacionando, tal e qual Tanajura, a doença ao descumprimento de princípios básicos de higiene por parte de sua população. Segundo ele, esta enfermidade é o segundo maior flagelo do estado do Mato-Grosso, superando o beribéri. Suas palavras são as seguintes:

*“Em Mato-Grosso, depois do paludismo, é sem dúvida a ancilostomose a moléstia mais espalhada. A falta de higiene de certos lugares é tão grande que nem sempre as fezes são depositadas em lugares apropriados; e como parte da população tem o feio e anti-higiênico costume de trazer os pés desprovidos de calçado é muito fácil, como está hoje provado, a penetração das larvas dos parasitos do gênero Agchylostoma através da pele.*”<sup>154</sup>

Associada à pobreza e à completa falta de higiene, a ancilostomíase era uma doença profundamente estigmatizante. A sua presença indicava o atraso, e, mais do que isso, o caráter *semicivilizado* de seus portadores. Tratava-se de uma doença que não vitimava os indígenas da região – os “bárbaros”, por assim dizer – e nem os habitantes das áreas urbanizadas das maiores cidades do país – os “civilizados” – mas afligia os moradores de

---

<sup>153</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n° 19). p. 4. ARTMHEX / FC.

<sup>154</sup> CLTEMA / 1914 / (Publicação n° 55). p. 61. AMI.

pequenos povoados do interior do país, abandonados pelo poder público e relegados a uma situação de miséria crônica.

O próprio Rondon, ao tratar da composição étnica do vale do rio Ji-Paraná – considerado por ele um dos mais ricos e variados centros etnográficos do mundo à época – atesta a presença de homens semicivilizados nos sertões atravessados pela CLTEMA:

*“Ali se nos depara o homem civilizado, manejando instrumentos da indústria hodierna tão admiráveis e perfeitos como sejam o telégrafo e os motores de explosão, ao lado do caboclo inculto, do índio manso e semicivilizado, do silvícola apenas iniciado nos primeiros passos das nossas relações, do selvagem ainda não atingido, e até, finalmente, do já quase extinto antropófago.”*<sup>155</sup>

Utilizando a mesma terminologia, o Capitão Manuel Teóphilo da Costa Pinheiro afirma que: *“Em todo o Jaci-Paraná existiam, trabalhando em seringais, quando lá passamos, 204 homens semicivilizados (...)”*<sup>156</sup>

Aqui, os textos dos médicos da Comissão aproximam-se daqueles de higienistas e cientistas que viajaram pelo interior do país buscando oferecer soluções para grandes problemas de saúde pública nas primeiras décadas do século XX. Eles também identificavam:

*“(...) uma espécie de fase intermediária entre o selvagem e o civilizado. O primeiro, mais próximo à natureza, teria uma vida mais saudável e harmoniosa; o segundo, que identificam com frequência ao caboclo, revela uma relação puramente predatória com a natureza, além de artefatos culturais e comportamentos sociais que indicariam imprevidência. Isso naturalmente traria um impacto sobre a saúde desse homem que deixaria a vida selvagem mas não poderia ser considerado um civilizado.”*<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup> CLTEMA / 1916 / (publicação nº 42). p. 201. AMI

<sup>156</sup> CLTEMA / 1949 / (Publicação nº5). p. 18. AMI.

<sup>157</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Op. Cit.*, 1999. p. 113.

Já vimos que a ancilostomíase era um dos principais elementos levados em conta na caracterização do que seria um semicivilizado. No entanto, outras doenças também assumiram este caráter de indicadores da semicivilização de certos habitantes dos sertões do noroeste. Na verdade, a maior parte das doenças que chamaram a atenção dos médicos da CLTEMA cumpriu este papel. Ainda que num grau menor do que a ancilostomíase, a malária, o beribéri, a doença de chagas<sup>158</sup>, a lepra, a opilação, as doenças venéreas e o alcoolismo também foram associados à semicivilização por serem evitáveis através do cumprimento de certos preceitos conhecidos pelos médicos. O seu não cumprimento indicava, portanto, a ignorância e a imprevidência dos semicivilizados.

As enfermidades acima mencionadas eram exatamente as que mais afligiam, de acordo com Murillo Campos, os seringueiros que habitavam os sertões do noroeste. Segundo este médico:

*“O bócio parasitário pode muito bem ser considerado, em todo o Brasil central, verdadeiro mal social. No noroeste de Mato Grosso os seus focos são as vilas de Diamantino e Rosário, principalmente. O barbeiro existe abundantemente nas habitações e é visto somente como uma espécie de percevejo.*

*Entre os seringueiros a prostituição é muito desenvolvida e, conseqüentemente, as moléstias venéreas são muito freqüentes.*

*O alcoolismo é grande flagelo destas populações.*

*A lepra, devido à falta de isolamento e de higiene necessária, é muitas vezes observada. Atribuem vulgarmente o aparecimento desta moléstia a circunstâncias meramente ocasionais, como o uso da carne de anta ou de capivara e a má vida dos seringais.”*<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> Descoberta por Carlos Chagas no município mineiro de Lassance em 1909, esta doença foi, num primeiro momento, relacionada diretamente à ocorrência do bócio. Entre os nomes comumente utilizados no período para referir-se a ela estavam os de tireoidite parasitária e bócio parasitário. Posteriormente, após anos de intensa controvérsia que envolveu cientistas brasileiros e argentinos, chegou-se à conclusão de que não havia relação entre o bócio e a infecção pelo *Tripanosoma Cruzi*. Ver, a este respeito: KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil: Ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em História. Área de Concentração: História Social. Niterói, 2006.

<sup>159</sup> CAMPOS, *Op. Cit.*, 1913. p. 216.

Dessa forma, os seringueiros dos sertões do noroeste figuram como os exemplos mais bem acabados de homens semicivilizados. Eles seriam, ainda:

*“Em geral viciados pelo álcool, trabalhados pelas moléstias venéreas, pelo impaludismo, pela ancilostomíase ou pelo bócio parasitário, cujos efeitos se estendem de gerações a gerações, fisicamente são fracos e moralmente escravos de seus patrões.”*<sup>160</sup>

O “modelo” de ocupação da região representado pelos seringueiros era o exato oposto daquele que a Comissão planejava. Eles ocupavam de modo esparsos o território, pois cada trabalhador assumia o dever de extrair o látex das seringas de uma área relativamente grande; eram explorados pelos seringalistas, pois formavam a base do cruel sistema de aviaamentos que os endividava antes mesmo de sua chegada ao local de trabalho, prendendo-os aos seus patrões; não possuíam informações sobre as maneiras de evitar o adoecimento e constantemente se tornavam alcoólatras e assíduos clientes de prostitutas.

Em oposição a esta forma semicivilizada de ocupar o território, a CLTEMA propunha a sua ocupação a partir da construção das linhas telegráficas, da abertura de estradas, do controle das doenças, da agricultura e da pecuária. No entanto, diante do panorama formado por doenças de difícil controle, homens semicivilizados e grande miséria, que anunciava custosa e demorada transformação, a implantação do “celeiro da terra”, para lembrar as já citadas palavras de Rondon, ficou muito distante dos planos imediatos da CLTEMA.

---

<sup>160</sup> CAMPOS. *Op. Cit.*, 1913, p. 208.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando chegou aos sertões do noroeste, um dos primeiros locais pelos quais Rondon passou foi a cidade de Mato Grosso, outrora chamada de Vila Bela da Santíssima Trindade, antiga sede da província de Mato Grosso. Ele descreveu suas impressões sobre o lugar da seguinte forma:

*“A fundação deste lugar data de 1730, por bandeirantes que de Cuiabá partiram em busca do pobre índio e do precioso metal, estabelecendo-se no lugar que tomou o nome de pouso alegre, crismado mais tarde por D. Rolim de Moura com o Garrido nome de Vila Bela, hoje tão solitária e abandonada que mais lhe quadra o nome de Vila Triste.”*<sup>161</sup>

E, em conferência realizada no Palácio Monroe, no Rio de Janeiro, no ano de 1910, acrescentou, tratando da mesma cidade, que:

*“Ao contemplarem-se estas ruínas evocativas de um passado de pompas e de domínio absoluto, sente-se a alma embeber-se de indefinível melancolia, como quando se revêem sítios que já vimos transbordantes de vida, e agora encontramos abandonados, sem ruído, sem um movimento, sem uma cor que lembre o presente, apagado pelas sombras da saudade. Oprime-nos aquele aniquilamento do cenário que enquadrrou talvez o melhor trecho de nossa vida, como se só agora nos apercebêssemos de que uma boa parte da nossa existência já passou e que também nós corremos para a voragem dos tempos. Desejaríamos reanimar aqueles lugares e, sem o sabermos, com eles as cenas vividas...”*

(...)

*Vendo-se estas derrocadas, abrigo de uma população de 340 habitantes derrotados pelo paludismo e pela miséria, custa crer que se está na mesma cidade em que, há apenas um século, mais de 2300 pessoas assistiram ‘aportar ao cais do Guaporé as monções vindas do Pará, ou enviaram a Lisboa arrobas e arrobas de*

---

<sup>161</sup> CLTEMA / s/d / (Publicação n°1). p. 337. ARTMHEX / FC.

*ouro, ou então acolhiam no meio de intermináveis festejos e pomposas galas os Capitães-generais’.*”<sup>162</sup>

A decadente cidade de Vila Bela pode ser vista aqui como uma espécie de metáfora para os sertões do noroeste. Diante de um quadro desolador como este, a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, de acordo com Rondon, deveria ser a responsável por transformar esta paisagem melancólica, repleta de ruínas, abandonada, habitada por uma pequena população miserável e doente num centro produtivo repleto de habitantes laboriosos, saudáveis e adeptos ao uso de novas tecnologias – especialmente as linhas telegráficas.

Rondon e os outros membros da Comissão acreditaram, nos primeiros anos dos trabalhos, que, apesar das dificuldades inerentes ao projeto, a instalação de linhas e estações telegráficas, a abertura de estradas, o conhecimento da fauna, da flora, da geologia, da etnografia e da nosologia da região garantiriam o sucesso do povoamento dos sertões do noroeste. De acordo com o chefe da Comissão, ela seria a mola propulsora do desenvolvimento daquelas regiões, como fica claro na passagem abaixo, tirada do relatório no qual ele trata das explorações que comandou entre 1907 e 1909:

*“Certo, esta exploração terá como conseqüência o povoamento deste solo feracíssimo, desde que o Governo do Estado cumpra o dever que a felicidade do seu povo está a reclamar-lhe com instancia.*

*E como resultado desse povoamento virá o restabelecimento das primeiras indústrias de que qualquer população não se pode privar.*

(...)

*Desde que uma estrada de ferro, como conseqüência natural do povoamento da região, procure tirar partido dessas riquezas imensas, do Madeira ao Cuiabá, em prolongamento da estrada de ferro acreana, ou da Madeira-Mamoré, grande incremento tomarão os núcleos de população que se estabelecem em torno das estações Utiariti, Juruena e as que estão projetadas nos campos de Comemoração de Floriano e Maria de*

---

<sup>162</sup> CLTEMA / 1946 / (publicação nº 68). pp. 13-15. AMI. Nesta passagem, Rondon cita o livro *A cidade de Matto Grosso*, do Visconde de Taunay.

*Molina, sem falar nas que florescerão dentro da imensa floresta que se estende do Ji ao Jaci.*”<sup>163</sup>

Até mesmo alguns anos depois da conclusão dos trabalhos de construção da linha e de sua inauguração – datada de 1º de janeiro de 1915 –, num momento em que diversas críticas ameaçavam o repasse de verbas para a Comissão realizar a manutenção e a operação das linhas e estações construídas, o Capitão Amílcar Botelho de Magalhães fez publicar um folheto intitulado “Pela Comissão Rondon” no qual fazia uma contundente defesa das realizações da CLTEMA e de sua importância para a ocupação dos sertões do noroeste. Entre os argumentos evocados pelo autor na defesa da manutenção da linha telegráfica destacavam-se: as vantagens técnicas da telegrafia que utilizava fios sobre a telegrafia sem fio (Magalhães apresenta este argumento apoiado em parecer do engenheiro Francisco Bhering, o mesmo que havia feito o projeto da linha instalada pela Comissão); a importância que a manutenção de um batalhão do exército (5º Batalhão de Engenharia) na região teria para garantir a ocupação da região; a proteção oferecida pela presença de uma linha-tronco telegráfica no interior do país (o autor defendia que, em caso de guerra, a linha-tronco da costa ficaria seriamente ameaçada), linha que poderia ser facilmente incorporada à nova capital do país, a ser construída em Goiás.

De acordo com Magalhães:

*“Ao fechamento das estações telegráficas do Noroeste equivaleria o decretar o fechamento do sertão, fazendo-o retrogradar ao período colonial; seria privar os Estados interessados do desenvolvimento e do povoamento de seus sertões, suprimir-lhes os meios de que se estão servindo para melhor administrar seus vastos territórios; seria anular o único instrumento capaz de incrementar o progresso, levando a indústria a animar-se a essa penetração dos sertões; seria arrebatá-la, aos próprios trabalhadores nacionais que mourejam na Amazônia, essa comunicação telegráfica ao alcance de seu bolso para se corresponderem com suas famílias distantes; seria ferir duramente o nosso pobre índio com um abandono ainda mais cruel, quando mal começava sentir os doces efeitos da civilização e compreender que*

---

<sup>163</sup> CLTEMA / s/d / (publicação n°1). p. 338. ARTMHEx / FC.

*há um governo superior que o protege contra a ganância dos aventureiros desumanos.*

*Em última análise, decretar a destruição do que se conquistou com todo o sacrifício enumerado, seria estancar uma fonte de renda que começa agora a gotejar, seria atirar ao desamparo servidores dedicados que se sujeitam à vida isolada, longe da família, destacados no interior do sertão bruto; seria – por que não dizê-lo? – desonrar a memória de todos os que morreram por essa conquista sob a inspiração do patriotismo.*

*Ainda mais, a permanência dessa Linha Telegráfica tem evitado as antigas incursões de Peruanos e Bolivianos que vinham até as margens do Juruena (!) furtar a nossa borracha, o nosso caucho, as nossas riquezas minerais, tudo quanto enfim podiam conduzir para os seus países.*

*Nessas freqüentes penetrações destruíam às vezes pelo fogo as nossas matas e maltratavam os nossos índios.*

*Finalmente, sem levar em conta a gratidão devida ao Sr. Coronel Rondon pelas descobertas geográficas e científicas de que foi veículo o serviço da **Comissão Telegráfica**, o vasto material classificado e entregue, até fins de 1916, ao **Museu Nacional**, onde orçam por quase duas dezenas de milhar (**Antropologia**, 3380; **Geologia e Mineralogia**, 42; **Zoologia**, 7512; **Botânica**, 8837) os exemplares colecionados – por todos os lados pelos quais for encarado o problema, com superioridade e algum alcance de vistas, verifica-se que seria um crime extinguir a **Linha Telegráfica do Noroeste Brasileiro**.”<sup>164</sup>*

A longa passagem citada acima mostra que, em 1919, os militares que continuavam envolvidos de alguma maneira com as linhas telegráficas construídas no noroeste do Brasil – é importante lembrarmos que, após a inauguração da linha em 1915, boa parte da estrutura da CLTEMA foi mantida para garantir a manutenção e a operação da linha construída – mantinham a convicção de que a Comissão ao menos abrisse a região à ocupação e ao desenvolvimento. Por outro lado, ela também nos deixa perceber que, quatro anos após a inauguração da linha, esta já se encontrava ameaçada, pois o prometido surto

---

<sup>164</sup> BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. pp. 23-25. ARTMHEX / FC.

de povoamento ainda não havia se tornado real, e, em função disso, o Ministro da Viação Augusto Tavares de Lyra, o Presidente Wenceslau Brás e os membros do Congresso Nacional não pareciam dispostos a continuar financiando a dispendiosa manutenção de uma extensa linha telegráfica que tinha fluxo de telegramas praticamente nulo. De qualquer forma, Botelho de Magalhães defendia a manutenção da linha e profetizava: “*E a história sentenciará com quem está a razão.*”<sup>165</sup>

Em 1938, no entanto, a situação da linha e dos sertões do noroeste parecia ser muito diferente daquela que Amílcar Botelho de Magalhães, Cândido Rondon e os demais oficiais da Comissão, mesmo com as dificuldades encontradas no decorrer dos trabalhos, haviam anunciado para os anos seguintes. Naquele ano, o antropólogo Claude Lévi-Strauss percorreu boa parte do trajeto da linha telegráfica instalada pela CLTEMA, e suas impressões sobre a região foram as seguintes:

*“No rastro dos homens de Rondon que colocavam seu fio teleográfico, uma massa de emigrantes iria invadir territórios de recursos insuspeitos, construir alguma Chicago brasileira. Perderam as ilusões: à imagem do Nordeste, onde estão as terras malditas do Brasil pintadas por Euclides da Cunha em **Os Sertões**, a serra do Norte haveria de se revelar um cerrado semidesértico e uma das zonas mais ingratas do continente. Além disso, o nascimento da radiotelegrafia, que coincidia por volta de 1922 com a conclusão da linha, tirava todo o interesse dessa última, promovida ao estatuto de vestígio arqueológico de uma época científica ultrapassada no momento exato em que acabava de ser terminada. Ela conheceu um instante de glória, em 1924, quando a insurreição de São Paulo contra o governo federal isolou o do interior. Pelo telégrafo, o Rio de Janeiro continuou a se manter em comunicação com Cuiabá, via Belém e Manaus. Depois, foi o declínio: o punhado de entusiastas que haviam lutado por um emprego refluíram ou se deixaram esquecer. Quando lá cheguei, fazia vários anos que não recebiam qualquer abastecimento. Ninguém se atrevia a fechar a linha, mas já ninguém se interessava por ela. Os postes podiam ser derrubados, o fio, enferrujar; quanto aos últimos sobreviventes dos postos, sem*

---

<sup>165</sup> BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. p. 34. ARTMHEX / FC.

*coragem para partir e sem meios para fazê-lo, extinguíam-se lentamente, minados pela doença, pela fome e pela solidão.*

*(...) Eu me esforçava para encontrar suboficiais da reserva que tivessem sido companheiros de Rondon, podendo extrair-lhes somente uma sombria ladainha: ‘Uma terra ruim, muito ruim, pior que qualquer outra...’”<sup>166</sup>*

Ao que, algumas páginas a seguir, acrescenta:

*“Quem vive na linha Rondon facilmente se imaginaria na Lua. Pensem num território do tamanho da França e quase inexplorado; percorrido apenas por pequenos bandos de índios nômades, que estão entre os mais primitivos que se possam encontrar no mundo; e cruzado de um lado a outro por uma linha telegráfica. A pista sumariamente desmatada que a acompanha – a ‘picada’ – fornece o único ponto de referência em setecentos quilômetros, pois, se excetuarmos alguns reconhecimentos feitos pela Comissão Rondon ao norte e ao sul, o desconhecido principia nas duas beiras da ‘picada’, supondo que seu traçado seja ele próprio indistinguível da selva. É verdade que há o fio; mas este, que perdeu a utilidade logo depois de instalado, está frouxo entre os postes que não são substituídos quando desabam de podres, vítimas dos cupins ou dos índios que confundem o zumbido característico de uma linha telegráfica com o de uma colméia de abelhas selvagens trabalhando. Em certos lugares o fio se arrasta no chão; ou foi pendurado com displicência nos arbustos próximos. Por mais espantoso que pareça, a linha aumenta, mais do que desmente, a desolação do local.*

*As paisagens inteiramente virgens são de uma monotonia que priva sua selvageria de valor significativo. Elas se recusam ao homem, extinguem-se diante de seu olhar, em vez de lhe lançarem um desafio. Enquanto isso, na selva infinitamente recomeçada, a trincheira da ‘picada’, as silhuetas tortuosas dos postes, os arcos invertidos do fio que os une parecem objetos insólitos pairando na solidão, como vemos nos quadros de Yves Tanguy. Confirmando a passagem do homem e a*

---

<sup>166</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 246-247.

*inutilidade de seu esforço, eles marcam, com mais clareza do que se lá não estivessem, o extremo limite que o homem tentou ultrapassar. O aspecto de veleidade do empreendimento, o fracasso que o sancionou conferem um valor irrefutável aos desertos das redondezas.*”<sup>167</sup>

Ruínas, abandono, miséria e doenças. São estes os principais aspectos que Claude Lévi-Strauss vislumbra na região atravessada pela linha telegráfica construída por Rondon, pouco mais de 20 anos após a sua inauguração. A linha, mais do que garantir a ocupação produtiva dos sertões do noroeste, integrando-os ao país, marcou o limite extremo que o homem tentou – e não conseguiu – ultrapassar.

Parece que a mesma melancolia que havia tomado conta de Rondon no momento em que este chegou à antiga Vila Bela, invadiu também o espírito do antropólogo quando este partiu de Cuiabá com o objetivo de atravessar toda a zona cortada pela linha telegráfica. Tanto um quanto o outro se depararam com ruínas desoladoras e com uma população reduzida e fadada a uma vida solitária, doentia e miserável. A principal diferença entre as paisagens descritas por Rondon e Lévi-Strauss, quando chegaram, em momentos diferentes, à mesma região, foi exatamente a aparição de mais uma ruína aos olhos do antropólogo: a linha telegráfica – talvez a maior e mais imponente de todas. Aquela que seria a redentora de uma região isolada, deserta e semicivilizada; o maior símbolo de sua transformação num centro povoado, produtivo, integrado ao restante do país e aos valores da modernidade, da civilização e da República, acabou se transformando num gigantesco monumento do fracasso desta ambiciosa e malfadada epopéia.

Em 1907, Rondon viu as ruínas do período aurífero de Mato Grosso na antiga cidade de Vila Bela e disse que o nome mais apropriado para caracterizar a cidade, no momento em que pisava nela, seria o de *Vila Triste*. Trinta anos depois, Lévi-Strauss caminhou pela picada da linha telegráfica aberta pela CLTEMA à procura de grupos de índios Nambiquaras. Ele deu ao seu grande livro que combina memórias de viagens e análises antropológicas de sociedades indígenas do centro e do norte do Brasil o emblemático título de *Tristes Trópicos* e asseverou que “*a linha aumenta, mais do que desmente, a desolação do local*”.

---

<sup>167</sup> *Idem*, p. 256.

Podemos afirmar que nos oito anos em que a CLTEMA esteve nos sertões do noroeste ela foi responsável, como já foi sinalizado, pela realização de uma espécie de epopéia às avessas. Ao invés de colecionar grandes feitos responsáveis pelo surgimento de um novo pólo ocupado e produtivo para o país, como fora previsto no início da Comissão, ela redundou numa soma de fracassos de tamanho colossal: uma linha telegráfica obsoleta, inútil e em poucos anos arruinada; 187 mortos (de acordo com a estatística oficial apresentada no **quadro 1**, que exclui os homens transferidos para hospitais); estradas que não foram aproveitadas após o término da construção da linha; e, finalmente, o maior fracasso de todos, o do povoamento dos sertões do noroeste, minado pelas doenças e pelo medo que estas inspiravam nos seus potenciais novos habitantes.

O aspecto no qual a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas obteve importantes êxitos, para além da política indigenista, foi na produção de um conhecimento científico de cunho “enciclopédico” sobre os sertões do noroeste. Nesse ponto, ela se aproxima de uma outra expedição bastante distante dela tanto no tempo quanto no espaço: a conquista do Egito por Napoleão.

Em 1798, Napoleão invadiu o Egito com 18 mil soldados – *L’Armée D’Égypte* – e acompanhado por dezenas de *savants*. Segundo Edward Said:

*“Sua idéia era a de construir uma espécie de arquivo vivo para a expedição, na forma de estudos realizados sobre todos os tópicos pelos membros do Institut D’Égypte, que ele fundou.”*<sup>168</sup>

E, então:

*“De uma terra da obscuridade e de uma parte do Oriente que era até então conhecida de segunda mão pelas façanhas de antigos viajantes, eruditos e conquistadores, o Egito deveria tornar-se um departamento da erudição francesa. Aí também as atitudes textuais e esquemáticas são evidentes. O instituto, com suas equipes de químicos, historiadores, biólogos, arqueólogos, cirurgiões e antiquários,*

---

<sup>168</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras: 2007. p. 124.

era a divisão erudita do exército. A sua tarefa não era menos agressiva: traduzir o Egito em francês moderno; e, ao contrário da *Description de L'Égypte*, de 1735, do Abbé Le Mascrier, a de Napoleão deveria ser um empreendimento universal. Quase desde os primeiros momentos da ocupação Napoleão cuidou para que o Instituto começasse as suas reuniões, os seus experimentos – sua missão de revelar os fatos, como diríamos hoje em dia. Muito importante, tudo o que era dito, visto e estudado deveria ser registrado, e era realmente registrado naquela grande apropriação de um país pelo outro, a *Description de L'Égypte*, publicada em 23 enormes volumes entre 1809 e 1828.”<sup>169</sup>

O célebre exército reunido por Napoleão para a invasão ao Egito rendeu-se aos ingleses em meados de 1801, pouco mais de três anos após o início da campanha; no entanto, a criação do *Institut D'Égypte* somada à publicação da monumental *Description de L'Égypte*, produtos da presença francesa no Egito, são avaliadas por Said como os marcos do Orientalismo moderno, seu principal objeto de estudo.

Sem perder de vista as distintas dimensões históricas e outros aspectos divergentes dos dois empreendimentos – a diferença entre a conquista de um país habitado distante de sua própria pátria e o povoamento de uma região pertencente ao seu próprio país habitada apenas por pequenos grupos indígenas e alguns seringueiros; a diferença entre uma guerra e uma comissão organizada com o fito de instalar linhas telegráficas; a diferença entre uma investigação centrada em aspectos históricos, lingüísticos e culturais e outra concentrada em aspectos botânicos, zoológicos, nosológicos, antropológicos e geológicos; a diferença de mais de 100 anos entre as duas experiências – podem ser encontradas similaridades entre eles.

Napoleão realizou uma epopéia em busca de glória, venceu a Batalha das Pirâmides e conquistou o Egito, mas seu exército capitulou diante dos ingleses e a conquista do Egito se desvaneceu, restando apenas os 23 volumes da *Description*.

Rondon também realizou uma epopéia, também buscava a glória – da República, da CLTEMA e a sua própria – e venceu o desafio de construir as linhas telegráficas, mas os tão almejados povoamento e modernização dos sertões do noroeste, assim como a

---

<sup>169</sup> SAID. *Op. Cit.*, 2007. p. 128.

conquista do Egito, foi pouco mais que uma quimera da qual os 86 volumes publicados pela CLTEMA – e entre eles os relatórios médicos que atestam as freqüentes capitulações da Comissão frente à malária – são, hoje, simultaneamente a maior prova material de sua existência e uma de suas grandes realizações. O episódio da retirada da cidade de Mato Grosso, datado de fevereiro de 1908 – e, portanto, ainda no primeiro ano de duração da CLTEMA –, provocado pelo medo das doenças, já anunciava não só o recuo das tropas então posicionadas naquela cidade, mas o de todo o projeto de ocupação imediata da porção noroeste do território brasileiro.

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

### Publicações da CLTEMA:

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório / apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à / Divisão Geral de Engenharia (G5) do / Departamento da Guerra / pelo Coronel / Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão / 1º volume (Contém: – 363 págs., 42 fotogravuras e anexo um fascículo de “errata” contendo 27 páginas *In folio*) Pap. Luiz Macedo / Rio / s/d / (publicação nº1). ARTMHEx / FC.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Exploração do Rio Jaci-Paraná / pelo / Capitão Manuel Teóphilo da Costa Pinheiro / ajudante da Comissão / 1910 [Contém: 82 págs. inclusive 8 págs. de tabela. *In folio*] Pap. Macedo / Rio / (A 2º edição, acrescida do Diário da Expedição, organizado pelo 1º Tte. Amílcar A. Botelho de Magalhães e das respectivas plantas, foi realizada pelo C.N.P.I., na Imprensa Nacional, em 1949) / (Publicação nº5). AMI.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Serviço Sanitário / pelo Dr. Joaquim Augusto Tanajura / Médico da Expedição [Contém – 50 págs e 10 relações da turma expedicionária. *In folio*] Pap. Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação nº 19). ARTMHEx / FC.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Serviço Sanitário / Seção de Cáceres a mato Grosso / pelo / Dr. Armando Calazans 1º Tte. Médico [Contém: – 31 págs. com 6 mapas nosológicos dos doentes e / relatório. *In folio*] pap. Luiz Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação nº 20). ARTMHEx / FC.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório / Apresentado à Divisão de Engenharia (G.5) do Departamento da Guerra e à Diretoria Geral dos Telégrafos / pelo / Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão /*

3º volume / Compreendendo o 2º relatório parcial correspondente aos anos de 1911 e 1912 [Contém: - 346 págs e 2 mapas: 1º) Levantamento Expedito / do / Rio Juruena / entre o passo da Linha Telegráfica e a foz do Rio S. Manuel / e dos Rios / Cururu, Bararati e do Varadouro para o Sucundurizinho / Feito pela Expedição a cargo do Capitão / Manoel Theóphilo da Costa Pinheiro / Ajudante da Comissão / Completado com um trecho da linha telegráfica / mostrando os contribuintes da margem direita do Juruena / Impresso a diversas cores. Mede: 0m,640 x 1m,360. Escala 1: 500.000 / 1912; 2º) Linha-tronco de Vilhena / a José Bonifácio / Contem as explorações / dos campos de Comemoração de Floriano / aos campos de Maria de Molina / e variante do Vale do Veado Preto / - Impresso a diversas cores. Mede 0m,930 x 0m,610. Na parte esquerda superior do mapa encontra-se um pequeno esquema com os seguintes dizeres: “Esquema das Explorações entre o Juruena e o Madeira”. Impresso a 4 cores. Mede 0m,050 x 0m,090. Escala: 1: 4.000.000 / *in folio*] / s/d / (publicação nº 26). AMI.

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / (Serviço Sanitário) / Relatório / apresentado pelo / Capitão médico graduado / João Florentino Meira de Faria [Contém 18 págs, *In folio* 4º] 1916 / (Publicação nº 32). ARTMHEx / FC.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatórios diversos / projetos, orçamentos, medições, observações meteorológicas, etc. [Contém: 216 págs. *In folio*] Pap. Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (Publicação nº 37). AMI.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório / apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão Geral de Engenharia / do Departamento da Guerra / pelo / Tte. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão / (2º volume) Construção (1907 a 1910) [Contém: - 134 págs , 30 fotografuras fora do texto e 14 suplementos de coordenadas geográficas. *In folio*] Pap. Macedo / Rio de Janeiro / s/d / (publicação nº39). AMI.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Conferências / realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 / pelo / Cel. Cândido*

Mariano da Silva Rondon / no Teatro Fênix do Rio de Janeiro sobre trabalhos da / Expedição Roosevelt / e da Comissão Telegráfica [Contém – 261 págs. inclusive 22 fotogravuras impressas a uma só cor de variada tonalidade, sendo 13 de retratos – 1 esquema das “Alterações cartográficas do noroeste de Mato Grosso” a duas cores / mede 0m,245 x 0m,215,1 “Carta de um trecho da Carta da Nova Lusitânia” de – Silva Pontes 1798 (1804 ?) / Impressa a negro; mede 0m,255 x 0m,320 / 1 reprodução do esquema projetado durante a conferencia do Cel. Rondon com o que se mostra que os trabalhos da Comissão, por ele dirigida, fecharam o circuito telegráfico do Brasil” / impresso em azul, mede 0m,155, 1 carta do Noroeste de Mato Grosso de acordo com os trabalhos da Comissão Rondon – 1915”. Reprodução do esquema projetado durante a conferência do Cel. Rondon e onde se vê o traçado da linha telegráfica, a estrada de automóveis e os principais rios descobertos ou explorados” – impresso em azul escuro mede 0m,155 x 0m,150. *In folio* 4º] Rio de Janeiro 1916 / (publicação n° 42). ARTMHEx / FC.

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Relatório apresentado ao Chefe da Comissão Brasileira / pelo Médico da Expedição Dr. José Antônio Cajazeira / Cap. Médico do Exército / 1914 [Contém 125 págs. e 2 escalas de observações meteorológicas, In 4º] Rio de Janeiro / Tip. Jornal do Comércio / s/d / (publicação n° 55). AMI.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Exploração e Levantamento do rio Jamari / Relatório / apresentado em 1911 ao Sr. Tte. Coronel Chefe da Comissão / pelo / 2º Tte. Otávio Felix Ferreira e Silva [Contém – 27 págs. 32 fotogravuras e 1 pág. De “Perfis transversais dos rios Jamari e seus / afluentes”. *In folio*]. 1920 / Pap. Macedo / Rio / s/d / (publicação n°57). ARTMHEx / FC.*

*Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / Conferências / realizadas em 1910 / no / Rio de Janeiro e em São Paulo / pelo / Tte. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon / Chefe da Comissão. [Contém – 112 págs., 3 conferências e 14 fotogravuras fora do texto / Rio de Janeiro 1919 / (2ª edição em 1946) / (publicação n° 68). AMI.*

## **Relatórios Ministeriais:**

Relatórios anuais do Ministério da Guerra:

1- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. Ministro de Estado da Guerra. Em Junho de 1908.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.

2- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1909.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

3- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil por José Bernardino Bormanno. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1910.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

4- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão Emigdio Dantas Barreto. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1911.* Imprensa Militar, Departamento Central, Capital Federal, 1911.

5- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1912.* Imprensa Militar, Estado-Maior do Exército, Capital Federal, 1912.

6- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1913.* Imprensa Militar, Grande Estado-Maior do Exército, Capital Federal, 1913.

7- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva. Ministro de Estado da Guerra. Em Outubro de 1914.* Imprensa Militar, Grande Estado-Maior do Exército, Capital Federal, 1914.

8- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão José Caetano de Faria. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1915.* Imprensa Militar, Estado-Maior do Exército, Capital Federal, 1915.

9- Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão José Caetano de Faria. Ministro de Estado da Guerra. Em Maio de 1916.* Imprensa Militar, Estado-Maior do Exército, Capital Federal, 1916.

Relatórios anuais do Ministério das Indústrias, Viação e Obras Públicas:

1- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1908. 20º da República.* Volume 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.

2- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1908. 20º da República.* Volume 2. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.

3- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1908. 20º da República.* Volume 3. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.

4- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1908. 20º da República.* Volume 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

5- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1909. 21º da República.* Volume 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

6- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1909. 21º da República.* Volume 2. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

7- Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1909. 21º da República.* Volume 3. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

Relatórios anuais do Ministério da Viação e Obras Públicas:

1- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. Francisco Sá.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

2- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. J.J. Seabra.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1911.

3- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. José Barbosa Gonçalves*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1912.

4- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. José Barbosa Gonçalves*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

5- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. José Barbosa Gonçalves*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915.

6- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. Augusto Tavares de Lyra*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915.

7- Ministério da Viação e Obras Públicas. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. Augusto Tavares de Lyra*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1917.

Relatórios anuais do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio:

1- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda no ano de 1910. 22º da República*. Volume 1. Rio de Janeiro, Oficinas da Diretoria Geral de Estatísticas, 1910.

2- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio Dr. Pedro de Toledo no ano de 1911. 23º da República*. Volume 1. Rio de Janeiro, Oficinas da Diretoria Geral de Estatísticas, 1911.

3- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Pedro de Toledo. Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio. No ano de 1912. 91º da Independência e 24º da República.* Volume 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1912.

4- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Pedro de Toledo. Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio. No ano de 1912. 91º da Independência e 24º da República.* Volume 2. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.

5- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Pedro de Toledo. Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio. No ano de 1913. 92º da Independência e 25º da República.* Volume 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

6- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Manoel Edwiges de Queiroz Vieira. Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio. No ano de 1914. 93º da Independência e 26º da República.* Volume 1. Rio de Janeiro, Tipografia do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1914.

7- Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti. Ano de 1915.* Rio de Janeiro, Tipografia da Diretoria Geral de Estatística, 1915.

8- *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti. Ano de 1916.* Volume 1. s/d.

9- *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti. Ano de 1916. Volume 2. s/d.*

**Outros Documentos:**

BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar. *Pela Comissão Rondon*. 1919. ARTMHEx / FC.

CAMPOS, Murillo. “Notas do Interior do Brasil”. *Archivos Brasileiros de Medicina*. 3 (2) 1913, pp. 195-196.

*Fé de Ofício do General Candido Mariano da Silva Rondon de 1881 a 1930*. ARTMHEx / FC – Pasta 25ª / n°010517.

*Instruções pelas quais se deverá guiar o chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, organizadas de acordo com a letra b, n. XXI, art. 35, da lei n. 1.617, de 30 de dezembro de 1906.*

*Ministério da Agricultura – Conselho Nacional de Proteção aos Índios*. Catálogo Geral das Publicações da “Comissão Rondon” e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios / Anexa uma relação de outras publicações em conexão com os trabalhos da “Comissão Rondon” / Departamento de Imprensa Nacional / Rio de Janeiro / 1950 / (publicação n°96). AMI.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Marly, BENCHIMOL, Jaime et alii. *A ciência a caminho da roça. Imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil (1903-1911)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. 1991.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995. pp. 145-51.
- ANDERSON, Robin L. *Colonization as exploitation in the Amazon Rain Forest, 1758-1911*. Gainesville: University of Florida Press, 1999.
- BARMAN, Roderick J. *Brazil: The forging of a nation, 1798-1852*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- BARMAN, Roderick J. *Citizen emperor: Pedro II and the making of Brazil (1825-1891)*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
- BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ UFRJ, 1999.
- BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos; um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. 1º. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Divisão de Editoração Biblioteca Carioca, 1990.
- BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.719-762, jul-set. 2008.

·BERTHOLD, Victor M. *History of the telephone and telegraph in Brazil (1851-1921)*. Nova York: s. e., 1922.

·BHERING, Marcos Jungmann. Positivismo e modernização: Políticas e Institutos Científicos de Agricultura no Brasil (1909-1935). Dissertação de mestrado PPGHCS – COC/ FIOCRUZ.

·BIGIO, Elias dos Santos. *Cândido Rondon: a integração nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

·BIGIO, Elias dos Santos. *Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1996.

·BOTELHO DE MAGALHÃES, Amilcar A. A. Comissão Rondon em rápidos traços. *Brasil Novo*, maio de 1925.

·BOTELHO DE MAGALHÃES, Amilcar A. A. *A obra ciclópica do general Rondon*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.

·BOTELHO DE MAGALHÃES, Amilcar A. A. *Rondon: uma relíquia da pátria*. Rio de Janeiro: Guaíra, 1942.

·BRADBURY, Alex. *Guide to Brazil: Amazon, Pantanal, Coastal Regions*. Old Saybrook: Globe Pequot Press, 1997.

·BROCA, Brito. A vida literária no Brasil-1900. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ Deptº de Cultura da Guanabara, 1975.

·CAMPOS, Murillo. Notas do interior do Brasil. Do Rio de Janeiro a Cuiabá (via Goiás). *Brasil-Médico*. Ano XXVII, N.12. 22 de Março de 1913.

·CAPONI, Sandra. Trópicos, micróbios y vectores. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. 9 (suplemento): 111-38, 2002.

·CAPONI, Sandra. Coordenadas epistemológicas de la medicina tropical. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. 10 (1): 113-49, jan.-abr. 2003.

·CARNEIRO, João Mariano Aveiro. *Filosofia e educação na obra de Rondon*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

·CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

·CARVALHO, José Murilo de. Armed Forces and politics in Brazil (1930-1945). *Hispanic American Historical Review*, vol. 62, n. 2, maio de 1982. pp. 193-223.

·CARVALHO, José Murilo de. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (ed.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III, vol. 2. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Difel, 1978. pp. 183-224.

·CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

·CARVALHO, José Murilo de. A ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média. In: CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. pp. 189-201.

·CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

·CASTRO, Eduardo Viveiros de e CUNHA, Manuela Carneiro da (eds.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1993.

·CAVALCANTE, Else e RODRIGUES, Maurim. *Mato Grosso e sua história*. Cuiabá: Gráfica Liberal, 1999.

·CHAGAS, Carlos. Notas sobre a epidemiologia do Amazonas. In: CRUZ, Oswaldo; CHAGAS, Carlos e PEIXOTO, Afrânio. *Sobre o saneamento da Amazônia*. Manaus: P. Daou, 1972. pp. 159-75.

·CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril - cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

·CHAZKEL, Amy. The crônica, the city, and the invention of the underworld: Rio de Janeiro (1889-1922). *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, vol. 12, n. 1, Janeiro-Junho de 2001. pp. 79-105.

·CLEARY, David. Towards an environmental history of the Amazon: from pre-history to the nineteenth century. *Latin American Research Review*, vol. 36, n. 2, 2001. pp. 65-96.

·COUTINHO, Edilberto. *Rondon: o civilizador da última fronteira*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1975.

·CRUZ, Oswaldo; CHAGAS, Carlos e PEIXOTO, Afrânio. *Sobre o saneamento da Amazônia*. Manaus: P. Daou, 1972.

·CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

·DIACON, Todd A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

·DIACON, Todd A. Bringing the countryside back in: a case study of military intervention as state building in the Brazilian Old Republic. In: *Journal of Latin American Studies*, vol. 27, 1995. pp. 569-92.

·DIACON, Todd A. *From green hell to green paradise: Cândido Mariano da Silva Rondon and the development of the Amazon Basin*. Trabalho apresentado no 6. International Congress of the Brazilian American Studies Association. Atlanta, Georgia, 4-6 de abril de 2002.

·DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as Ciências Naturais no Brasil Império. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

·EDLER, Flávio Coelho. *A constituição da medicina tropical no Brasil oitocentista: da climatologia à parasitologia médica*. Tese de doutorado, IMS/UERJ, 1999.

·EDLER, Flávio Coelho. De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. XIII (suplemento). pp. 925-43. 2001.

·EHLERT, João Marcelo. *A “Rússia Americana”: A terra no pensamento social brasileiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. IUPERJ. 2006.

·HARDMAN, F. F. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

·HARDMAN, F. F. A Amazônia como Voragem da História: impasses de uma representação literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 15, 2007. pp. 207-221.

·HARDMAN, F. F. A vingança da Hiléia: os sertões amazônicos de Euclides. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 144, n. 144, 2001. pp. 29-61.

·HARDMAN, F. F. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

·HOCHMAN, Gilberto. Logo ali, no final da Avenida: Os sertões redefinidos pelo movimento sanitarista da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. V (suplemento). Rio de Janeiro, Julho, 1998.

·KROPF, Simone. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2006.

·LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 256.

·LIMA, Antonio Carlos de Souza. O santo soldado: pacificador, bandeirante, amansador de índios, civilizador dos sertões, apóstolo da humanidade. Uma leitura de Rondon conta a sua vida, de Esther de Viveiros. In: *Comunicação*, vol. 21, 1990. pp. 1-80.

·LIMA, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. V (suplemento). Rio de Janeiro, Julho, 1998.

·LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM, 1999.

·LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca Saúde e Muita Saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto. (Org.). *Cuidar, Controlar, Curar. Ensaio históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2004.

·LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de. Science and Territory in Brazil: the Strategic Telegraph Commission of Mato Grosso to Amazonas (1907-1930). *Minerva. Review of Science, Learning and Policy* (London), 2008. No prelo.

·LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (eds.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. pp. 23-40.

·LINS, Ivan. A obra educativa do general Rondon: discurso do Sr. Lins ao receber o Sr. general Rondon como sócio honorário da Associação Brasileira de Educação, 17 de setembro de 1940". In: RONDON, general Cândido Mariano da Silva. *Rumo ao oeste: conferência realizada pelo general Rondon no D.I.P. em 30-IX-40 e discursos do Dr. Ivan Lins e do general Rondon, pronunciados na Associação Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1942. pp. 36-54.

·MACCANN, Frank. *Soldados da Pátria: História do Exército brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 119.

·MACIEL, Laura Antunes. Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 41, 2001. p. 127-144.

·MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um Fio. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998.

·MADER, Maria Elisa Noronha de Sá. *O vazio: o sertão no imaginário da colônia nos séculos XVI e XVII*. Dissertação (Mestrado em história). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica. 1995.

·MALIGO, Pedro. *Land of metaphorical desires: the representation of Amazonia in Brazilian literature*. Nova York: Peter Lang, 1998.

·*Missão Rondon: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915.* Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

·MORAES, Antonio Carlos Robert. “O Sertão: um ‘outro’ geográfico”. Rio de Janeiro, *Terra Brasilis*, n.4-5, 2003, pp.11-23.

·MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território e história no Brasil.* São Paulo, Annablume, 2004.

·NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical – sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

·NEVES, M. de S. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. . In: NEVES, Lucília Almeida Neves; FERREIRA, Jorge Luís. (Org.). *Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política.* 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

·RIBEIRO, Rafael Winter. *A invenção da diversidade: construção do Estado e diversificação territorial no Brasil (1889-1930),* Tese de Doutorado, Departamento de Geografia da UFRJ, 2005.

·RONDON, General Cândido Mariano da Silva. *Conferências de 1915: versão em inglês da publicação n. 4 por R. G. Reidy e Ed. Murray.* Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1916.

·RONDON, General Cândido Mariano da Silva. *Rumo ao oeste: conferência realizada pelo general Rondon no D.I.P. em 30-IX-40 e discursos do Dr. Ivan Lins e do general Rondon, pronunciados na Associação Brasileira de Educação.* Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1942.

·SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, Jul. - Set. 2008. vol. 15, n. 3, pp. 779-810.

·SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras: 2007. p. 128.

·SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Dez 2007, vol.14, pp.15-50.

·SCHWEICKARDT, Júlio César. *Ciência, Nação e Região: As doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas (1890-1930)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro. 2009. p. 62.

·SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida privada no Brasil-República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

·SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

·SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina. Mentres sãs em corpos rebeldes*. São Paulo. 1987.

·SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3a. ed. Martins Fontes, 1983.

·SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: UFG. 1997.

·STEPAN, Nancy Leys. *Picturing Tropical Nature*. London. Reaktion Books. 2001, p. 14.

·SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

·SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

·VIVEIROS, Esther. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958.